

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

ANDRESSA PIRES BOPSIN

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA INICIANTE E A ORGANIZAÇÃO DO  
TRABALHO PEDAGÓGICO

PORTO ALEGRE

2011

ANDRESSA PIRES BOPSIN

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA INICIANTE E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO  
PEDAGÓGICO

Monografia apresentada como Trabalho de Conclusão de  
Curso, exigência final para obtenção da titulação de  
Licenciada em Educação Física na Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul

Orientador: Prof. Dr. Vicente Molina Neto.

Porto Alegre

2011

Andressa Pires Bopsin

PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA INICIANTE E A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO  
PEDAGÓGICO

TRABALHO DE CONCLUSÃO DO CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Conceito Final:

Aprovado em ..... de ..... de 2011.

BANCA EXAMINADORA

---

Avaliador – Prof.

---

Orientador – Prof. Dr. Vicente Molina Neto

## Agradecimentos

*À sociedade brasileira que contribui com impostos, mantendo as poucas Universidades Públicas e Gratuitas existentes no Brasil. Sendo assim, oportunizando, mesmo sendo minoria, o direito de estudar e me formar como professora de Educação Física.*

*Ao professor Molina que oportunizou a minha vivência como bolsista de Iniciação Científica e me orientou neste estudo, dando autonomia nas leituras e referências teóricas, ao Grupo F3P-EFICE e aos professores/colaboradores. Muito obrigada pelos ensinamentos, aprendizados compartilhados e parceria.*

*Aos Colegas queridos da Creche da UFRGS: Prof<sup>a</sup> Miriam, que sob a supervisão dedicada, paciente e humilde compartilhou muitos ensinamentos e aprendizados, contribuindo na minha formação como professora; professoras Érica e Raquel e colegas de graduação Bruna Góis, Cristiano Ransolin e Vanessa Tucartti, obrigada pela parceria de sempre!*

*Aos Colegas da Barra Roxa pelos momentos de alegria e a oportunidade de construir amizades que levarei pro resto da vida. Adoro todos vocês!*

*Aos Colegas do CAPS II do Clínicas, pois pude conhecer pessoas fenomenais: Cleni, Jaque, Abib, Duran, Giu, Miri, Cris Arioli, Maurício e Raquel, essa amizade vai para além do trabalho. Vocês são demais!*

*Aos Colegas e amigos do Grupo de Dança Paralelo 30 pelos momentos maravilhosos no Peru e de brincadeiras por aí afora.*

*Ao DAEFI pelos momentos, como: reuniões, discussões, críticas, estudos, trabalho, ocupação na Reitoria, conquista do RU na ESEF e organização do ENEEF com mais de 650 estudantes em 2008, campanha pela Formação Unificada, luaus, Carnabixos, enfim, acho que não cabe aqui o monte de coisas que fizemos juntos. Pelo meu contato com esse coletivo de luta é que foi possível me formar como professora capaz de fazer uma leitura real da vida. Também, se não fosse por este contato, não teria encontrado o meu companheiro, então, a vocês: Abib, Alemão, Antônio, Berna, Carol, Dudu, Duran, Eugênio, Fred, Geová, Gil, Isa, Karen, Lari, Luizão, Luti, Marião, Martina, Mateus Balardin, Maurício, Nessa, Nina, Pat, Paulinha, Pedro, Pi, Régis, Salsa, Shin, Tati, Vico Operário, Vivi, Wareja e Zíngano. Muito obrigada!*

*Ao Geová que me auxiliou muito na construção deste trabalho, me ensinou que sempre temos no que avançar e que um bom estudo se faz com disciplina e planejamento. Muito obrigada pela parceria, críticas, elogios, sugestões e, principalmente, por ter acreditado em mim!*

*Às Famílias Bernardi e Bardemaker pelo acolhimento, carinho e amizade. Adoro vocês!*

*Ao meu amor, companheiro, namorado, amigo e colega, Guilherme B. Bernardi, que faz parte de minha trajetória acadêmica e de minha vida desde 2007. Muito obrigada por ter me acompanhado com fidelidade nos bons e maus momentos. Te amo!*

*À minha Família linda: Ao meu Pai, Elodir, minha Mãe, Anelise, aos meus irmãos, Ander, Déia, Dudu e Mine, à minha Vó, Maria, não fiz o curso somente por mim, mas também por vocês. Especialmente ao meu Pai e minha Mãe, pois, se não fosse pelo suor do trabalho de vocês eu não teria estudado. Amo muito vocês!*

## Resumo

O presente estudo se insere na linha de pesquisa do grupo de estudos qualitativos Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE) e tem como foco o professor de Educação Física (EF) iniciante em exercício nas escolas Municipais de Porto Alegre e a organização do trabalho pedagógico, sendo assim, aprofundando estudos sobre esta temática. O problema orientador desta pesquisa está sintetizado na seguinte questão: De que forma o professor de EF iniciante constrói o trabalho pedagógico nas escolas da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (RMEPOA)? Dado o problema de conhecimento busquei como objetivo para este trabalho analisar e compreender a organização do trabalho pedagógico dos professores de EF iniciantes na RMEPOA graduados no curso de Licenciatura em EF da ESEF/UFRGS. Para realizar esta pesquisa, utilizei como metodologia o estudo de caso de caráter qualitativo e como instrumentos de coleta de informações entrevistas semi-estruturadas e observação participante com a confecção de um diário de campo. As observações foram feitas em duas escolas da RMEPOA, totalizando, aproximadamente, 20 horas de observação. Foram realizadas 3 entrevistas com professores de EF, totalizando, aproximadamente, 2 horas de entrevistas. Ao final do trabalho de campo, analisei as informações coletadas relacionando com o referencial teórico inicial para que pudesse alcançar os objetivos propostos. Da análise das informações emergiram duas categorias analíticas, o que possibilitou uma maior compreensão do problema de pesquisa, são elas: a) o choque com a realidade; b) do choque inicial à organização do trabalho pedagógico. Concluí que existem dificuldades que influenciam na organização do trabalho pedagógico desses professores, causando o choque com a realidade assim que iniciam nas escolas da RMEPOA. Porém, frente a isto tentam construir o trabalho pedagógico através da análise do contexto escolar em que estão inseridos, da reflexão sobre como avaliar os estudantes, como organizar os conteúdos da EF, o que ensinar e, também, sobre a própria formação inicial, no caso, a formação da ESEF/UFRGS, se ela subsidia para esta realidade chocante e como poderia contribuir para o enfrentamento das dificuldades nas escolas públicas.

Palavras-Chave: Professor Iniciante. Educação Física. Organização do Trabalho Pedagógico

## Resumen

El presente estudio está ubicado en la línea de investigación del Grupo de Estudios Cualitativos Formación de Profesores y Práctica Pedagógica en Educación Física y Ciencias del Deporte (F3P-EFICE). Tiene como foco el profesor de Educación Física (EF) principiante que actúa en las escuelas del Ayuntamiento de Porto Alegre y la organización de su trabajo pedagógico. Buscamos en este estudio, profundizar las cuestiones sobre estas temáticas y sus relaciones. El problema clave de la investigación está puesto en la siguiente indagación: ¿de qué forma el profesor principiante construye el trabajo pedagógico en las escuelas del Ayuntamiento de Porto Alegre (RMEPOA)? En función de tal problema de investigación, he adoptado como objetivo general del estudio analizar y comprender la organización del trabajo pedagógico de los profesores de EF principiantes en la RMEPOA que obtuvieran el grado de licenciado en Educación Física en la ESEF/UFRGS. Para realizar esta investigación, como metodología he utilizado el estudio de caso cualitativo y como instrumentos de recogida de informaciones, las entrevistas semiestructuradas y observaciones participantes, además de un diario de campo. Las observaciones han sido realizadas en dos escuelas de la RMEPOA, con un total de veinte horas de observación. He realizado tres entrevistas con profesores de EF, con un total de dos horas de grabación. Al final del trabajo de campo, he analizado las informaciones recogidas relacionando con el referencial teórico para llegar a los objetivos propuestos. Del análisis de las informaciones, surgieron dos categorías analíticas que han posibilitado una mejor comprensión del problema de investigación. Las categorías son: a) el choque con la realidad; b) del choque inicial a la organización del trabajo pedagógico. He concluido que existen dificultades que influyen en la organización del trabajo pedagógico de los profesores, provocando el choque con la realidad así que empiezan a trabajar en las escuelas de la RMEPOA. Pero frente a estas situaciones, los profesores intentan construir el trabajo pedagógico a través: del análisis del contexto escolar en que están ubicados, de la reflexión sobre cómo evaluar los estudiantes, cómo organizar los contenidos de la EF y cómo definir lo que enseñar. Reflexionan también, la propia formación inicial – en este caso, la formación de la ESEF/UFRGS – analizando si esta, subsidia para la realidad chocante y cómo podría contribuir para el enfrentamiento de las dificultades en las escuelas públicas.

Palabras clave: Profesor Principiante. Educación Física. Organización del trabajo pedagógico.

## Abstract

The present study is inserted in the research's line on the qualitative studies group "Formação de Professores e Práticas Pedagógicas em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE)" and has in focus the Beginner Physical Education teacher who teaches in Municipal schools from Porto Alegre and the organization of the pedagogical practice, making deeper the studies about this theme. The main problematical of this research is summarized in this question: How does the beginner teacher of PE build his pedagogical practice in Municipal schools from Porto Alegre? Given this knowledge problem I've searched analyse and comprehend the organization of pedagogical practice of the beginner PE teachers in RMEPOA; graduated in the course of PE from ESEF/UFRGS. To realize this research, I used like methodology the study about the qualitative aspects and like to collect datas, interviews and observations, making diary notes. The observations were made in two Municipal schools from Porto Alegre, with 20 hours in totally. Three interviews were made with PE teachers, totalizing about 2 hours. At the end of the work camp, I analysed the datas relating them with the theoretical reference to reach the objectives. From this analyses emerges a na analytical categories that could improve the comprehension of the reaeach problem. They are: a) schoking with the reality; b) schoking with the beginning of the pedagogical practice. I conclude that there are difficulties which influence the organization of the pedagogical practice of these teachers, causing clock with the reality at the beginning of their practice at RMEPOA schools. Howerer, they try to build the pedagogical practice through the analyses of the school environment they are insert, the valuation's reflektion of the students, how organize the contentes of PE, what teach ti them, and the graduation in PE of ESEF/UFRGS. If the course prepares to the schoking reality and how it could contribute to the confronto f public schools difficulties.

Key words: beggimer teachers, physical education, pedagogical practice organization.

## **Lista de Abreviaturas e Siglas**

CBCE – Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte  
CES – Câmara de Educação Superior  
CNE – Conselho Nacional de Educação  
CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico  
CONBRACE – Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte  
COMGRAD – Comissão de Graduação do curso de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
DAEFI – Diretório Acadêmico de Educação Física e Dança  
DCNEF – Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de graduação em Educação Física  
EF – Educação Física  
ENEEF – Encontro Nacional de Estudantes de Educação Física  
EREEF – Encontro Regional de Estudantes de Educação Física  
ESEF – Escola de Educação Física  
EXNEEF – Executiva Nacional de Estudantes de Educação Física  
F3P-EFICE – Grupo de Pesquisas Qualitativas em Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte  
IC – Iniciação Científica  
IES – Instituições de Ensino Superior  
MEEF – Movimento Estudantil de Educação Física  
PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica  
RBCE – Revista Brasileira de Ciências do Esporte  
REDE CEDES – Rede Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer  
RMEPOA – Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre  
SMED – Secretaria Municipal de Ensino de Porto Alegre  
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso  
UFRGS – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

## **Lista de Quadros**

Quadro 1 – Professores/Colaboradores do estudo .....	32
--	----

## Sumário

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS .....	11
2 APROXIMAÇÃO AO PROBLEMA .....	15
2.1 PROFESSOR INICIANTE .....	15
2.2 DO TRABALHO EM GERAL AO TRABALHO PEDAGÓGICO .....	16
2.3 FORMAÇÃO INICIAL A PARTIR DO GRUPO F3P-EFICE .....	21
3 DECISÕES METODOLÓGICAS .....	27
3.1 CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO .....	27
3.2 PROBLEMA DA PESQUISA .....	27
3.3 OBJETIVOS DA PESQUISA .....	27
3.4 PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE COLETA DE INFORMAÇÕES .....	28
3.4.1 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE .....	28
3.4.2 ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA .....	29
3.5 SELEÇÃO DOS COLABORADORES .....	30
3.6 COLABORADORES/AS DO ESTUDO E APROXIMAÇÕES AO CAMPO .....	31
4 ANÁLISE DAS INFORMAÇÕES .....	33
4.1 O CHOQUE COM A REALIDADE .....	33
4.2 DO CHOQUE INICIAL À ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO PEDAGÓGICO .....	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	51
REFERÊNCIAS .....	54
APÊNDICES .....	57
APÊNDICE 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO .....	57
APÊNDICE 2 – ROTEIRO DA ENTREVISTA .....	61
APÊNDICE 3 – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS .....	62

## 1 Considerações Introdutórias

Desde que ingressei na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS)<sup>1</sup>, tentei objetivar o meu desejo em trabalhar “com” e “na” escola. Por isso, a minha escolha na inscrição do Concurso Vestibular 2006 da UFRGS foi pelo curso de Licenciatura em Educação Física (EF), pelo fato de saber que cursando a Licenciatura eu poderia atuar no âmbito escolar. Porém, logo no início do curso, percebi a predominância de conteúdos oriundos do âmbito das ciências biológicas, como: anatomia, cinesiologia, biomecânica, fisiologia humana, fisiologia do exercício, entre outras, e poucas disciplinas abordando a EF no âmbito escolar e do trabalho pedagógico.

A partir disso, senti a necessidade de me aproximar de temas acerca da docência na EF escolar e do trabalho pedagógico. Foi então que busquei participar de espaços que tratassem dos referidos temas, como: Encontros Regionais e Nacionais de estudantes de EF, grupos de estudos e espaços de formação do Diretório Acadêmico de EF e Dança (DAEFI), Semana Acadêmica, Seminários, Congressos, estágios não-obrigatórios, Projetos de Extensão e Projetos de Iniciação Científica.

Além dessa análise, não conseguia relacionar as teorias das salas de aula com o trabalho pedagógico. Essa percepção foi cada vez mais identificada em minha vivência no Movimento Estudantil<sup>2</sup> de EF a partir das discussões que participei, pautadas nos estudos do DAEFI e da Executiva Nacional dos Estudantes de Educação Física (EXNEEF), como, por exemplo, a penúltima cartilha realizada por esta entidade pautando a reestruturação curricular, bem como sua importância e urgência (EXNEEF, 2010). Questões como o distanciamento entre teoria e prática, a escola sendo pouco abordada durante a formação inicial, as práticas das disciplinas não condizerem com a realidade precária das escolas brasileiras, a formação fragmentada em Licenciatura e Bacharelado, o tripé ensino/pesquisa/extensão não sendo contemplado durante a graduação, dentre outros, foram questões que determinaram a minha intenção de analisar nossa formação de forma crítica, através de um estudo científico. Pois, os estudos realizados que abordam a temática sobre formação de professores em EF e o trabalho pedagógico ainda são poucos e, também, desvalorizados durante a formação inicial na ESEF/UFRGS.

---

<sup>1</sup> Ingressei na ESEF/UFRGS no 2º semestre de 2006, prestando vestibular para o curso de Licenciatura em Educação Física, com a informação de que o Licenciado poderia somente atuar em Escolas.

<sup>2</sup> Fiz parte da nominata do Diretório Acadêmico de EF e Dança nos anos de 2007, 2008, 2010 e 2011. Desde então, participo de Encontros Regionais e Nacionais organizados pelos estudantes.

Em junho de 2010, então, fui contemplada com a Bolsa de Estudos de Iniciação Científica (IC) no Grupo de Estudos Qualitativos Formação de Professores e Práticas Pedagógicas em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE), vinculada à Rede Centro de Desenvolvimento do Esporte Recreativo e do Lazer (REDE CEDES), do Ministério do Esporte, com a tarefa de resgatar a história deste Grupo e de identificar, analisar e compreender de que forma ele vinha e vem contribuindo com a formação de professores e do trabalho pedagógico, tanto na formação inicial como na formação permanente, de futuros e/ou atuais professores da RMEPOA. Essa pesquisa culminou no artigo intitulado: “Contribuições do grupo de pesquisa F3P-EFICE para a formação de professores e Prática Pedagógica na ESEF/UFRGS e na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre” (BOPSIN *et al.*, 2011).

Após o término da bolsa de estudos citada anteriormente e já no início de 2011, fui contemplada, novamente, com outra bolsa de IC do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico da UFRGS (PIBIC CNPq-UFRGS), na qual estava vinculada – e até o presente momento ainda está – a um projeto maior intitulado: “Os Primeiros Anos de Trabalho na Escola: Efeitos na Identidade, na Autonomia e na Formação do Professorado de Educação Física” (MOLINA NETO, 2011). Desde então, iniciei leituras que pudessem contribuir para a presente investigação.

Após, parti para as leituras de trabalhos que o próprio Grupo de Pesquisas F3P-EFICE tem realizado desde o final dos anos 90, principalmente àqueles que colocam como discussão central a formação inicial de professores de EF na ESEF/UFRGS, pois, é nesta instituição que os professores/colaboradores deste trabalho foram graduados como professores Licenciados em EF. A partir destas leituras, vi que a formação inicial de professores da ESEF/UFRGS não subsidia a organização do trabalho pedagógico dos estudantes de EF em Licenciatura durante os estágios obrigatórios. Pois, além de os estágios se encontrarem ao final do Curso, depois de termos passado por toda uma gama de estudos teóricos, sendo, desta forma, a teoria desvinculada da prática, ou seja, a teoria não condiz com a realidade das escolas, ainda temos um currículo que está organizado de forma fragmentada, tanto em relação à distinção entre dois cursos – bacharelado e licenciatura –, quanto na organização das disciplinas, onde os estudantes não conseguem estabelecer uma relação entre as disciplinas (BERNARDI, 2008; FILIPPINI, 2010).

Apesar de essas pesquisas terem e estarem servindo como um avanço no que diz respeito a reestruturação curricular que a ESEF/UFRGS vem passando, como nas pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nesta instituição em relação à formação de professores, não foi

encontrado nenhum estudo no interior desse Grupo de Pesquisa realizado com o professor de EF iniciante, mas sim, com professores mais experientes, com mais de 5 anos de carreira ou com estudantes em formação. Desse modo, como problema orientador desta pesquisa, foi formulada a seguinte pergunta: “de que forma o professor de EF iniciante constrói o trabalho pedagógico nas escolas da RMEPOA?” Trata-se de um estudo de caso de caráter qualitativo e tem por objetivo analisar e compreender a organização do trabalho pedagógico dos professores de EF iniciantes na RMEPOA graduados/as no curso de Licenciatura em EF da ESEF/UFRGS.

Após iniciado este estudo e de ter encontrado as questões trazidas anteriormente, iniciou-se uma revisão teórica, onde procurei compreender o contexto no qual os professores iniciantes estão inseridos, se fazendo necessário, então, compreender a relação entre o trabalho, a educação e a sociedade, sendo a educação entendida como um processo de trabalho e o trabalho um processo de produção da existência humana na sociedade. A partir disso, foi possível compreender a organização do trabalho pedagógico e a formação de professores de EF na ESEF/UFRGS. Junto a essa revisão de literatura e da compreensão do contexto mais amplo no qual estamos inseridos, ou seja, da forma como a sociedade vem se organizando e está organizada nos tempos atuais, desenvolvi um trabalho de campo em parceria com três professores de duas escolas da RMEPOA e que foram graduados na ESEF/UFRGS.

Para alcançar os objetivos propostos, utilizei como instrumento de coleta de informações a observação participante e a confecção de um diário de campo, que serviu como auxílio na estruturação da entrevista semi-estruturada. Ao final do trabalho de campo, relacionei o referencial teórico com as análises das informações coletadas. Desta análise, foram criadas duas categorias, na qual emergiram do campo e que nos permitem responder o problema de pesquisa, compreendendo, assim, de que forma o professor de EF iniciante constrói o trabalho pedagógico nas escolas da RMEPOA, sendo elas: o choque com a realidade: que traz algumas das problemáticas que os três professores/colaboradores enfrentam em seus trabalhos; do choque inicial à organização do trabalho pedagógico: na qual traz de que forma os professores deste estudo constroem o trabalho pedagógico em relação às problemáticas colocadas na categoria anterior.

A seguir, iniciarei a discussão deste trabalho através da aproximação ao problema, que foi estruturado da seguinte forma: *professor iniciante*, argumentando o que consideramos como sendo um professor em início de carreira e quais as problemáticas enfrentadas nesses primeiros anos de docência, apontados em outros estudos; *do trabalho em geral ao trabalho*

*pedagógico*, pois entendo que se faz necessário compreender o contexto no qual o professor de EF iniciante está inserido; por último, a *formação inicial a partir do Grupo F3P-EFICE*, pois tratam de pesquisas sobre a formação de professores da ESEF/UFRGS, onde os professores/colaboradores desta pesquisa foram formados.

## **2 Aproximação ao problema**

A seguir, apresentarei a aproximação ao problema que está dividida em três seções: a) professor iniciante; b) do trabalho em geral ao trabalho pedagógico e c) a formação inicial a partir do grupo F3P-EFICE.

### **2.1 Professor Iniciante**

Início esta seção colocando o que entendo como sendo um professor de EF iniciante, argumentando, através de Souza (2009), que “aproximadamente os primeiros cinco anos marcam o início na carreira” (p. 36). Ainda, segundo a autora, é complexo estabelecer quando o professor em início de carreira deixa de ser “iniciante”, pois esta expressão diz respeito a uma categoria “transitória e situacional”.

No entanto, cabe ressaltar que, no caso deste estudo, um dos três professores/colaboradores possui 5 anos de experiência docente em escolas: 5 anos em escolas particulares e 2 anos como docente na RMEPOA. Ou seja, quando ele já havia completado 3 anos de experiência em escolas particulares de Porto Alegre é que foi chamado para assumir o cargo como professor da Rede Municipal de Porto Alegre. Ainda, embora esses 5 anos caracterizem certa experiência profissional, ele se encontra dentro da definição que utilizo para ser considerado iniciante. Os outros dois professores/colaboradores possuem apenas 1 ano e meio de experiência docente, seja na RMEPOA como em outras redes.

Partindo desta definição, argumento que este estudo tem como foco o professor de EF iniciante e a organização do trabalho pedagógico por se tratar de um momento único e muito importante na trajetória profissional e pessoal na vida de um professor de EF de ensino fundamental, por ser marcado por diversas dificuldades e crises, sendo considerada por Tardif (2001) “um período muito importante da história profissional do professor, determinando inclusive seu futuro e sua relação com o trabalho” (p. 84). Dessa forma, sendo considerado pelo professor um dos piores períodos da carreira docente (HUBERMAN, 1992).

Este período de iniciação docente, também deve ser visto como importante pelo fato de que, com frequência, as escolas tratam mal esses professores e suas gestões, por desconhecimento, prestam pouca atenção aos problemas que esse coletivo docente enfrenta logo que chega à escola (MOLINA NETO, 2011), como por exemplo: materiais e locais inadequados para as aulas de EF, deixando os melhores locais e materiais para os professores

mais “velhos” da escola; ficam com as turmas mais difíceis e com os horários que sobram de outros professores; não estão acostumados com violência urbana e drogadição existente nas comunidades de periferia, entre outros.

Além dessas questões, vimos anteriormente que alguns estudos do Grupo F3P-EFICE mostram que a formação inicial da ESEF/UFRGS não subsidia a organização do trabalho pedagógico durante os estágios obrigatórios. Dessa forma, passei a fazer alguns questionamentos e reflexões: se a formação inicial não subsidia os estudantes durante os estágios, como fica o professor logo que se forma e ingressa como trabalhador nas escolas, em especial, da RMEPOA? Será que esses professores de EF se sentem preparados para enfrentarem escolas de um sistema de ensino tão precário como as escolas periféricas de Porto Alegre? Pois, como destaca Silva (1997), é como se o professor iniciante “[...] da noite para o dia [...] deixasse subitamente de ser estudante e sobre os seus ombros caísse uma responsabilidade profissional, cada vez mais acrescida, para qual percebe não estar preparado” (p. 53).

Por estes motivos que, atualmente, autores como Huberman, Thompson e Weiland (2000); Figueiredo (2004; 2008); Folle, Farias e Nascimento (2009), têm se dedicado a realizar estudos publicados em periódicos científicos nacionais sobre esta temática, pois estão preocupados com este coletivo de professores novatos que passam por dificuldades ao se depararem com uma realidade<sup>3</sup>, até então, não vivenciada.

Ao iniciar este estudo a partir desses pressupostos, tentei compreender, assim como outros estudos tentaram:

[...] como se estrutura a escola, que posição o professor iniciante ocupa, ou poderia ocupar, em que situação se encontra dentro da estrutura de poder da escola, quais os espaços possíveis de investimento que ela oferece, qual ou quais os princípios de diferenciação que funcionam como princípio de distinção entre os professores e como esse campo de forças e de lutas entre as posições contribui para a manutenção ou transformação social [...] (FREITAS, 2002, p. 157).

Frente a estes elementos, nas quais são marcantes no início da docência de um professor, tentei analisar e compreender durante a realização do trabalho de campo deste estudo a forma como os docentes constroem o trabalho pedagógico em seus primeiros anos de carreira nas escolas da RMEPOA, aprofundando, dessa forma, estudos sobre a temática.

---

<sup>3</sup> A noção de realidade trazida neste estudo é a partir do significado de existência efetiva, na qual está fora do homem e da mulher, ou seja, a partir da realidade exterior e material que está expressa pela existência material dos objetos à nossa volta e que, portanto, determinam o nosso pensamento, as nossas idéias e a nossa vida.

## 2.2 Do Trabalho em Geral ao Trabalho Pedagógico

É possível que pareça estranho que uma estudante de EF e futura professora de tal conhecimento específico se proponha a escrever em seu TCC sobre o trabalho em geral, sendo passível de indagações como: o que tem a ver trabalho em geral com a EF? Na EF não se estuda o movimento do corpo, os esportes, as lutas, etc.? O que leva uma estudante de EF estudar o trabalho em geral?

Estes questionamentos e suas respostas são importantes para que se possa tentar responder o problema de pesquisa deste estudo, tentando alcançar o objetivo proposto. Portanto, sendo necessário entender a relação entre trabalho em geral e o trabalho pedagógico na qual o professor de EF iniciante constrói na sociedade em que vive, pois “não é possível, portanto, compreender radicalmente a história da sociedade contemporânea e, conseqüentemente, a história da educação contemporânea sem se compreender o movimento do capital” (SAVIANI, 2005, p. 17). Sendo assim, concordo com Taffarel (2010) quando diz que “sem entender o trabalho em geral e as características que o mesmo assume no modo de produção capitalista, não vamos compreender o trabalho pedagógico na escola e muito menos o trabalho pedagógico na Educação Física” (p. 21). Por isso, tentarei trazer de que forma a sociedade está organizada e como o trabalho e a educação se inserem nesta organização, compreendendo, assim, o que é trabalho e como ele se organiza e, conseqüentemente, compreendendo o trabalho pedagógico e de que forma ele é construído pelos sujeitos da escola na sociedade capitalista.

Tentando compreender o que é trabalho, resgato a história deste, onde encontramos que ao longo da história o indivíduo teve que adaptar-se às condições adversas da natureza, tanto em suas condições fisiológicas como em suas relações sociais, havendo uma diferenciação das espécies. A partir daí, desenvolveu-se a capacidade de transformar a natureza, projetando na sua mente o que ia fazer para depois executar sua ação, de forma consciente, utilizando objetos nesta transformação da natureza. Ao longo dos anos, a capacidade de usar ferramentas auxiliou a espécie em sua evolução e seu cérebro ampliou seu tamanho, o que o levou a ampliar esta capacidade de abstração do trabalho a ser realizado, dando-lhe consciência de seus atos e ações. Surge aí, também, a capacidade de viver em sociedade (LESSA; TONET, 2008).

Portanto, foi necessário que os nossos antepassados começassem a transformar a natureza para sobreviver e não mais se adaptar a ela como os demais animais. A esse processo

de transformação da natureza chamamos de trabalho, ou seja, a relação entre o ser humano e a natureza. Portanto, foi através do trabalho que o primata antepassado garantiu suas condições de manutenção da vida transformando a natureza. No entanto, o trabalho enquanto transformação da natureza é atividade de produção da própria vida, pois não seria possível o ser humano existir se não fosse pela transformação da natureza para atender as necessidades imediatas de sobrevivência, ou seja, não seria possível o ser humano existir sem trabalho:

O trabalho é fonte de toda riqueza, afirmam os economistas. Assim é, com efeito, ao lado da natureza, encarregada de fornecer os materiais que ele converte em riqueza. O trabalho, porém, é muitíssimo mais do que isso. É a condição básica e fundamental de toda a vida humana. E, em tal grau, que, até certo ponto, podemos afirmar que o trabalho criou o próprio homem (ENGELS, 2004, p. 13).

Após essa breve contextualização, podemos compreender o que é o trabalho em si, suas condições e formas de organizações, desde os tempos mais remotos até a atualidade. Parto, então, do conceito de que o trabalho é a capacidade de o ser humano em transformar a natureza para atender suas necessidades, de forma consciente e que amplie a relação social, diferentemente dos animais que transformam a natureza de forma instintiva, como destacam Marx e Engels (1974, p. 19):

Podemos distinguir o homem dos animais pela consciência, pela religião ou por qualquer coisa que se queira. Porém, o homem se diferencia propriamente dos animais a partir do momento em que começa a *produzir* seus meios de vida, passo este que se encontra condicionado por sua organização corporal. Ao produzir seus meios de vida, o homem produz indiretamente sua própria vida material [grifos do original].

A partir de Lessa e Tonet (2008), é possível compreender que desse desenvolvimento através do trabalho, o ser humano passou a utilizar as forças produtivas para produzirem mais do que necessitavam, sendo assim, para que pudessem garantir a sobrevivência, seja individual ou coletiva. Com esse excedente de produção e através da propriedade privada, iniciou-se a exploração do homem pelo homem, surgindo as primeiras formas de sociedades divididas em classes entre aqueles que detêm a propriedade dos meios de produção e os que têm a força de trabalho. Dessa forma, segundo Marx e Engels (2008), marcando a história das sociedades pelas lutas de classes, como por exemplo, “homem livre e escravo, patricio e plebeu, barão e servo, membro das corporações e aprendiz, em suma, opressores e oprimidos” (p. 8).

Assim, a sociedade teve quatro formas de organização na qual o trabalho esteve inserido: a primeira foi a sociedade tribal; a segunda, a organização social através da

propriedade comunal e estatal antiga; a terceira, propriedade feudal ou de Estados; a quarta e última forma de organização, a organização da sociedade através da produção capitalista. Essa última é a forma como a sociedade está organizada até o presente momento.

Sendo o capitalismo o estágio em que estamos vivendo atualmente, este se caracteriza pela exploração da força de trabalho por aqueles que detêm os meios de produção e o conhecimento sobre a mesma, ou seja, que detêm a matéria-prima, as ferramentas, as máquinas, as terras, o conhecimento, entre outros, para produzir a forma elementar da riqueza no capitalismo: a mercadoria. Por sua vez, a força de trabalho no capitalismo é uma mercadoria como qualquer outra. A única diferença é que ela é a única mercadoria que o seu consumo produz valor, ou seja, quando o capitalista (burguês) compra a força de trabalho de um trabalhador ele a consumirá para produzir valor em outra mercadoria de sua propriedade.

Percebe-se, portanto, que o trabalho é o elemento que constitui a humanidade e a organização em sociedade. Porém, o trabalho enquanto condição humana de existência vai ao longo do tempo se tornando uma atividade explorada e alienada, ou seja, que já não pertence mais àquele que produz, mas, sim, pertence àquele que compra a força de trabalho, o burguês.

Este é um processo de acumulação capitalista – dinheiro, mercadoria e dinheiro acrescido de mais valia – e de espoliação do trabalho e exploração do homem pelo homem. Nesta troca de mercadorias, o trabalhador tem apenas a sua força de trabalho para vender, através do salário, por um determinado tempo. Assim, o trabalho se torna uma mercadoria para atender determinada necessidade, sendo também comercializado. O trabalho sendo tratado como mercadoria, tem seu cálculo, ou seja, o ganho/lucro com a exploração da força de trabalho é a mais valia – trabalho excedente. Marx (2010) exemplifica esta relação entre venda da força de trabalho, mais valia, exploração do homem pelo homem e alienação, no seguinte trecho:

O que o operário produz para si próprio não é a seda que tece, não é o ouro que extrai das minas, não é o palácio que constrói. O que ele produz para si próprio é o *salário*; e a seda, o ouro, o palácio, reduzem-se, para ele, a uma determinada quantidade de meios de subsistência, talvez a uma roupa de algodão, a umas moedas, a um quarto num porão. [...] A vida, para ele, começa quando termina essa atividade, à mesa, no bar, na cama. [...] Se o bicho-da-seda fiasse para manter a sua existência de lagarta, seria então um autêntico operário assalariado (MARX, 2010, p. 36) [grifos do original].

Além da alienação ser um dos pilares do trabalho em geral na sociedade capitalista, temos outras características neste bojo nos quais visam o aumento da capacidade produtiva, da especialização e da diversificação da produção industrial (PINTO, 2007). É quando, então,

surtem estratégias para aumentar a escala de produção, numa lógica de linha de produção em série, na qual se destacam o taylorismo e o fordismo como técnicas de produção industrial, com a seguinte ideia:

[...] padronizando os produtos e fabricando-os numa escala imensa, da ordem de centenas ou milhares por dia, certamente os custos de produção seriam reduzidos e contrabalançados pelo aumento do consumo, proporcionando, por sua vez, pela elevação da renda em vista dos melhores salários que poderiam ser pagos em função do aumento das vendas e, portanto, dos lucros empresariais (PINTO, 2007, p. 41).

No entanto, com a crise do pós-guerra, o mercado passou a necessitar de novas formas de produção, pois o taylorismo e o fordismo passam a não darem mais conta da produção capitalista. Surge, então, o modelo toyotista. Nesse modelo o número de trabalhadores foi reduzido, pois a tecnologia é avançada ao passo que substitui o ser humano; cada trabalhador precisa ficar responsável por mais de uma tarefa de forma polivalente, diferentemente do taylorismo/fordismo, onde cada trabalhador é responsável por apenas uma tarefa; e a produção é flexível, acontecendo conforme a necessidade de procura. Para que essas transformações no modo de produção fossem possíveis, a mão-de-obra também precisou ser adequada conforme a demanda do mercado, desta forma, a educação está diretamente vinculada com o processo de trabalho e a economia.

Nesse sentido, a educação, a escola e a profissão vão sendo remodeladas a partir das alterações das reestruturações produtivas e suas necessidades. Estas remodelações perpassam desde a reestruturação produtiva fordista/taylorista, onde a educação se utiliza das competências para que os educandos e futuros operários possam manusear as máquinas nas fábricas, até o modo de produção toyotista, obrigando o trabalhador a adaptar-se às exigências destas remodelações produtivas e, portanto, do mundo do trabalho.

A partir desta análise, fica a evidência para o fato de o objeto de estudo e o trabalho pedagógico dos professores serem balizados pelos processos educativos e que esses são historicamente determinados pelas dimensões econômicas, sociais e culturais. Nesse sentido, Freitas (2006) diz que a organização do trabalho pedagógico, assim como o trabalho em geral, está alicerçada em três características: *ausência de trabalho material* (educação voltada para as demandas do capital), *fragmentação* (entre teoria e prática, licenciatura e bacharelado, trabalho manual e intelectual) e *alienação* (do professor, quando não tem autonomia na construção do ensino; do estudante, pois o professor o deixa à margem do processo de construção do ensino-aprendizagem).

Cabe salientar que adotei a denominação “trabalho pedagógico” por entender que ele é

complexo, abrangendo o trabalho docente, o trabalho discente, a prática pedagógica, entre outros (FREITAS, 2006). Exemplificando melhor, quando observamos uma aula de EF, vemos que existe um professor ministrando a aula junto aos estudantes, porém, pensamos: como esse professor organizou esta aula? Em que momento ele organizou? Porque organizou desta forma? São perguntas que nos fazem refletir que o trabalho do professor vai além da aplicação daquela aula observada. Ou seja, o professor de EF ministrando a aula é o trabalho docente, mas a sua organização vem de um trabalho pedagógico que inclui a comunidade escolar (pais, estudantes e professores).

Entendendo que a educação vem cumprindo o papel fundamental de qualificar a mão-de-obra do trabalhador em detrimento da formação humana, ou seja, moldando esse trabalhador para atender as demandas do mercado de trabalho, a educação passa a ser mercadoria, pois:

O componente da produção, decorrente da instrução, é um investimento em habilidades e conhecimentos que aumentam futuras rendas e, desse modo, assemelha-se a um investimento em (outros) bens de produção (SCHULTZ 1962 *apud* Frigotto, 1989, p. 40).

Junto a esses pilares que sustentam a educação na sociedade capitalista, vêm as mazelas históricas e evidentes de um país capitalista dependente, como: trabalho escravo, fome, trabalho infanto-juvenil, miséria, desemprego, analfabetismo, analfabetismo funcional, criminalização dos movimentos sociais, exploração sexual infanto-juvenil, drogadição, entre outros, presentes ainda mais nas escolas públicas. Dessa forma, compondo a precarização do trabalho pedagógico e na qual a formação de professores não vem dando conta de modo a subsidiar a organização do trabalho pedagógico do professorado nas escolas.

### **2.3 Formação Inicial a partir do Grupo F3P-EFICE**

Entendo que seja pertinente a utilização dos trabalhos do Grupo F3P-EFICE como referencial teórico, por serem pesquisas que tratam da formação da inicial da ESEF/UFRGS, na qual os professores/colaboradores deste estudo foram formados. Além disso, são trabalhos que trazem avanços em relação à formação de professores nesta Instituição de ensino por terem sido produzidos nos últimos três anos.

Também, partindo destes pressupostos, estudos realizados no F3P-EFICE, como de Bernardi (2008), Daniel (2009) e Filippini (2010), apontam que a formação inicial não

subsídia a organização do trabalho pedagógico dos estudantes do curso de Licenciatura em EF durante os estágios obrigatórios. No entanto, como foi colocado em outro momento, os três trabalhos têm como foco o estudante de Licenciatura em EF, mas nenhum como foco o professor de EF iniciante. Não estou aqui dizendo que não seja importante a realização de estudos sob a ótica dos estudantes, ao contrário disso, pois são eles, os estudantes, que passam imersos durante, no mínimo, quatro anos de suas vidas nos cursos de graduação e, após isto, se tornam os trabalhadores docentes das escolas. Por esse motivo é que o professor de EF iniciante está em foco neste trabalho, pois ele é um desses estudantes que tiveram uma formação que não subsidiava a organização do trabalho pedagógico durante os estágios, sendo necessário saber como ele constrói essa organização do trabalho pedagógico já como trabalhador docente assalariado.

Neste capítulo também irei mostrar as contribuições que estes estudos trouxeram para o debate da formação inicial em EF, quais os problemas encontrados e quais são as possibilidades de superação para que a formação subsidie de maneira consistente o trabalho pedagógico do professor. Seja ele durante os estágios, seja ele como professor já inserido no trabalho pedagógico da escola.

Durante a revisão de literatura dos estudos do grupo F3P-EFICE, encontrei alguns trabalhos realizados por estudantes de IC's, onde suas inquietações sobre sua própria formação os incentivaram a realizar suas pesquisas científicas sobre a formação na perspectiva dos atores deste processo formativo: os estudantes de graduação. Como traz Filippini (2010), em seu TCC:

O interesse pelo tema se origina em inquietações acerca da minha própria experiência no curso de EF, onde ingressei, em 2005, na primeira turma do curso de Bacharelado da Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (ESEF/UFRGS), do qual pedi transferência para o curso de Licenciatura, no final de 2008, pois entendia que o bacharelado restringia a atuação do professor, pois, depois de formado, não poderia trabalhar em escolas, o que não acontecia com os licenciados (p. 11).

Além da referida autora, outros dois estudantes de IC's, Bernardi (2008) e Daniel (2009) – hoje, professores da RMEPOA – trouxeram em seus TCCs anseios em relação à formação inicial no que diz respeito ao seu subsídio para o trabalho pedagógico. Ambos os autores colocam em seus trabalhos que através de suas experiências, seja em estágios obrigatórios, não-obrigatórios e vivências docentes, seja na participação de espaços organizados pelo MEEF, é que perceberam as limitações do currículo de formação inicial com o trato do mundo escolar:

Essas experiências provocaram inquietações a cerca do distanciamento entre a formação inicial de professores/as e a realidade complexa das escolas. Como conectar os conhecimentos aprendidos durante o curso à prática pedagógica? A forma como nós – estudantes – passamos pelo currículo, com os diferentes conhecimentos teóricos compartimentados e desarticulados, é adequada para compreender a realidade do trabalho docente? O que eu aprendi ao longo do curso vai sustentar a minha prática pedagógica na realidade escolar? A partir dessas perguntas percebo que preciso constantemente aprender a aprender e aprender a ensinar (DANIEL, 2009, p. 8).

[...] ao longo dos semestres fui procurando cursar, além das obrigatórias, disciplinas eletivas que eu julgava importante para a construção do meu conhecimento, sempre visando uma formação consolidada para a prática escolar. Ao começar a participar do Diretório Acadêmico, e conseqüentemente do Movimento Estudantil, no meu 5º semestre, tomei contato com uma perspectiva crítica da Educação Física que, desde então, passou a inspirar meu entendimento sobre aspectos existentes na formação de professores da ESEF/UFRGS. A partir desta perspectiva, fui percebendo uma limitação do currículo de formação inicial com o trato do mundo escolar e um predomínio de disciplinas voltadas para o âmbito das ciências biológicas, como a fisiologia, a cinesiologia, a biomecânica. Entendendo estas como impressões e conclusões iniciais que tenho em relação à formação de professores de educação física, vi na pesquisa científica uma possibilidade de produção de conhecimento acerca do tema, além de contribuir para a minha própria formação enquanto professor, fato que me levou à ingressar ao grupo de pesquisa Formação de Professores e Prática Pedagógica em Educação Física e Ciências do Esporte (F3P-EFICE), no qual pude me dedicar à atividade investigativa, resultando neste estudo (BERNARDI, 2008, p. 8).

Como se pode observar, os três trabalhos citados mostram anseios relativos à própria formação dos autores, o que de certa forma os levou a buscarem, através da pesquisa científica, elementos que contribuíssem para o avanço do debate sobre a formação inicial, seus problemas e possibilidades de superação.

É importante salientar que dentre os oito TCC's produzidos por estudantes de IC no interior do F3P-EFICE, três foram realizados na perspectiva dos estudantes de EF, mas nenhum outro trabalho – entre Dissertações e Teses – teve os estudantes de EF como colaboradores. Nesse sentido, Daniel (2009) traz um dado importante em relação a estudos realizados na perspectiva de estudantes de EF:

São muitos os estudos sobre a Formação Inicial e o currículo na EFI, mas pouquíssimas pesquisas abordam a visão de estudantes sobre este tema e o que eles/as têm a dizer para contribuir nesse debate. No conjunto de 28 títulos encontrados na Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), a partir dos descritores Educação Física, Formação Inicial, Currículo e Licenciatura, apenas dois trabalhos trazem contribuições de estudantes da graduação, sendo que ambos foram apresentados, em forma de comunicação oral, no VIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), no ano de 1993 (p. 10).

Apesar do baixo número de estudos com este caráter, os três trabalhos que analisei

trouxeram elementos importantes apontando algumas lacunas que o currículo deixa na formação dos futuros professores de EF. Sendo uma delas o distanciamento entre teoria e prática.

O distanciamento do currículo em relação à formação de professores e o âmbito da escola aparece como sendo um dos problemas na formação inicial que, por sua vez, decorre da própria constituição do currículo da ESEF/UFRGS e em grande parte das Instituições de Ensino Superior (IES). Este distanciamento, segundo Oliveira *et al* (2010), emerge do fato de que a “teoria estudada na graduação esquece as práticas educativas dos professores de EF e elege como principal o estudo da estruturação do esquema corporal, do movimento humano e da saúde” (p. 125).

Outro fato que limita a formação inicial em EF é a relação desta com o trato do mundo escolar, pois é comum o fato de a teoria estar, com frequência, desvinculada com a realidade das escolas. Esta desvinculação apareceu no estudo de Filippini (2010) através do depoimento de uma de suas colaboradoras:

[...] Se eu tivesse conseguido aliar bem o que eu vi na teoria, ia ser tri bom, eu ia conseguir trabalhar de uma maneira muito melhor e não ia ter medo de dar aula no início de cada semestre. [...] Às vezes, o professor fala, só que, para quem nunca deu aula ou nunca esteve na escola, a não ser como aluno e vai saber há quanto tempo, parece um mundo que não é aqui. E não é isso, não é nada disso. É onde a gente vai trabalhar (FILIPPINI, 2009, p. 41).

Para explicitar este depoimento, a autora coloca que:

No currículo, observamos que as disciplinas obrigatórias em que o aluno se aproxima da realidade da escola são os estágios (Estágio de Docência em Ensino Infantil, Estágio de Docência em Ensino Fundamenta e Estágio de Docência em Ensino Médio) oferecidos a partir do sexto semestre do curso. Obrigatoriamente, no currículo, não há garantia que o estudante tenha um contato anterior com a escola ou com outro ambiente de trabalho. (FILIPPINI, 2010, p. 39).

No estudo sobre a contribuição da formação inicial de Licenciatura em EF da ESEF/UFRGS para a prática docente escolar, Bernardi (2008) sublinha que “assim, os estagiários passam a sua vida acadêmica imersos em teorias, e ao chegar aos últimos semestres do curso no estágio, se deparam com alunos reais” (p. 53). Acrescenta ainda que “além do discurso, a própria construção didática prática dos saberes dos futuros docentes se baseia a partir destes modelos idealizados, na medida em que se constituem inócuos frente à complexidade social e estrutural da realidade escolar” (p. 54).

A partir desses estudos, pode-se então ponderar que há a necessidade de uma formação

mais próxima da realidade escolar.

Outro estudo realizado no grupo F3P-EFICE por estudantes de IC, onde estes trazem o olhar sobre a pesquisa na formação inicial, conclui que a ESEF/UFRGS não tem conseguido garantir, além do acesso ao ensino, o contato com a pesquisa e a extensão. Nesse sentido, os autores trazem argumentos que sustentam o fato de que é perceptível o déficit no currículo desta instituição em relação à pesquisa e a extensão:

A Formação Inicial de professores de EF na UFRGS, no entanto, não vem conseguindo dar conta da pesquisa científica ao longo da formação do estudante de graduação, uma vez que esse processo, no que tange ao currículo do curso em questão, está restrito a uma disciplina de Metodologia da Pesquisa em EF e aos Trabalhos de Conclusão de Curso I e II, que preveem a produção de um estudo científico pelo aluno de graduação durante os dois últimos semestres do curso (OLIVEIRA *et al*, 2010, p. 126).

Ainda ressaltam que a experiência científica permite que o estudante conheça a realidade da escola através de seus estudos com o coletivo de professores/pesquisadores e de suas próprias investigações de forma real e não idealizada, como observamos ao longo das citações.

Também se pode dar destaque à questão da divisão dos cursos de graduação de EF entre bacharelado e licenciatura, respaldada pela Resolução n. 7, de 31 de março de 2004 do Conselho Nacional de Educação (CNE). Esta divisão, efetivada no ingresso de 2005, acarretou em diversos encontros e debates, principalmente organizados pelo DAEFI.

Os três estudos tratam deste tema devido à própria efervescência deste debate curricular que a ESEF/UFRGS passara nos períodos em que foram realizadas as pesquisas. Sobre o processo curricular que instaurou a divisão do curso na escola em 2005, Filippini (2010) argumenta que

o processo de reestruturação curricular de 2004/2005 na ESEF/UFRGS foi apressado e sem amplo debate com a comunidade acadêmica. Além disso, a divisão do curso em EF foi precipitada por parte dos integrantes da COMGRAD, pois aconteceu a partir do entendimento, de um professor, que era uma obrigatoriedade a criação do curso de Bacharelado após a aprovação da Resolução CNE/CES 7/ 2004, as DCNEF (p. 39).

Nesta mesma linha, e colocando-se contrário à tese da divisão, Bernardi (2008) argumenta que a “resolução que institui as diretrizes curriculares para os cursos de graduação e divide o curso em licenciatura e bacharelado, faz com que a fragmentação do conhecimento já se dê ao nível da formação inicial, propondo uma especialização precoce” (p. 16). Sobre o

período de debates que de certa forma tomaram conta da pauta de discussões na ESEF/UFRGS, Daniel (2009) coloca que:

A polêmica atual existente em torno da divisão do curso de EFI em Licenciatura e Bacharelado, observada em diversos momentos da Formação Inicial e nas observações realizadas para esse estudo, parece ter influenciado as concepções de currículo dos/as estudantes. O que pode ser observado analisando os questionários e as entrevistas, especialmente, sobre o que eles/as pensam sobre currículo. A partir de suas perspectivas, os/as estudantes se referem a essa divisão se posicionando contrários/as e argumentando que somos professores/as em qualquer área de atuação (pp. 38-39).

Sendo assim, algumas passagens do trabalho do autor explicitam este pensamento:

Acho que a separação não faz nenhum sentido, devido principalmente ao fato de que tanto o licenciado quanto o bacharel precisam de disciplinas que tratam mais do âmbito pedagógico porque estão ensinando algo [...] (DANIEL, 2009, p. 39).

[...] tu é professor em qualquer contexto, [...] fora ou dentro da escola. E... com o tempo [...] vi que não tem diferença [...] Na verdade, essa questão de um bacharel seria uma pessoa que teria uma aversão à escola, que não quer de jeito nenhum atuar na escola. A gente não pode dizer nunca... Não vou atuar. Então [...] não vejo muito fundamento nessa divisão de bacharelado e licenciatura (DANIEL, 2009, p. 39).

Desta forma, fica evidente também a preocupação que os autores tiveram em relação às implementações de políticas educacionais que interferem de modo direto nos processos formativos dos graduandos em EF.

A partir desta breve análise que teci sobre alguns trabalhos científicos realizados na ótica dos próprios estudantes de graduação sobre a formação inicial, podemos considerar que estudos nesta perspectiva trazem importantes elementos para o debate acerca do professor de EF iniciante e a organização do trabalho pedagógico, pois partem do ponto de vista dos principais atores deste processo e que também podem contribuir para uma possível superação dos anseios que permeiam a graduação e o trabalho pedagógico do professorado nas escolas, em busca de uma formação mais qualificada, de uma prática socialmente comprometida com a educação e coerente com a realidade das escolas públicas.

### **3 Decisões Metodológicas**

A seguir, explicitarei as decisões metodológicas que utilizei para tentar responder ao problema de pesquisa e alcançar o objetivo deste estudo.

#### **3.1 Caracterização do Estudo**

Com o início deste trabalho e ao elaborar um problema de pesquisa para tal, foi necessário pensar de que forma iria respondê-lo, alcançando, assim, os objetivos propostos. Além disso, por entender que o estudo sobre o professor de EF iniciante e a construção do trabalho pedagógico nas escolas da RMEPOA seja um estudo complexo, foi necessário realizar um estudo de caso, pois, segundo Triviños (1987), esse tipo de estudo “é uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa profundamente” (p. 133). Ainda, por ser um estudo complexo, concordo com André (1998) quando a autora diz que o estudo de caso “[...] possibilita uma visão profunda e ao mesmo tempo ampla e integrada de uma unidade complexa” (p.49).

Ainda, a intenção do trabalho não foi testar hipóteses ou fazer generalizações, mas de descrever com profundidade um contexto particular em sua complexidade e totalidade. Entendendo que o estudo de caso de caráter qualitativo tem a vantagem “de conectar-se rapidamente com a realidade, ou seja, possibilitar mais a interação teoria-prática e, por isso, afastar os riscos de simplificações” (MOLINA, 2004, p. 99). Dessa forma, a caracterização deste estudo possibilitou compreender mais detalhadamente e dar mais elementos sobre a organização do trabalho pedagógico e de que forma é construído este trabalho na RMEPOA por professores de EF iniciantes e formados na ESEF/UFRGS.

#### **3.2 Problema da Pesquisa**

O problema da pesquisa resumiu-se em responder a seguinte questão: de que forma o professor de EF iniciante constrói o trabalho pedagógico nas escolas da RMEPOA?

#### **3.3 Objetivos**

Este estudo tem como objetivo geral analisar e compreender a organização do trabalho

pedagógico dos professores de educação física iniciantes na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre graduados/as no curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF/UFRGS.

### **3.4 Procedimentos e Instrumentos de Coleta de Informações**

Como instrumentos de coleta de informações para a realização e desenvolvimento deste estudo, procurei obter as informações através da observação participante junto à confecção de um diário de campo, onde registrei essas informações e da entrevista semi-estruturada, nas quais, a seguir, farei a descrição destes procedimentos e de como foram utilizadas para a construção do trabalho.

#### **3.4.1 Observação Participante e Diário de Campo**

Na coleta de informações da pesquisa qualitativa, a observação participante é considerada muito importante, pois possibilita obter informações valiosas sobre o contexto analisado e oportuniza conhecer um fenômeno social, possibilitando um maior estreitamento, pois, como coloca Negrine (2004):

[...] a observação requer que se utilize processos mentais superiores como: a atenção, a percepção, a memória e o pensamento, para observar fatos e realidades sociais presentes. Nesse caso é fundamental que a observação das pessoas se realize num contexto real no qual desenvolvem normalmente suas atividades (p. 67).

Além disso, a utilização deste tipo de informação como um dos procedimentos metodológicos, se justifica pela decisão metodológica de diálogo com os professores de EF iniciantes em seus locais de trabalho, onde este é o contexto real no qual realizam suas atividades, estabelecendo relações e significados, cabendo ressaltar que a observação não é apenas o fato de olhar, mas, segundo Triviños (1987, p. 153), “destacar de um conjunto algo especificamente”. Nesse sentido, a minha inserção no contexto real de trabalho dos professores/colaboradores possibilitou com que eu estabelecesse uma relação direta, participando da vida social deles e no cenário cultural das escolas, com a intenção de coletar informações que pudessem contribuir para a análise e compreensão da organização do trabalho pedagógico desses professores de EF iniciantes na RMEPOA graduados/as no curso de Licenciatura em EF da ESEF/UFRGS.

Partindo desses pressupostos, iniciei a coleta de informações no mês de agosto,

encerrando este processo no mês de setembro, totalizando, aproximadamente, 20 horas de observações, sendo confeccionado um registro descritivo, pois, segundo Negrine (2004):

Em primeiro lugar, se vamos a campo para observar, o quesito principal é tornar os registros o mais descritivos possível, desconfigurados de qualquer juízo de valor. Se os registros são feitos com juízos de valor, acabamos contaminando as informações, o que certamente irá prejudicar a análise dos fatos. A observação de uma determinada situação quanto mais descritiva for, mas saudável se apresenta ao momento seguinte, isto é, momento de análise das informações (p. 65).

Então, esses registros descritivos foram documentos importantíssimos para que eu pudesse registrar as observações, os transformando num diário de campo. Nele, coloquei minhas percepções, dúvidas, anseios, sentimentos e conversas com os professores e estudantes, no qual utilizei como uma das ferramentas na elaboração da entrevista semi-estruturada, além de ter servido como auxiliado no processo de análise das informações.

A partir disso, observei aulas e atividades que os professores/colaboradores realizam em seus cotidianos, tanto na Escola Vila, como na Escola Campo<sup>4</sup>. Acompanhando-os desde o início até o fim do expediente. Isso quer dizer que os acompanhei desde a entrada nas comunidades em que a escola está inserida, nas conversas na sala dos professores, na ida até a sala de aula e/ou pátio, no desenvolvimento das aulas, enfim, de modo que vivenciei, de certa forma, o dia-a-dia desses professores.

### **3.4.2 Entrevista Semi-estruturada**

Outro instrumento importante que utilizei neste trabalho foi a entrevista semi-estruturada, na qual elaborei, principalmente, a partir das observações e do diário de campo, ou seja, a partir da obtenção de informações sobre a proposta estudada e da perspectiva dos professores/colaboradores. Segundo Negrine (2004), a entrevista semi-estruturada é oportuna quando está se pensando em:

obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador, e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não-prévias, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa (p. 74).

Além disso, segundo o autor, a entrevista sendo constituída em uma estratégia que permite obter informações frente a frente com o colaborador, com acesso imediato a

---

<sup>4</sup> Tanto os nomes dos professores quanto das escolas foram alterados para a preservação de suas identidades.

informação desejada, permite ao entrevistador, também, o “estabelecimento de um vínculo melhor com o indivíduo e maior profundidade nas perguntas que previamente elaborou como roteiro” (p. 73).

Por ser considerado um dos principais meios do pesquisador para coletar informações, é que a entrevista vem sendo amplamente utilizada nas pesquisas qualitativas, pois, a entrevista, segundo destaca Minayo (1996), é um instrumento privilegiado porque traz:

[...] a possibilidade de a fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos e ao mesmo tempo ter a magia de transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, socioeconômicas e culturais específicas (pp. 109-110).

Portanto, escolhi a entrevista semi-estruturada por entender a riqueza deste instrumento para o trabalho devido aos motivos acima elencados.

Partindo desses pressupostos e após o prévio esclarecimento e autorização dos professores/colaboradores, através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice I), foi feito agendamento no local de preferência deles para a realização das entrevistas, nas quais foram gravadas individualmente. Cada uma das entrevistas foi transcrita, retornando aos professores/colaboradores, onde eles puderam lê-las, fazendo as correções que julgaram ser pertinentes, sendo assim, validando este instrumento de coleta para o andamento da pesquisa. As transcrições das entrevistas ficaram – e ficarão – guardadas em arquivos especiais (físicos e eletrônicos), com codificação alfanumérica, onde somente o coordenador do grupo de pesquisa F3P-EFICE e a pesquisadora deste trabalho terão acesso exclusivo.

Cabe ressaltar que tanto os nomes dos professores/colaboradores, quanto os nomes das escolas deste estudo foram substituídos por nomes fictícios, sendo assim, preservando suas identidades e as identidades das escolas. Também, o relatório final deste estudo lhes será devolvido para leitura e apreciação das informações coletadas e interpretações realizadas.

A entrevista foi feita a partir de um roteiro semi-estruturado de perguntas (Apêndice II), que foi organizado com base nos objetivos e no problema de pesquisa que o estudo pretendia alcançar e responder, no referencial teórico estudado e na observação participante junto ao diário de campo.

Ao todo foram feitas 3 entrevistas, com duração entre 35 a 47 minutos, com 3 professores de EF iniciantes da RMEPOA graduados na ESEF/UFRGS, totalizando, aproximadamente, 2 horas de entrevistas.

### **3.5 Seleção dos Colaboradores**

Para que se tivessem condições de alcançar os objetivos propostos nesta pesquisa, selecionaram-se os colaboradores estabelecendo os seguintes critérios:

- a) Ter sido estudante do curso de Licenciatura em EF da UFRGS;
- b) Ter completado tal curso, sendo assim, graduado por esta Instituição;
- c) Ter sido aprovado no último Concurso Público do Município de Porto Alegre de número 440, edital de 8/12/2008, realizado em 25 de janeiro de 2009.
- d) Estar trabalhando em alguma escola da RMEPOA;
- e) Ter no máximo 5 anos de experiência docente como professor de EF no âmbito escolar, seja na RMEPOA ou em outras redes de ensino (particular, estadual e/ou federal).

Os nomes dos professores/colaboradores foram alterados, preservando, dessa forma, tanto a identidade dos mesmos, quanto das escolas nas quais trabalham.

### **3.6 Colaboradores/as do Estudo e Aproximações ao Campo**

Ao definir como tema a questão do professor de EF iniciante e a sua construção em relação ao trabalho pedagógico nas escolas da RMEPOA, procurei informações referentes ao último Concurso Público de Porto Alegre para professores (nº 440, edital de 8/12/2008) e também de saber quem foram os professores de EF formados na ESEF/UFRGS chamados, desde então, para assumirem o cargo. Como foi dito em outra seção deste trabalho, o Grupo F3P-EFICE, desde o final dos anos de 1990, mantém um vínculo com a RMEPOA, inclusive, muitos dos estudantes Mestrandos e/ou Doutorandos deste Grupo são professores da rede. Foi, então, através do contato desses professores e colegas de Grupo de Pesquisa que cheguei até os professores/colaboradores deste estudo. Não precisando, desta forma, ir até a SMED para tentar conseguir estas informações.

A partir da indicação de 3 professores que preenchiam os requisitos de seleção, entrei em contato com eles, procurando saber qual era o interesse e a disponibilidade em participar da pesquisa. O fato de 2 dos professores/colaboradores trabalharem na mesma escola facilitou o trabalho de campo. Além disso, por ter sido o trabalho de campo realizado somente em 2 escolas, pude ter uma maior proximidade e tempo para me dedicar durante as observações, trazendo elementos mais detalhados, limitando, assim, o universo empírico, já que a intenção não é a de generalizar, mas descrever com profundidade o contexto particular das duas escolas

em sua complexidade e totalidade na qual os 3 professores fazem parte e constroem o trabalho pedagógico. Dessa forma, os professores/colaboradores deste trabalho são 2 de uma escola e 1 de outra escola, como está no quadro a seguir:

<b>Nome do colaborador/a</b>	<b>Categoria</b>	<b>Mês e ano que ingressou como professor/a na RMEPOA</b>
Aleída	Professora da Escola Vila	Junho de 2010
Camilo	Professor da Escola Vila	Julho de 2009
Ernesto	Professor da Escola Campo	Junho de 2010

**Quadro 1 – Professores/Colaboradores do estudo**

## 4. Análise das Informações

Após a profunda análise do trabalho de campo através da leitura – e releitura – e estabelecendo a relação entre o referencial teórico com as informações coletadas no ambiente de trabalho dos professores/colaboradores, identifiquei alguns fatores que precarizam o trabalho pedagógico destes, compreendendo, dessa forma, como fazem para se organizarem frente a estas problemáticas, ou seja, como constroem o trabalho pedagógico em seus locais de trabalho: a escola. Com esses fatores sistematizados, foram criadas duas categorias analíticas que fazem compreender melhor o estudo em foco, sendo elas: a) o choque com a realidade; b) do choque inicial à organização do trabalho pedagógico.

### 4.1 O Choque com a Realidade

Durante a análise das entrevistas percebi que há uma gama de situações no cotidiano dos professores/colaboradores que dificultam a organização do trabalho pedagógico. Essas dificuldades são impactantes, pois os personagens em foco não haviam vivenciado tais situações até o momento de iniciação ao trabalho pedagógico nas escolas da RMEPOA, causando o que denominei de *o choque com a realidade*, momento este que Cavaco (1995) diz ser caracterizado pela “[...] confrontação inicial, com a complexidade da situação profissional: o tatear constante, a preocupação consigo próprio (‘Estou-me a me aguentar’) [...]” (p. 39). Deixo claro que esses problemas não são existentes somente para os professores de EF iniciantes, mas para todo o quadro de docentes das escolas em questão. O problema, como foi dito anteriormente, é que como esses professores novatos, até então, não passaram por momentos como estes o sofrimento é maior, causando, assim, o choque com a realidade.

Ao encontro de Cavaco, Esteves (1995) também destaca para este momento do “choque com a realidade”, pois os professores iniciantes sofrem com estas dificuldades tidas como novas na profissão, como: precarização do trabalho pedagógico por falta de materiais, de professores, de espaços adequados, pobreza, violência, dentre outros; há a hierarquização por parte dos professores mais antigos da escola que ficam com os melhores espaços nas aulas de EF; a formação inicial não condizente com esta realidade; e falta de uma acolhida adequada para que este coletivo iniciante possa construir o trabalho pedagógico com maior tempo e conhecimento da escola.

A falta de acolhida foi um fato que chamou a atenção, pois, como disse em outra

seção, este é um momento importante na carreira dos docentes onde pode ser determinado o futuro destes (TARDIF, 2002). Confirmando esta afirmação anterior, o professor Camilo diz durante a entrevista que

[...] tu chegar num lugar pra trabalhar, né, apesar das dificuldades e tu ter em quem mirar, em quem te apoiar, nos momentos... e aí isso também pesa bastante, sabe... eu tive colegas que passaram comigo no Concurso que chegaram sem pai nem mãe no colégio lá e não conheciam ninguém e isso aí, pô, contribui com os caras se frustrarem, assim, sabe... e não tinham base nenhuma no colégio. Eu, bem ou mal, entrei com uma baita de uma base... entrei sabendo quem eram os guris... as crianças... os alunos problemas, sabendo quais eram as coisas que... por onde eu tinha que ir [...] aonde eu tinha que acelerar, onde eu tinha que ser mais rígido, onde eu tinha que afrouxar [...] por que eu tinha esses dois professores que são muito experientes [...] já com um tempo de escola... já eram referência [...] Então, de certa forma, eu já entrei lá nesse colégio com um... com uma boa condição, assim, né, pra começar o meu trabalho (Entrevista professor Camilo, 24/09/2011).

O fato de o professor Camilo ter colegas que já trabalhavam na rede antes mesmo de ele ser chamado, facilitou, então, a sua construção do trabalho pedagógico. Dessa forma, assim que soube que seria chamado, já foi à escola desejada para trabalho, no caso a escola Vila, para ver a possibilidade de vaga sem precisar esperar pela decisão da SMED:

[...] na hora de escolher a escola [...] como eu [...] tenho amigos próximos que trabalham na rede e outros colegas que foram chamados em outros Concursos, me alertaram pra algumas coisas, né, que a SMED costuma fazer, que é natural, né... eles querem te direcionar a escola que tu vai conforme a carência e conforme os lugares que [...] ninguém quer trabalhar [...] lugares mais difíceis de trabalhar. Então, logo que eu cheguei lá, os caras me disseram “óh, ãh, presta atenção que tais e tais escolas são muito difíceis... são muito longe e é pra onde normalmente eles querem te direcionar” [...] uns lugares, assim, que tem uma realidade difícil [...] que muita gente foge [...] então, eles tentam [...] te botar goela abaixo. Então, o que eu fiz? Eu me antecipei a isso, né, e como eu tenho meu coordenador de outra escola [...] ele trabalha [...] na SMED há seis anos... [...] lá na escola Vila também [...] ele falou “pô, Cara, eu te aconselho ir pra lá e tal... a realidade é muito difícil, é uma das piores realidades em termos de pobreza, tráfico e violência e tal, da SMED, mas tu tá pertinho da tua [...] casa...” [...] antes de eles me chamarem na SMED, né, eu vi que eu fiquei bem colocado... eu vi que iam começar a chamar... chamaram uns dois, três primeiros e eu digo “óh, na próxima leva eu tô”... aí eu fui na escola, falei com a Diretora... a Diretora disse “bah, não, estamos precisando de bastante gente”... já acertei os horários com ela e já cheguei com tudo pronto... eu me antecipei à SMED, né. Então eu cheguei na SMED e os caras me ofereceram lá [...] longe pra caramba e aí eu digo “não, óh, já tô acertado, a professora Diretora é a fulana, pode ligar pra ela se quiser, já fui lá, já acertei os meus horários e tá tudo certo”... aí peguei ele meio com as calças na mão, né... e aí fechou... fechei lá na escola Vila e não me arrependo... tem sido bom... apesar de difícil tem sido bom [...] acho que foi uma escolha acertada (Entrevista professor Camilo, 24/09/2011).

No caso do professor Camilo só foi possível essa antecipação à SMED por ter colegas de profissão que lhes deram as indicações de como seria o processo, porém o professor que não tem esse privilégio fica a mercê das determinações da Secretaria, sem a possibilidade de

escolhas conforme sublinha o professor Ernesto, da escola Campo, em relação a este processo:

[...] quando eu já tava pra ser chamado, por que eu tava acompanhando há algum tempo o Diário Oficial pra saber [...] já ficava meio de olho, assim, já organizando alguns papéis, porque sabia que já podia ser chamado em breve e também já fiquei mapeando mais ou menos as escolas da rede que eu conhecia, que eu tinha o contato de alguém que já tinha trabalhado lá ou que era próximo da minha casa, né, ou que ficaria, de alguma forma, viável pra eu poder ir de ônibus, né, pra escola [...] lá na Secretaria mesmo, me disseram que eu ia pra uma escola em um bairro mais rural, né, uma escola nova [...] enfim [...] que eu não teria opção, ou era lá ou era lá, né... era uma vaga que tinha e que eu deviria ir pra lá [...] (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Passado essa etapa da SMED, chega a hora de conhecer a escola, os colegas, os estudantes, enfim, momento marcante na vida profissional dos professores por ser a descoberta de situações novas. No entanto, os 3 professores/colaboradores destacaram que não há um preparo melhor a quem está chegando neste ambiente, porque quando se apresentaram às escolas pela primeira vez, chegaram sem saber o que de fato iria acontecer, como contou o professor Ernesto:

[...] na verdade tu entra e já chega dando aula, assim... foi o que aconteceu comigo [...] eu me apresentei numa quinta-feira na escola e na verdade eu fui designado pra aquela escola porque um professor tinha pedido uma transferência pra uma outra escola, então, pra ele poder sair, precisaria alguém chegar e nesse alguém fui eu. Quando eu cheguei lá, o professor já tava saindo e até foi engraçado, porque nesse dia... foi numa quinta-feira... eu ia acompanhar ele... ele ficaria até na sexta e a partir da sexta ele iria pra outra escola. Então na quinta-feira eu cheguei na escola, me apresentei pra coordenação, pra Direção... eles falaram rapidamente comigo, porque tava no meio do dia letivo, ah, aí eu conversei... fui apresentado pelo professor de educação física, ele ficou comigo ali... eu entrei junto com ele nas turmas, ele me mostrou as turmas, né... me contou um pouco do o que que ele fazia, como é que era o trabalho, como era a organização da escola, dos materiais, do espaço físico... e aí, no outro dia, ah, cheguei achando que iria só acompanhar ele novamente, né, e aí quando eu cheguei no outro dia, na sexta-feira [...] que seria o último dia dele, ah, e chegou alguém... não me lembro se foi alguém da Direção ou alguém da Coordenação Pedagógica e falou assim: "oh, tu já vai ficar no lugar dele porque ele vai ter que finalizar os cadernos de chamada pra poder [...] se liberar pra outra escola". Então cheguei meio, assim, de paraquedas mesmo, né... eu entrei na escola e no segundo dia eu já tava com as turmas, ali... claro que eu improvisei... nem tinha pensando em nada, achei que iria só acompanhar o professor, mas acabei me organizando ali rapidamente pra poder fazer uma atividade com os alunos [...] eu tive a sorte de pegar bem no processo ali de recesso escolar, então, eu acabei podendo ter um tempo pra me organizar, já tendo conhecido um pouco a escola, né. Mas, realmente, se eu não tivesse tido esse tempo que acabou pegando bem no recesso escolar do meio do ano, eu já teria pego as turmas e já estaria tocando o meu trabalho direto, assim, sem poder conhecer mais, sem poder saber um pouco mais da estrutura, enfim, foi mais ou menos assim (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Do mesmo modo, a professora Aleida aponta este fato de a escola não ter condições de

oferecer um tempo para adequação ao trabalho pedagógico:

Então eles me apresentaram... assim... no primeiro dia, mas depois eu fui por minha conta descobrindo os caminhos das coisas, né. Por que, justamente por falta de ter alguém... assim... me acompanhando, me explicando como funcionam as coisas. Então no primeiro dia que eu cheguei lá, eu tinha uma janela no primeiro horário, aí eu sentei e eu lembro que a vice-diretora chegou pra mim: “tá, tu vai pegar essa turma, nesse período?”. Eu não tava entendendo muito aquilo, sabe? Como assim, mas não é meu horário e... ah ... é pra sempre? E só agora? O que é que tá acontecendo, sabe? Essa era uma prática super comum na escola. Bah, ali pra eles essa substituição, quando vem um professor... mas que ninguém tinha me explicado o que é que tava acontecendo, porque que tava assim, sabe? Então acho que faltou um pouco disso, assim... tanto é que depois que as pessoas que eu vi chegando, eu tentei fazer esse meio de campo, ir apresentar a escola, falar sobre as dificuldades que a gente tem, enfim, sobre alguns aspectos da escola que quando eu cheguei, eu acho que faltou... assim... alguém pra fazer essa introdução [...] então, eu acho que faltou um pouco [...] (Entrevista professora Aleida, 05/09/2011).

Aqui é importante frisar que durante os estágios na ESEF/UFRGS os estudantes têm certo tempo de adaptação à escola, à turma que irá trabalhar, enfim, podem ter a oportunidade de observação anterior ao momento que se apresentam como professores perante a turma e de fato iniciarem os trabalhos como professores de EF/estagiários, diferentemente da realidade trazida pelos professores de EF iniciantes, o que caracteriza o distanciamento da prática com a realidade durante a formação inicial e que tratarei com maior profundidade na próxima categoria.

Apesar de apontarem esta falta adequada de acolhida e de tempo para a organização do trabalho pedagógico como um dos problemas ao chegarem à escola, ambos os professores fazem uma análise de que este fato ocorre justamente pela precarização da educação recorrente nas escolas públicas e por isso que essa acolhida deixa a desejar perante a este coletivo de docentes iniciantes, como traz Aleida:

[...] eu acho que as pessoas também não têm como nos ficar dando atenção o tempo todo que a gente precisaria, por que a escola é muito dinâmica, acontece muita coisa ao mesmo tempo [...] não por falta de vontade deles, mas por que eles... os diretores e as pessoas que poderiam fazer isso tão sim preocupados, mas sempre ocupados assim, sabe? [...] a escola pública, normalmente faltam professores, né. Então eles tão sempre querendo muito que as pessoas vão (Entrevista professora Aleida, 05/09/2011).

O professor Ernesto também faz uma breve análise da falta de acolhida relacionando com precarização da educação:

Até acho que é um problema, que na verdade... vendo hoje, já, né, depois de um ano na escola eu vejo que é um problema que é bem mais fundo, né, porque é na

verdade... na escola que eu tô, sempre tem, pelo menos, um professor de alguma área faltando. Então, né, é um problema sério, é um problema complicado, porque, ãh, é um problema que acaba atingindo os alunos, acaba atingindo os professores, que às vezes têm que se deslocar dos seus horários, ãh, por exemplo, de planejamento pra cobrir um professor que não tem, é um professor que fica doente, né... então... e aí, o jeito que a direção tem é isso, quando chega um professor novo não tem como ter esse tempo de acolhida, né, porque é uma necessidade de recurso humano... a pessoa chega e já tem que ir pra sala de aula pra cobrir aquele buraco que já estava se estendendo ali há bastante tempo, né. Então acho que foi por isso que aconteceu. Acho que a estrutura como é hoje da escola, não só da minha escola, mas como da escola pública como um todo, né. O jeito que ela está estruturada e dentro dessa estrutura não tem como ter essa acolhida, porque senão as escolas... já tem recursos humanos escassos, né, ta sempre faltando professor, ta sempre nesse problema, então, é, acaba sendo mais uma necessidade, assim (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

A precarização da educação vem da lógica de que despesas com a educação somente tem valor porque dela depende o desenvolvimento econômico. Ainda, embora haja o desenvolvimento na economia brasileira, existem, também, altos índices de concentração de renda, pobreza, exclusão e segregação social da maior parte do povo brasileiro (GENTILI, 2005).

Além da falta de recursos humanos causadora do “buraco” existente no quadro docente dessas escolas, existe ainda a falta de recursos materiais para os professores de EF, como equipamentos, espaços físicos (cobertos ou não), etc. Sem falar do número alto de turmas que ocupam o pátio ao mesmo tempo no momento da aula e do investimento do próprio professor ao ter que comprar materiais com seu próprio dinheiro, ficando evidente a característica na nova política de economia, ou seja, o neoliberalismo, no qual o Estado cada vez menos se responsabiliza pelo investimento das condições básicas do ser humano. Dessa forma, em relação a precarização da educação, Camilo e Aleida colocam que

A nossa escola tem bastante espaço, sabe, mas [...] nós temos um problema que são muitas turmas [...] fazendo educação física ao mesmo tempo na escola [...] nós temos uma cancha coberta que dá pra dividir em duas metades e fazer duas turmas ao mesmo tempo; nós temos um redondo, assim, uma ágora coberta que é ruim porque, lembra? É passagem pro refeitório, passagem pros blocos onde ficam as salas de aula, então, quem dá aula ali fica prejudicado porque chega a ser interrompida a aula... ãh, nós temos um outro espaço que é muito esburacado, tem muito caco de vidro, mas tem uma canchinha de futebol aberto que a gente procura evitar também justamente por esse perigo e nós temos uma cancha aberta e uma pracinha no lado dessa cancha que é um outro espaço bom de usar... então, o espaço físico é esse, a gente tem que ir revezando, a gente faz escalas... normalmente lá no colégio... ah, tem duas mini canchas de vôlei também no lado da cancha coberta [...] Quanto ao material, nós temos bastante materiais, só que pela realidade lá ser todo chão de pedra, brita, muita areia, as bolas de futebol... uma bola de futebol nova... uma bola de futsal nova dura duas semanas, assim, em bom estado, depois ela já começa a abrir a costura, já começa a sair aquela câmara de borracha, começa a aparecer, a ficar exposta, começa a ficar oval... então, o material, apesar de ter bastante material e sempre que a gente solicita, sei lá, em um mês chega o material

da SMED, ãh, a gente tem que cuidar o máximo porque ele se gasta muito... as crianças... é fica no alto do morro na Vila lá, então, muitas vezes um balão a bola se perde pra dentro da Vila e tu não busca mais, então... e as crianças não têm essa cultura de cuidar das coisas [...] uma das coisas que dificulta o trabalho é que muitas vezes, e o que não acontece na escola particular, na segunda-feira eu pego uma turma, a quarta-feira quem pega essa turma é a Andressa, então, dois professores pra mesma turma [...] dois estilos diferentes, muitas vezes duas propostas diferentes de trabalho com a mesma turma [...] então, isso é muito difícil [...] isso dificulta pras crianças também esse... ter uma referência, né, então, isso acontece... em escola privada eu sou professor de tal turma, eu sou professor de tal turma, né... lá na Vila algumas turmas eu divido com colegas, né, o que eu acho que é... que dificulta também bastante o teu trabalho... ter a qualidade que tu espera (Entrevista professor Camilo, 24/09/2011).

Em relação ao espaço físico é bem complicado [...] a gente não tem muitos espaços adequados na escola. Se tem dois professores ainda é tranquilo a gente trabalhar, mas com mais de dois professores ao mesmo tempo já se torna bastante difícil [...] algo que mais me dificulta [...] a gente nunca sabe onde a gente vai conseguir trabalhar. Por causa da chuva, por causa dos outros professores [...] Então, claro que, tendo um espaço melhor contribui pro trabalho também, né. Até em relação à segurança das crianças, então, é... isso é um pouco complicado de se trabalhar lá [...] Às vezes a gente tem que trabalhar ali naquela área coberta, não sei se tu te lembra ... digamos que fica no meio das salas de aula e, aí, fica passando um monte de gente, né [...] quando chove, também não tem muito espaço, a gente tem que ficar na sala de aula, ou colocar três turmas ali dentro da quadra coberta, só que quando tem os mais velhos fica muito mais difícil de colocar. Às vezes eles não aceitam [...] Em relação aos materiais [...] eu comprei umas bolas de vôlei bem leves de EVA, comprei uns cones, comprei umas cordas diferentes, fiz algum investimento inicial e, principalmente, material pra dia de chuva, porque a gente não tem material pra ficar em sala... joguinhos... assim... pra ficar em sala com eles. Então, eu tive esse investimento inicial em material. (Entrevista professora Aleida, 05/09/2011).

Outro fator que observei no trabalho de campo e que também apareceu na entrevista com a professora Aleida é o fato de que com frequência os professores de outras áreas do conhecimento da escola Vila não conseguem enxergar o pátio da escola como sendo a sala de aula da EF:

[...] outra dificuldade, depois do recreio, principalmente na sexta-feira, é bem frequente, que os professores de sala de aula liberam os alunos pro pátio. Simplesmente liberam assim, sem nenhum objetivo e os alunos dessas turmas ficam em volta da nossa turma, da nossa aula. Ficam passando no meio, ficam implicando com os nossos alunos, ou ficam ocupando o espaço que era pra gente dar aula e a gente tem que ficar brigando com eles pra eles saírem. Então, isso também dificulta bastante. Eu acho que as pessoas não enxergam o pátio como a sala de aula da educação física e isso é um problema. Isso é uma questão que eu quero levantar, ainda, em alguma reunião na escola (Entrevista professora Aleida, 05/09/2011).

Essa questão vincula-se a um dos pilares da organização do trabalho pedagógico na sociedade capitalista, a fragmentação (FREITAS, 2006), onde os professores de outras áreas não conseguem perceber a EF como uma área do conhecimento capaz de produzir trabalho intelectual e reflexivo através da cultura corporal. Sendo a EF percebida somente como

trabalho manual, ela é vista com pouco valor, pois na sociedade capitalista há a valorização do trabalho intelectual em detrimento do manual.

Outro exemplo de fragmentação é a dicotomia entre teoria e prática, na qual é reproduzida nos cursos de formação e até mesmo na escola, como coloca o professor Ernesto no trecho a seguir:

[...] eles tem muito aquela coisa de “ah, a educação física é a prática é porque eu vou ficar em aula é porque é teoria”... então, na verdade essa dualidade esta expressa na escola, né, pelas disciplinas, tá expressa na forma como se vê o conteúdo nessa divisão formal das coisa, assim, né, mas eu tô tentando superar isso aos poucos, assim, né... de tentar colocar pra ele que a gente pode, também, a parte prática, mas que também trabalhar conceitos (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Como também foi visto anteriormente, os professores de EF iniciantes sofrem ao chegarem à escola e, por serem novos, ficam com as piores turmas, os piores horários e os piores espaços para que possam organizar seu trabalho pedagógico de modo adequado. Na escola Vila pude observar claramente esse poder de hierarquia que também apareceu nas entrevistas dos professores Camilo e Aleida:

[...] é uma cultura que a gente entrou lá, é uma professora que tá há 30 anos no colégio que é a dona da cancha e é a dona das quadras de vôlei quando ela tá trabalhando [...] professora que só dá aula pro terceiro ciclo... então, os grandes do colégio, desde que eu entrei lá tem [...] essa vantagem, tem sempre a cancha, tem sempre as quadras de vôlei... claro que quando chove a gente conversa e tenta dividir os espaços... mas, então, a gente tem que se virar [...] (Entrevista professor Camilo, 24/09/2011).

Não existe [...] um esquema de rodízios entre os espaços, ta? Então, a gente já pensou até em fazer, mas a professora que tá a mais tempo lá, é uma professora que pega só o terceiro ciclo e que ela... ãh... não aceita muito as mudanças que a gente gostaria de colocar, sabe? Então, é um trabalho que a gente tá tentando fazer aos poucos. A gente primeiro tá tentando ocupar a quadra fechada, porque, antes, ficava só o terceiro ciclo. Então, a gente tá tentando entrar lá primeiro, pra, depois, tentar propor alguma maneira de beneficiar os pequenos, também, com esses espaços que seriam o melhor espaço, porque, senão, os pequenos acabam nunca podendo trabalhar lá [...] então, se criou uma cultura de que aquele é um espaço de terceiro ciclo. Na verdade, não é, né. Então, se criou essa cultura tanto pra professora, quanto pros alunos. Então, a gente tá tentando quebrar um pouco com isso [...] (Entrevista professora Aleida, 05/09/201).

Outro fator latente observado no trabalho de campo e durante as coletas de informações nas duas escolas e que também é apontado por Franco (2000), foi em relação ao comportamento dos estudantes e a organização da sala de aula, no qual os professores de EF iniciantes sentem-se responsáveis em tentar solucionar prontamente. Nesse sentido, notei essa aflição dos professores/colaboradores quanto a estas questões:

[...] me sinto muito afetado quando tem crianças brigando, quando rola chute na cabeça... eu fico muito mal... vou pra casa mal... e tem professores que, eu não sei se é o certo, é deixar as coisas da Vila lá na Vila, sabe? [...] quando tem criança que me xinga, que me ameaça, diz que vai furar os pneus do meu carro e eu saio chateado... não com medo que façam as coisas, mas saio chateado, digo “[...] esse aluno aí vai me querer mal [...]” e não é... eles têm muito pouca memória, sabe? Na aula seguinte eles já tão te abraçando... e eu tô pegando isso aos poucos, ao passo que tem gente que às vezes tem menos condições, assim, de dar aula e dá aula muito melhores porque, justamente, estão mais acostumados... então, eu acho que a faculdade me deu muita base, mas não me preparou, ah, pro que eu vi lá naquela Vila... me deu alguns elementos pra eu enfrentar pra o que eu tô vendo lá, mas o principal, assim, eu acho que, bah, lá é só vivenciando no dia-a-dia... tanto que tem gente... teve dois professores que entraram junto comigo lá no colégio de outras áreas, um da música e uma das séries iniciais... professora... pedagogia, assim... e desistiram, largaram... do Concurso esse que a gente entrou, da turma que foi chamada junto comigo só eu fiquei, os outros arrepriaram... não aguentaram o tranco... e é uma coisa muito forte, né... não dá pra culpar (Entrevista professor Camilo, 24/09/2011).

Esse contexto de violência na escola Vila foi logo alertado pelo professor Camilo no primeiro contato telefônico que tivemos para darmos início às observações, no qual disse que queria me prevenir para que eu não levasse um susto na primeira visita à escola, pois a realidade na escola Vila não era o mesmo que vivenciamos durante a graduação. Sobre a violência, o professor Camilo ainda diz que apesar desse “choque inicial, assim, da realidade violenta, da pobreza [...] tu só vê como é que tu vai reagir no momento em que tu vê na pele”, mas que, apesar disso, “[...] o retorno afetivo é muito grande por parte das crianças (24/09/2011).

Então, apesar dessa violência, da pobreza e dos problemas de comportamentos causarem o choque com a realidade, analisei que os professores tentam compreender tal contexto sem culpabilizarem-se e sem culpabilizar os estudantes, pois, como vimos em Freitas (2006), uma das estruturas da escola capitalista é a alienação, tanto dos professores, quanto dos estudantes. Dessa forma, o estudante, assim como o trabalhador assalariado (incluindo o professor), não se sente parte e nem vê sentido em estar na escola, como explicita o professor Ernesto:

[...] os alunos... muitos deles ali, também, não veem na escola um motivo muito forte pra estar na escola... então, tem muitos alunos que estão ali só pra, sei lá, só por obrigação... muitos alunos vão porque recebem o bolsa-família, por exemplo, então, eles se mantêm na escola pra poder receber o bolsa-família, né... e, são desinteressados, mas estão ali pra se manter, né... então, tem... eu acho que o contexto social é uma coisa que interfere... não tem como não, né? (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Neste capítulo, então, foi possível analisar e compreender o contexto no qual o

professor de EF iniciante está inserido. Por sua vez, este contexto causa um choque inicial que entendo que poderia ser, se não evitado em sua totalidade, ao menos amenizado quando vivenciado durante a formação inicial da ESEF/UFRGS. Porém, ao não ter essa vivência presente neste processo de formação, os professores de EF iniciantes procuram encontrar formas de construir o trabalho pedagógico frente a essas dificuldades. Outro elemento importante analisado sobre o choque com a realidade é que os professores de EF iniciantes não têm um tempo adequado de adaptação, o que dificulta a organização do trabalho pedagógico neste período, onde o ambiente de trabalho é novo e distante de suas realidades de vida e de suas vivências.

## **4.2 Do Choque Inicial à Organização do Trabalho Pedagógico**

Neste capítulo tentarei responder a pergunta norteadora desta pesquisa: De que forma o professor de EF iniciante constrói o trabalho pedagógico nas escolas da RMEPOA?

No capítulo anterior vimos que o professorado de EF iniciante enfrenta diversas dificuldades que causam o “choque com a realidade” e que esse choque influencia na organização do trabalho pedagógico. Contudo, segundo o referencial teórico e o trabalho de campo, foi possível analisar que após esse choque com a realidade os professores tentam construir o trabalho pedagógico através da análise da realidade em seus locais de trabalho.

A análise da realidade, por sua vez, acontece através da reflexão do próprio trabalho no dia-a-dia e do contexto escolar onde, desta forma, os professores/colaboradores tentam organizar o trabalho pedagógico de forma a contornar as dificuldades da melhor forma possível, como o professor Ernesto traz em seu relato:

[...] parando pra ver hoje [...] eu tô tendo que refletir em relação a essa prática que eu tô tendo [...] eu tô tendo que refletir muito em cima daquilo que eu vivencio no dia-a-dia [...] são várias questões [...] que dificultam o trabalho, né... mas, enfim, elas estão ali e a gente tem que saber lidar com elas e tentar solucionar da melhor forma possível (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Durante o processo de reflexão constante da própria prática, de erros e acertos, de dificuldades e situações diversas vivenciadas no cotidiano, os professores acabam conhecendo a particularidade de cada estudante e de cada turma, quais as melhores atividades a serem utilizadas para tal realidade, enfim, acabam conhecendo os “atalhos” para que possam organizar o trabalho pedagógico frente à precarização da educação existente nas escolas públicas e frente às condições de vidas precárias que os estudantes dessas comunidades

escolares se encontram, como é o caso da escola Vila, onde a realidade da comunidade é de pobreza, violência, tráfico e analfabetismo.

Por esses motivos que, quando conversei com o professor Camilo por telefone para que pudéssemos acertar a primeira observação, ele tentou contextualizar o seu local de trabalho, dizendo que a escola Vila se localiza num dos bairros mais pobres e violentos e que não era a realidade que vivenciamos na ESEF/UFRGS (Diário de Campo, 16/08/2011).

[...] a ESEF não te prepara pra realidade [...] que a gente tá enfrentando [...] quando eu fui pra lá eu tive que desconstruir totalmente a minha ideia de uma aula ideal, né... isso aí eu falei muito pra ti aquele dia e até te avisei com antecedência no telefone pra tu não ser pega de surpresa [...] uma das coisas que eu tive que trabalhar na minha cabeça foi uma desconstrução de um modelo ideal de aula [...] chegar, alongar, aquecer, fazer a parte principal, fazer uma parte final, fazer uma volta a calma e entregar a turma na sala de aula, sabe? Isso aí lá na Vila tudo se mistura, né... então, tem que desconstruir esse ideal de aula [...] tu me pergunta o que eu aprendi na faculdade e o que eu não... o que eu uso lá, ah, puxa, muito da minha bagagem... essa bagagem de jogos, de brincadeiras lúdicas, isso daí tudo a faculdade me deu bastante base, né, mas, agora, aquelas questões de teorias de treinamento, metodologias de treinamento, a própria parte de avaliação, ah, coisas, assim, que eu lá se passam muito longe da realidade que a gente passa lá na Vila, sabe? Então, ah, os próprios estágios, o estágio que eu fiz foi numa Escola Estadual [...] foi bem bacana o estágio, sabe? Mas foi um estágio, enfim, que eu consegui ter a turma na mão, sabe... como estagiário não tive problemas em dar conta da turma, sendo que nessa realidade da Prefeitura... nessa realidade que eu vivo [...] a realidade que a gente vive lá é muito complicado tu chegar novo, assim, e já conseguir sair dando aula, então, ah, o próprio estágio docente que eu fiz [...] me ajudou nessa questão... questões pontuais de atividades e tal, de manejo de turma, mas não me preparou pra essa realidade mais violenta [...] pouca gente brigava em aula, pouca gente se xingava, existia um respeito com o professor que lá a gente tá construindo, lá eu sou muito xingado, lá o meu ouvido é um filtro, né... eu tenho lá que separa briga, né, lá eu tenho que me meter no meio de soco e pontapé, coisa que eu não tinha vivido até chegar lá, entendeu? (Entrevista professor Camilo, 24/09/2011).

Sobre a desconstrução do ideal de aula, o professor Ernesto, da mesma forma que o professor Camilo, destaca que:

[...] a aula na escola não é aquela aula idealizada que a gente tem... que a gente pensa [...] aquela aula idealizada durante a faculdade “ah, faz essa atividade que vai dar certo, ah faz essa atividade aqui...”, não! O contexto real é muito diferente do contexto ideal [...] e no contexto ideal a gente vai se deparar com várias situações que, bom, vai depender de... essas situações dependem de várias coisas e pra resolver aquele problema ali [...] às vezes a gente vai conseguir, às vezes não [...] (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

A professora Aleida traz outro elemento importante quanto ao distanciamento da realidade dos estudantes da escola em que trabalha para a sua realidade de vida e que esse é um motivo no qual dificulta a organização do trabalho pedagógico:

Em relação às crianças, eu acho que eles tão... eu acho que é uma realidade muito diferente.. assim.. da nossa. Quando eu entrei lá, eu tive que aprender a usar um filtro diferente do meu filtro do dia a dia... assim... pra palavrões, pra empurrões... se a gente for parar a aula, como eu acho que deveria ser, sabe, a cada momento que eu vejo situações que eu não concordo e que eu acho que não são adequados pra uma escola, a gente não vai dar aula. Então, tu acaba permitindo coisas que normalmente tu não permitiria. Claro que eu não vou permitir uma agressão física, uma violência... que vão se machucar... claro que não! Mas o teu filtro acaba sendo diferente. Então, eu acho, inclusive, que a gente acaba até se acostumando e isso é ruim... se acostumando com alguns palavrões, com algumas coisas que eles falam, que no início a gente... ãh... coloca mais um freio maior, né... e depois a gente vai , sem perceber, deixando passar algumas coisas. Mas, com certeza, o filtro que eu utilizo lá é diferente do filtro que eu utilizo em outras situações. Então, se tu... se tu não relativizar isso, tu não dá aula lá (Entrevista professora Aleida, 05/09/201).

Relacionando o referencial teórico e minha vivência como estudante com esses três trechos de entrevistas e a observação participante durante o trabalho de campo, afirmo que há um distanciamento da realidade dessas escolas de periferias de Porto Alegre das práticas de ensino que nos são oferecidas durante os estágios e durante a graduação em geral.

Além da desconstrução de aula ideal pelo fato de que a prática na graduação não condiz com as condições de vidas precárias das comunidades escolares deste estudo, durante a coleta de informações foi possível analisar o quanto a precarização da educação e a consequente precarização das condições de trabalho dos professores/colaboradores são determinantes na organização do trabalho pedagógico diariamente.

Em relação ao material [...] tem um material relativamente bom [...] Claro que não é aquela coisa... claro que não dá pra fazer tudo aquilo, por exemplo, como a gente aprende na faculdade, quando a gente tem, né, os espaços bem mais amplos, a gente tem um vasto material pra trabalhar... por exemplo, eu tenho três bolas de basquete, né, então eu tenho que, numa turma de trinta, eu tenho que saber como é que eu vou poder trabalhar com essa turma só com essas três bolas de basquete. Por exemplo, bola de vôlei é uma coisa [...] o tempo de uso dela é muito curto, né... que os alunos, afim, chutam, jogam na parede, batem, né... então, a quadra é de cimento, então a bola bate no chão e vai, ãh, se desgastando muito rápido, tanto que agora, assim, a gente tem uma bola de vôlei na escola, então, se eu quero trabalhar vôlei, eu tenho que pensar uma coisa que todos possam fazer com uma bola [...] bom, até tem um material... a gente tá conseguindo organizar, ãh, pra pedir nos orçamentos que a escola recebe, né, bimestralmente, mas, ãh, é sempre aquela coisa, né, tem uma limitação muito clara [...] (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Ainda em relação às condições de trabalho desses professores, os espaços escolares para a EF nas escolas Vila e Campo são limitados, principalmente nos dias de chuva, pois não existe um espaço coberto adequado para essas aulas. Essa problemática apareceu numa das conversas que participei na sala dos professores durante o intervalo. Os próprios colegas do professor Ernesto comentaram que esse complicador prejudica a organização de seu trabalho pedagógico diariamente e que, portanto, ele precisa se informar constantemente das condições climáticas (Diário de Campo, 26/08/2011), isso porque, quando chove, ou o professor Ernesto

trabalha em sala de aula, ou utiliza um espaço coberto que não é bom, pois:

[...] as pessoas circulam muito pra ir de um lado da escola pro outro e também fica bem na frente dos banheiros, ãh, fica bem na frente dos bebedouros, fica numa parte onde tem telhas e tem lâmpada, então, na verdade, é complicado de trabalhar alguma coisa ali. Mesmo quando chove é um espaço que é bem pequeno... é um espaço que não consigo concentrar a turma ali toda... é um espaço que fica passando muita gente durante a aula e, então, às vezes eu acabo... quando chove [...] eu não posso usar a quadra, eu acabo tendo ou que fazer uma coisa em sala de aula, né, ou trabalhar com [...] alguma coisa escrita... algum trabalho na informática ou eu tenho que utilizar os jogos, né, os jogos de carta, xadrez, damas, né... acabo tendo que utilizar esse tipo de coisas, assim, em sala de aula (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Nesse sentido, a professora Aleida diz que:

Tu nunca sabe... eu sempre vou com uma aula preparada, mas com uma opção de plano B, caso eu não tenha espaço pra trabalhar. Então, eu sempre tenho uma carta na manga pra quando acontece esse tipo de situação que não é tão incomum de acontecer [...] (Entrevista professora Aleida, 05/09/2011).

Outros componentes que estão inseridos na organização do trabalho pedagógico desses professores de EF iniciantes estão relacionados com os conteúdos a serem trabalhados nas aulas, as abordagens da EF a serem utilizadas e o método de avaliação que melhor se adequam a realidade da comunidade escolar em foco, pois, como enfatiza o professor Camilo, os estudantes

[...] vêm de uma cultura bem desorganizada de casa [...] então é muito bagunçado [...] o meu trabalho, a minha prática pedagógica lá no colégio, ela se volta muito mais pra questões sócio-afetivas do que propriamente da educação física [...] o meu conteúdo da educação física é um detalhe [...] o que eu vou focar mesmo é que eles saiam em ordem da sala de aula, que eles fiquem em silêncio na rodinha quando eu receber eles pra gente fazer a chamada e conversar sobre como vai ser a aula, eu vou focar numa não dispersão deles no trajeto até o pátio, que isso aí, tu vê, são coisas muitos pequenas, né, são objetivos muito simples [...] (Entrevista professor Camilo, 24/09/2011).

Ele também faz a reflexão de que o trabalho pedagógico nas escolas particulares em que é professor, é diferente da vivida na escola Vila:

[...] numa outra qualquer escola que eu trabalho, são coisas que eu nem coloco como objetivo, porque isso aí já tá inerente ao meu trabalho... é, as crianças já sabem que é óbvio... que quando a gente tá indo pro ginásio, a gente tem que ir em ordem, a gente tem que ir em fila... que se eu peço silêncio, eles sabem que eles têm que fazer silêncio... eles sabem que quando eles têm que chegar no ginásio, eles têm que sair, correr e formar direto uma rodinha e ficar em silêncio pra gente conversar sobre a aula. Lá na Vila tudo tem que ser construído [...] esses objetivos foi um pouco frustrante no começo lá na Vila que, enfim, eu não conseguia reunir a turma [...] eu

abria a porta da sala de aula, saía um pra cada lado, correr pelo colégio, chutar as portas das outras salas, subir nas grades, ãh... ir pra pracinha, então eu ficava dando aula pra 5, 6 alunos e os outros 15 ficavam dispersos, né, que é uma loucura, se tu for pensar... e aí, aos poucos, eu fui colocando objetivos [...] (Entrevista professor Camilo, 24/09/2011).

Quanto aos conteúdos, o professor Ernesto aponta para o fato de a EF não ter uma sistematização dos conteúdos desta disciplina e que isto também é um problema no campo de trabalho, mas que, apesar disso, trabalha com “[...] a questão dos esportes coletivos... eu tô tentando trabalhar a questão dos jogos populares, né, jogos cooperativos, tô tentando iniciar agora um trabalho com a questão das lutas, o atletismo [...]” e que, com isso, tenta organizar estes conteúdos no trabalho pedagógico criando:

[...] um sistema meu de organização, até porque eu sou o único professor do terceiro ciclo inteiro na escola... então, eu acho que isso é uma coisa que, se por um lado é ruim porque eu posso ter... eu tenho nenhum outro professor pra poder compartilhar alguma ideia em relação a isso, é bom porque eu acabei organizando... eu mesmo me organizando em relação a isso... mas eu acho que é uma coisa complicada porque eu acho que é uma deficiência da formação que não me deu subsídio pra organizar isso dentro da escola, assim, né... acho que é um problema da educação física até hoje, assim... de como organizar esses elementos pra ser trabalhados na escola e de que forma vai ser sistematizado... que tu acaba vendo o professor trabalhar a mesma coisa na quinta série e um outro professor trabalhar a mesma coisa na oitava... então, como é que é esse processo? Como é que se da isso? Então, acaba sendo muito mais da cabeça do professor do que de uma organização sistemática que possa levar o estudante a compreender, de fato, todos esses elementos da cultura corporal... então, acaba ficando uma coisa bem desorganizada, assim (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Quanto a isto, o professor Camilo diz que:

Bom, eu sempre traço paralelos com a, com a idade parecida que eu trabalho nos outros colégios né... então, eu trouxe muito dessa bagagem de outros colégios particulares e tentei adaptar à realidade que a gente encontra lá na Vila [...] os ciclos ou séries pra mim [...] eu vou mais pelo idade das crianças mesmo, sabe... e, tem essas particularidades, a questão por ciclos, mas o que diferenciou bem pra mim, o que atrapalhou, ou o que ajudou não foi a questão por ciclos, foi realmente a questão cultural mesmo [...] que envolve o trabalho lá na Vila [...] a maioria dos trabalhos que eu faço no primeiro ano, no segundo ano, na escola seriada, na escola particular, por exemplo, lá no ciclo eu tenho que adaptar muito, porque são atividades que não dão certo... são atividades que exigem um material que na Prefeitura a gente não tem... são atividades muito regradas que exigem bastante da parte cognitiva das crianças que lá na Prefeitura [...] o nível cognitivo das crianças é muito baixo... tem alunos de 12, 13, 14, 15 anos sendo alfabetizados... tem alunos de 8, 9 anos em turmas com alunos um pouco mais velhos e fazendo trabalhos de colagem... trabalhos, assim, que são de nível A, nível B... de 4, 5 anos no colégio privado [...] então eu tive que adaptar bastante as minhas atividades, né, pegando algumas ideias do colégio e adaptava pra Prefeitura [...] (Entrevista professor Camilo, 24/09/2011).

Sobre a questão de a escola da RMEPOA ser organizada por Ciclos de Formação, a

professora Aleida diz que isso não influencia na organização do trabalho pedagógico, em relação a sistematização dos conteúdos, pois:

[...] o que eu vejo na prática é que o ciclos não são tão diferentes [...] eu não vejo tanta diferença [...] na prática entre as dos município e por anos regulares nas outras escolas. Eu, como pego só a educação infantil [...] eu estruturo o meu trabalho bastante semelhante com o que eu fazia na creche, por exemplo, porque a creche eu pegava até o jardim B, que é o primeiro ano, atualmente, ou com o trabalho inicial ali do quero-quero. Então, como eu pego eles no início, eu não tenho tanto que me preocupar com a transição de um ciclo pro outro, né. Eu pego eles só no início da escola. Não pego essa transição [...] (Entrevista professora Aleida, 05/09/201).

O professor Ernesto ainda pondera que a proposta por Ciclos de Formação na RMEPOA

É uma proposta bem interessante, bem avançada, mas que, na minha opinião, inexistente hoje na rede, né... na verdade é só um nome do ciclos, mas, que na minha opinião, vendo como ta estruturado a escola, ah, a gente tem uma seriação que ta maquiada pelo ciclo [...] eu vejo que os professores são muito pouco incorporados a ideia de ciclos, né... então, na verdade, quando vai se debater [...] os casos dos alunos, não se pensa nessa história, ah... não se pensa nessa questão da estrutura por ciclos, como sendo um processo, né... se pensa só naquele período [...] ou o aluno [...] vai passar ou vai rodar, ah, enfim, então, na verdade, apesar de eu considerar um proposta avançada, eu vejo que [...] a proposta de fato, em si, já não funciona como é a ideia original dela [...] e isso acaba interferindo bastante na organização do meu trabalho [...] (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Sobre as abordagens da EF, a professora Aleida coloca que, após ter ingressado como professora de EF na RMEPOA, ela mudou sua concepção de EF pelo motivo que trouxe diversas vezes em outros momentos, mas que é importante ressaltar, que é o fato de a realidade da escola Vila ser diferente das que vivenciamos durante a formação inicial, então:

[...] a mudança, né, da divisão que eu tinha do papel da educação física antes e depois que entrei pra escola, isso mudou um pouco quando eu entrei, justamente porque eu trabalhava numa linha da abordagem desenvolvimentista que me servia pros locais que eu trabalhava [...] E quando eu cheguei lá, eu não deixei de trabalhar com ela, mas eu passei a dar importância pra coisas que outras abordagens trabalham muito mais que a desenvolvimentista, então, essa parte de relacionamento, de respeito entre eles... ah... principalmente dos relacionamentos e algumas brincadeiras mais tradicionais deles que eu tô tendo que buscar também pra trabalhar na aula... então... ah... hoje em dia eu acho que eu não trabalho... ah... só dentro da desenvolvimentista... eu acho que a gente não trabalha só dentro de uma nunca, mas tu acaba trabalhando mais dentro de uma. Então, eu acho que eu me distanciei um pouco da desenvolvimentista, apesar de não achar que eu tô inserida em alguma outra, eu acho que eu tô seguindo uma abordagem desenvolvimentista com um... características que eu tô aproveitando de outras abordagens nessa... nessa minha trajetória. Então, eu acho que eu tive que repensar o papel da educação física que eu via dentro da escola depois que eu fui pra lá. Pensava que era um papel de realmente ensinar um movimento e quando eu fui pra lá eu tive que trabalhar com... ensinar outras coisas além do movimento, então, mudou, assim, um pouco a visão

que eu tinha pra aquele ambiente. Não quer dizer que eu vou chegar em um outro contexto e que eu vou fazer o mesmo tipo de trabalho, esperar a mesma coisa, né. Então... ãh... eu acho que apesar... apesar disso, eu continuo acreditando na abordagem desenvolvimentista, mas eu sempre estive ciente, na verdade, de que... ãh... são necessárias outras aprendizagens também, né... mas, eu acho que isso ficou ainda mais evidente lá (Entrevista professora Aleida, 05/09/2011).

A professora Aleida pondera que as abordagens da EF, como a “[...] crítica-superadora, emancipatória, construtivista, da psicomotricidade [...] tem uma série de abordagens que estão aí hoje em dia na educação física [...]” não são estudadas durante a formação inicial e que:

[...] acho que isso dificulta um pouco o nosso trabalho, porque cada pessoa trabalha dentro de uma abordagem e muitas vezes nem sabe que abordagem tá trabalhando, nem sabe que existem diferentes abordagens. Então, eu acho que a gente não é muito consciente disso e eu acho que a gente precisa saber no que acredita, né. Por mais que tu não concorde totalmente com aquilo, tu precisa saber te encaixar, pelo menos, ou tu precisa compreender porque que cada professor de educação física trabalha de um jeito e trabalha um conteúdo diferente... e isso tá bastante relacionada no que ele acredita que seja o papel da educação física na escola, né. Então, eu acho que a gente acaba não fazendo isso de uma maneira inconsciente... tu sabe que tu não acredita em alguma coisa, tu sabe que não concorda com um trabalho de um colega teu, mas não sabe o porquê. Eu acho que isso falta, então. Isso é uma parte teórica que eu acho que falta. Faltou na minha graduação, pelo menos... de compreender que a educação física [...] são diferentes visões sobre a mesma educação física e que elas podem, sim, conviver juntas porque cada professor vem e te diz que a educação física é de um jeito e, não, que ela pode ser daquele jeito (Entrevista professora Aleida, 05/09/2011).

Do mesmo modo o professor Ernesto diz que:

[...] claro que eu me baseio em teorias, assim, né... eu gosto da proposta crítico-superadora da educação física, que eu acabei tendo pelo contato que eu tive com o Diretório Acadêmico, porque eu não vi essa discussão dessa teoria durante as disciplinas da educação física e nessa perspectiva, assim, da pra entender um pouco mais... de uma forma um pouco mais ampla, assim, entender a partir da realidade e não de uma ideia de educação física [...] partindo dessa realidade, tentar, ãh, trabalhar os elementos da cultura corporal de forma crítica... de forma que o estudante possa compreender de fato esses elementos e fazer uma reflexão sobre eles, né. Claro que o fato de eu ter essa teoria não significa que eu consiga coloca-la 100% na prática, porque existem todas essas dificuldades, né, mas eu me baseio bastante nessa concepção de educação física [...] essas concepções de educação física [...] não me recordo de ter visto elas durante o curso e também, porque acaba assim, cada professor acaba colocando a sua visão, dentro da sua disciplina específica, né, então, acaba como sendo um quebra-cabeça, né, o professor da uma disciplina lá, o outro dá aqui e outro dá ali e, depois, o estudante tem que parar e juntar esse quebra-cabeça e tentar colocar na prática, né. Então, eu acho que isso é um complicador, assim... acho que se a estrutura fosse diferente, acho que poderia se aproximar um pouco mais da realidade (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Outro componente que apareceu como sendo importante no processo de construção do trabalho pedagógico dos professores/colaboradores e que também estão diretamente

organizados pela demanda que a comunidade escolar exige é a questão da avaliação dos estudantes. Os professores Camilo e Ernesto quando perguntados sobre isso, dizem que a avaliação não está relacionada com a questão do movimento e da técnica, eles tentam avaliar o comportamento, a organização, a participação, pois:

os professores de primeiro ciclo, por exemplo, se juntam e elaboram objetivos, assim, que acham que seriam pertinentes [...] que a gente avaliasse as crianças, né... então, tudo muito básico, assim, né... então, muito haver com a organização deles [...] na minha avaliação eu preencho alguns quesitos [...] “A” de atingiu, “AP” de atingiu parcialmente ou “NA” de não atingiu, né... então, atingiu parcialmente ou não atingiu, ãh, organização prontidão para a aula... por exemplo, um professor apitou para começar e ele reage bem ou não [...] ele reage pra esperar ou ele fica avacalhando [...] respeitou os colegas em aula, respeitou o professor, entendeu as combinações feitas em aula, respeitou as combinações [...] entendeu os objetivos das aulas, participou de maneira, ãh, interessada na aula, não participou, dispersou demais... então, é nesse sentido, sabe... a gente... lá na escola particular, por exemplo, a gente trabalha [...] dentro da perspectiva desenvolvimentista, assim... então, no final de cada trimestre, a gente [...] tá observando lá, pó, ãh, se no primeiro ano, ãh, os alunos saem conseguindo, ãh, fazer com naturalidade o movimento de corrida lateral, por exemplo... corrida de costas, ou saltando com um pé só... então, a gente vai nessa questões do desenvolvimento motor... lá na Vila a gente deixa isso meio de lado, a gente foca mais na questões organizacionais e sócio-afetivas deles nas aulas de educação física... então, é a partir disso que eu avalio... né... eu nunca vou avaliar mal na minha vida, por exemplo, uma criança com dificuldade locomotora, com... tem muitas, muitas crianças com paralisia infantil, tem muitas crianças cadeirantes nas aulas, tem muitas crianças com Síndrome de Down... então, a gente avalia em relação a como é que se portou na aula dentro do que a gente propôs, assim, sabe... mas, nunca em relação a habilidades ou competências que ela venha ter adquirido nas aulas, porque justamente a gente não foca na produção deles, a gente não foca... a educação física é um pano de fundo pra questões muito maiores, muito mais básicas... a gente ensina eles a comerem no refeitório, ele pegam as comidas com as mãos... tu acompanhou lá, né? [...] tem que ensinar eles a cortar com garfo e faca, tem que ensinar eles a não botar a boca no prato e virar a sopa pra dentro da boca, tem que ensinar eles a lavarem as mãos depois de comer... coisas, assim, que são muito básicas pra gente ficar pensando em avaliar eles a questão de competência nas questões do movimento, né... então, a avaliação é por aí (Entrevista professor Camilo, 24/09/2011).

O professor Ernesto coloca que a questão da participação é importante, mas que precisa perceber alguns casos específicos, compreendendo que cada estudante tem sua particularidade e precisa ser avaliada da seguinte forma:

[...] Eu não posso avaliar, por exemplo, uma participação de um aluno que eu vejo que tem facilidade motora e tem interesse, por exemplo, em jogar basquete, do que alguém que nunca pegou uma bola de basquete, né... alguém que nunca teve contato, que nunca teve experiência... nunca teve, ãh, aproximação com aquela atividade... não posso avaliar a própria participação dessas duas pessoas da mesma forma [...] Então, eu acabo relativizando isso, um pouco [...] principalmente tentar entender o contexto que aqueles alunos estão colocados [...] (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Ainda diz que tenta avaliar os estudantes por mais de um instrumento de avaliação, além da participação, como por exemplo:

com trabalhos escritos [...] até tô fazendo bastante prova [...] avaliação escrita, mesmo mas, também, tentando sempre relativizar, né, não só a nota... não só o score do aluno na prova, mas relativizar aquele conhecimento, o que ele tem aprendido, o que ele tem se superado [...] e, até porque a avaliação da Prefeitura não é por nota e sim, por... são três avaliações que tem... é “A”, que significa que o aluno atingiu o objetivo, “AP”, que ele atingiu parcialmente e “NA” que ele não atingiu, né... então, ãh, esse tipo de avaliação permite com que tu possa relativizar um pouco mais a nota do aluno, apesar de ser um conceito que alguns professores não concordem, que às vezes pra algumas situações parece ser muito fechado, né... eu acho que ele permite um pouco dessa amplitude de tentar relativizar o processo do aluno e não só o resultado em si, né... não focar apenas no resultado... permite que o professor possa, né, relativizar o processo do aluno (Entrevista professor Ernesto, 20/09/2011).

Com os achados através desta profunda análise da realidade dos professores/colaboradores e nos quais foram expostos neste capítulo, foi possível compreender que, ao passo que os professores de EF iniciantes sofrem “o choque com a realidade”, eles refletem constantemente sobre suas práticas e como podem organizar o trabalho pedagógico frente a estas problemáticas inerentes ao processo de precarização da educação.

Acredito que esse choque inicial poderia ser, senão evitado, ao menos amenizado caso a formação inicial proporcionasse que a prática fosse mais próxima da realidade dessas escolas da RMEPOA. Pois, durante a graduação não estamos sozinhos, estamos com colegas, sob a supervisão constante dos professores e normalmente o trabalho no espaço escolar ou de estágio durante a graduação é organizada por duplas, sendo que: “nas escolas, geralmente, o professor novato fica a mercê da sorte, podendo ou não conseguir superar a fase de adaptação que está confrontando. Assim, sem ter com quem compartilhar suas dúvidas, seus acertos e seus erros, o professor acaba apoiando sua prática em ações que vivenciou na época de estudante” (SOUZA, 2009, p. 37).

Sendo assim, concordo que:

Uma proposta curricular deve se questionar sobre os objetivos do curso de formação, buscando uma maior articulação entre teoria e prática, garantindo a interdisciplinaridade assim como reconhecer, identificar e respeitar as diferenças de seus alunos, sistematizar os saberes pedagógicos de modo a facilitar o processo ensino e aprendizagem, incentivar a pesquisa em prol da construção social, direcionando sempre para ações crítico transformadoras. Dando ênfase às questões político-sociais do processo de formação para a superação das barreiras impostas pelo sistema capitalista que privilegia uma minoria em detrimento a exploração/alienação da grande maioria (EXNEEF, 2003).

Dessa forma, a formação de professores de EF da ESEF/UFRGS poderia subsidiar de forma mais coerente com a realidade dessas escolas da RMEPOA, sendo assim, contribuindo com a organização do trabalho pedagógico desse coletivo de professores de EF iniciantes.

## 5 Considerações Finais

Para dar início a este estudo procurei responder a seguinte pergunta: de que forma o professor de EF iniciante constrói o trabalho pedagógico nas escolas da RMEPOA? Para tanto, utilizei como metodologia o estudo de caso de caráter qualitativo e como instrumentos de coleta de informações entrevistas semi-estruturadas e observações participante, com a confecção de um diário de campo. Foram realizadas 3 entrevistas com professores da RMEPOA e as observações em seus locais de trabalho. Também, foi traçado como objetivo analisar e compreender de que forma esse processo de construção se dá em seu local de trabalho: a escola.

Para tal, busquei apoio no referencial teórico através de leituras sobre a temática. Com isso, percebi que se fazia necessário entender qual o contexto que o professor de EF iniciante está inserido de forma aprofundada. Então, procurei entender não só o contexto da escola, mas o contexto mais amplo no qual a escola está inserida: a sociedade.

Neste sentido, primeiramente estabeleci o que entendo como sendo um professor de EF iniciante e o que se tem na literatura sobre esta temática. Encontrei na bibliografia pesquisada que os autores têm mostrado certa preocupação com o coletivo de docentes novatos nas escolas públicas. Isso porque estudos têm indicado que os primeiros anos da carreira docente na escola são marcantes, pelo fato do professor iniciante passar de uma condição de estudante em que idealiza uma forma de trabalho pedagógico, mas que, na verdade, não condiz com a realidade das escolas públicas, causando, nesta fase, o choque com a realidade.

Partindo desses pressupostos sobre o professor iniciante, busquei analisar, através de leituras, a sociedade na qual a escola está inserida e qual a sua relação com o trabalho em geral. Entendendo isso, foi possível compreender o trabalho pedagógico, ou seja, a organização da escola na sociedade capitalista.

Nesta profunda análise da relação entre escola, trabalho e sociedade, entendi que o trabalho é assalariado, explorado, caracterizado pela mais-valia, alienado e fragmentado. Além disso, a escola se estrutura da mesma forma, sendo essa atendendo às demandas do mercado de trabalho.

Por último, trouxe estudos a cerca da formação inicial da ESEF/UFRGS através de trabalhos de IC realizados no interior do grupo F3P-EFICE, por se tratar da formação dos professores/colaboradores desta pesquisa. Neles, foi encontrado que a formação de

professores desta instituição também está pautada pela demanda do mercado, por entender que a educação não está isolada da sociedade em que está inserida.

Após a revisão de literatura e da observação participante nas escolas da RMEPOA, foram realizadas entrevistas com professores de EF iniciantes desta rede, partindo, então, para a análise das entrevistas e do diário de campo, relacionando-as com o referencial teórico. Desta análise, emergiram duas categorias, sendo elas: a) o choque com a realidade; b) do choque inicial à organização do trabalho pedagógico.

A partir disso, foi possível compreender que a formação inicial não subsidia a organização do trabalho pedagógico desses professores, pois dizem que a formação da ESEF/UFRGS é idealizada e não condizente com a realidade das escolas públicas, causando o choque com essa realidade precária de trabalho, de pobreza e de violência existentes nas escolas das periferias de Porto Alegre, neste caso, da escola Campo e escola Vila.

No que se refere ao choque com a realidade, os professores/colaboradores não têm uma acolhida adequada e tempo adequado à adaptação ao trabalho pedagógico. Além disso, vivenciam várias dificuldades, até então não conhecidas pelo fato da formação inicial não oferecer esta oportunidade durante a graduação e por suas vidas serem diferentes desta realidade, havendo, dessa forma, o distanciamento da graduação com a realidade das escolas da RMEPOA. Dificuldades como falta de professores; espaços e materiais precários; a hierarquização e relação de poder por parte dos professores mais experientes da escola, não os deixando utilizar os melhores espaços; pobreza; violência; drogadição; problemas de saúde mental e física são alguns dos exemplos que influenciam diretamente na organização do trabalho pedagógico desses professores de EF iniciantes.

Quanto à categoria que trata do choque inicial à organização do trabalho pedagógico, percebi que, após esse choque inicial, os professores de EF iniciantes e colaboradores deste estudo tentam organizar o trabalho pedagógico através da análise do contexto escolar e, assim, tentam sistematizar os conteúdos e abordagens da EF a serem trabalhados durante o processo de ensino-aprendizagem que melhor condizem com a realidade da comunidade e qual a forma mais adequada de avaliação para estes estudantes. Além disso, esses professores refletem sobre a própria formação inicial, neste caso, a formação da ESEF/UFRGS. Sobre isso, apoiando-nos no referencial teórico e nos achados da pesquisa, posso afirmar que esta formação não subsidia a organização do trabalho pedagógico para esta realidade chocante vivenciada pelos professores de EF iniciantes nas escolas da RMEPOA. Isso porque, a organização do trabalho pedagógico na formação de professores da ESEF/UFRGS está estruturada da mesma forma que o trabalho em geral, assim como a escola, na sociedade

capitalista. Fato que fica evidente na divisão do curso em bacharelado e licenciatura para poder atender às demandas do mercado, limitando o acesso do professor de EF no campo de trabalho, desvalorizando a EF escolar e distanciando o futuro professor da realidade das escolas públicas; na dicotomia entre teoria e prática, reproduzindo a mesma dicotomia entre trabalho manual e trabalho intelectual no trabalho em geral na sociedade capitalista.

Por fim, entendo que este trabalho apresenta suas limitações, tanto no aspecto teórico quanto metodológico, mas sublinho que estudos acerca da formação de professores e do trabalho pedagógico se fazem necessários pelos motivos identificados e que, desta forma, poderão contribuir para a superação de apontamentos de alguns problemas na formação inicial da ESEF/UFRGS e no trabalho pedagógico das escolas da RMEPOA para que possamos, ao menos, amenizar esse choque com a realidade quando iniciamos como professores de EF nas escolas públicas.

## Referências

- ANDRÉ, Marli. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1998.
- BERNARDI, Guilherme Bardemaker. **A contribuição da formação inicial de licenciatura em Educação Física da EsEF/UFRGS para a prática docente escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.
- BOPSIN, A. P.; SILVA, L. O.; MOLINA NETO, V. Contribuições do Grupo de Pesquisa F3P-EFICE para a formação de professores e prática pedagógica na ESEF/UFRGS e na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Movimento**, Especial – ESEF 70 anos, 2010.
- BRASIL, Conselho Nacional de Educação/ Câmara de Educação Superior. **Resolução n. 07**, de 31 de março de 2004.
- CAVACO, M. I. N. de. O ofício do professor: o tempo e as mudanças. In: NÓVOA, A (org) **Profissão Professor**. Lisboa: Porto, 1995, p. 155-177.
- DANIEL, Jonas Vasconcelos. **O curso de Licenciatura em Educação Física na UFRGS: a voz discente**. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009.
- ENGELS, Friedrich. **O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. IN: ANTUNES, Ricardo. *A Dialética do Trabalho*. São Paulo, SP: Editora Expressão Popular, 2004.
- ENGUITA, Mariano F. **Trabalho, Escola e Ideologia**. Porto Alegre, RS: Editora Artes Médicas, 1993.
- ESTEVES, J. M. **Mudanças sociais e função docente**. In: NÓVOA, A. (org). *Profissão professor*. Lisboa: Porto, 1995, p. 93-124.
- EXNEEF. **Caderno de Debates**. Porto Alegre-RS, 2010.
- EXNEEF. **Carta ao CNE**. Brasília-DF, 2003.
- FOLLE, A.; FARIAS, G. O.; BOSCATTO, J. D.; NASCIMENTO, J. V. Construção da Carreira Docente em Educação Física: Escolhas, Trajetórias e Perspectivas. **Revista Movimento**, Porto Alegre, V. 15, n. 1, p. 25-49, janeiro/março de 2009.
- FIGUEIREDO, Z. C. C. Formação docente em Educação Física: experiências sociais e relação com o saber. **Revista Movimento**, v. 10, n. 1, 2004.
- FIGUEIREDO, Z. C. C. Experiências Sociocorporais e formação Docente em Educação Física. **Revista Movimento**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, 2008.
- FILIPPINI, Isabella. **A organização do trabalho pedagógico na Formação Inicial de professores de Educação Física**. Trabalho de Conclusão de Curso. Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010.

FRANCO, F. C. **O coordenador pedagógico e o professor iniciante.** In: ALMEIDA, L. R; BRUNO, E. B. C; CHRISTOV, L. H. da S. O coordenador pedagógico e a formação docente. São Paulo: Loyola, 2000, p. 33-36.

FREITAS, Luiz Carlos de. **Crítica da Organização do trabalho pedagógico e da Didática.** 8ª ed. Campinas, SP: Papirus Editora, 2006.

FREITAS, Maria Nivalda de Carvalho. Organização escolar e socialização profissional de professores iniciantes. **Cadernos de Pesquisa**, n. 115, p.155 – 172, março/2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista.** São Paulo, SP: Editora Cortez; Autores Associados, 1989.

GENTILI, Pablo. Três Teses sobre a Relação Trabalho e Educação em Tempos Neoliberais. 2005. In: LOMBARDI, J. C; SAVIANI, D; SANFELICE, J. L. (Org.). **Capitalismo, Trabalho e Educação.** 3ª ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2005, p. 45-59.

HUBERMAN, M. O ciclo da vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. **Vidas de professores.** Lisboa: Porto Editora, 1992, p.31-61.

HUBERMAN, M., THOMPSON, C. L. & WEILAND, S. Perspectivas de la carrera del professor. In: BIDDLE, B. J., GOOD, T. L., & GOODSON, I. F. **La enseñanza y los profesores, I: profesión de enseñar.** Barcelona: Paidós, 2000.

LESSA, Sérgio; TONET, Ivo. **Introdução à Filosofia de Marx.** São Paulo, SP: Editora Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. *La ideologia alemana.* Montevideo: Pueblos Unidos; Barcelona: Grijalbo, 1974.

MARX, Karl & ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista.** São Paulo, SP: Editora Expressão Popular, 2008.

MARX, Karl. **Trabalho Assalariado e Capital & Salário, Preço e Lucro.** São Paulo, SP: Editora Expressão Popular, 2010.

MINAYO, Maria Cecília de S.. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 8 ed. São Paulo, SP: Editora Hucitec-Abrasco, 1996.

MOLINA, Rosane M. K.. **O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória.** In: MOLINA NETO, Vicente; TRIVIÑOS, Augusto N. S. (orgs.). A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. Porto Alegre, RS: Editora da UFRGS/Sulina, 2004, p. 95-105.

MOLINA NETO, Vicente. **Os primeiros anos de trabalho na escola: efeitos na identidade, na autonomia e na formação do professorado de Educação Física.** Projeto de Pesquisa, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.

NEGRINE, A. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa.** In: TRIVIÑOS, A.N.B; MOLINA NETO, V. (Org.). A pesquisa qualitativa na educação física: alternativas metodológicas. 3. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004, p. 61-93.

SAVIANI, Dermeval. Transformações do Capitalismo, do Mundo do Trabalho e da Educação. In: LOMBARDI, J. C.; SAVIANI, D.; SANFELICE, J. L. (Org.). **Capitalismo, Trabalho e Educação**. 3ª ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2005.

SILVA, M. C. M. O primeiro ano da docência: o choque com a realidade. In: ESTRELA M. T. **Viver e construir a função docente**. Lisboa: Porto, 1997, p. 51-80.

SOUZA, Dulcinéia Beirigo de. Os Dilemas do Professor Iniciante: Reflexões sobre os cursos de Formação Inicial. **Revista Multidisciplinar da UNIESP**, Saber Acadêmico, n. 8, dezembro de 2009, p. 35-45.

OLIVEIRA, C. F.; FILIPPINI, I; DANIEL, J. V; SILVEIRA, P. S. O olhar de estudantes de Iniciação Científica em Educação Física: o Grupo F3P-EFICE em foco. In: Molina Neto, V; Bossle, F. (Org). **O ofício de ensinar e pesquisar na Educação Física escolar**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2010.

PINTO, Geraldo A. **A organização do trabalho no século 20: Taylorismo, Fordismo e Toyotismo**. São Paulo, SP: Editora Expressão Popular, 2007.

TAFFAREL, C. Z. Do Trabalho em Geral ao Trabalho Pedagógico: contribuição ao debate sobre o trabalho pedagógico na Educação Física. **Motrivivência**, Ano XXII, n. 35, p 18-40, dezembro de 2010.

TARDIF, M. Saberes, tempo e aprendizagem do Magistério. In: \_\_. **Saberes docentes e formação de professores**. Petrópolis: Vozes, 2001, p.56-111.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo, SP: Editora Atlas, 1987.

## Apêndices

### Apêndice 1 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado/a a participar de um estudo sobre *O Professor de Educação Física Iniciante na RMEPA e a Organização do Trabalho Pedagógico*. Dessa forma, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com a sua assinatura, sua participação neste estudo. Você receberá uma cópia deste Termo, para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

#### Objetivo do Estudo:

a) Analisar e compreender a organização do trabalho pedagógico dos professores de educação física iniciantes na Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre graduados/as no curso de Licenciatura em Educação Física da ESEF/UFRGS;

#### Procedimentos:

Durante a realização do trabalho de campo, as informações serão coletadas através de observações, registros em diários de campo e entrevistas. As observações serão feitas no horário de aula dos professores/as/colaboradores/as do estudo, incluindo atividades diárias na escola. Serão feitos registros em diários de campo do que for observado. Os registros serão de forma descritiva, não emitindo juízo de valor sobre as observações.

As entrevistas serão previamente agendadas, a ser realizada em seu ambiente de trabalho ou em algum local de sua preferência, com duração máxima de uma hora. Esta entrevista será gravada, transcrita e devolvida para sua confirmação e, se necessário, correção das informações coletadas.

O relatório final deste estudo também lhe será devolvido para leitura e apreciação das informações coletadas e interpretações realizadas.

As transcrições das entrevistas serão guardadas em arquivos especiais (físicos e eletrônicos), com codificação alfa-numérica e de acesso exclusivo do coordenador do grupo de pesquisa e do pesquisador responsável pela coleta das informações.

#### Comprometimento:

As interpretações das informações serão colocadas à disposição dos/as colaboradores/as, assim que as considerações provisórias estejam concluídas.

#### Riscos e Benefícios do Estudo:

Primeiro: Sua adesão como colaborador/a com o este estudo, oferece riscos mínimos à sua saúde, e as situações constrangedoras serão evitadas em todos os momentos da coleta de informação.

Segundo: Você receberá cópia da sua entrevista para validar, retirar ou modificar as informações, a seu critério, antes do texto ser transformado em fonte da pesquisa.

Terceiro: Este estudo poderá contribuir no entendimento dos problemas relacionados à formação de professores de Educação Física, bem como questões relacionadas aos processos de ensinar e aprender, vivenciados pelos professores de Educação Física iniciantes na RMEPA, principalmente em seus locais de trabalho: a escola.

**Confidencialidade:**

Todas as informações coletadas, sob a responsabilidade da pesquisadora, preservarão a identificação dos sujeitos pesquisados e ficarão protegidas de utilização não autorizadas.

**Voluntariedade:**

A recusa do/a participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

**Novas Informações:**

A qualquer momento os/as participantes do estudo poderão requisitar informações esclarecedoras sobre o projeto de pesquisa e as contribuições prestadas, através de contato com a pesquisadora.

**Contatos e Questões:****Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Rua Felizardo, 750, Jardim Botânico, Porto Alegre/RS

*Professor Vicente Molina Neto*

Telefone: (51) 3316 5821

*Andressa Pires Bopsin*

E-mail: bopsin.esef@yahoo.com.br

Telefones (51) 9675.6348

**Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul**

Endereço: Av. Paulo Gama, 110 - 7º andar - Porto Alegre/RS

Telefone: (51) 3308.4085

---

Prof. Dr. Vicente Molina Neto  
(Orientador da Pesquisa)

---

Andressa Pires Bopsin  
(Estudante de Educação Física da ESEF/UFRGS)

**Declaração de Consentimento – Professor/a**

Eu, \_\_\_\_\_, professor/a de Educação Física da *Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre*, graduado/a no curso de Licenciatura em Educação Física na Escola de Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tendo lido as informações oferecidas acima e tendo sido esclarecido das questões referentes à pesquisa, concordo em participar livremente do estudo.

Porto Alegre, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2011.

---

Assinatura

## Apêndice 2 – Roteiro da Entrevista

### Professor/a de Educação Física da RMEPA

#### Informações Gerais:

Nome do/a colaborador(a): \_\_\_\_\_

Ano em que ingressou no curso: \_\_\_\_\_

Local da entrevista: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

Duração da entrevista: \_\_\_\_\_

#### Perguntas:

1. Inicialmente, gostaria de saber o porque que você escolheu ser professor/a de educação física?
2. Como foi a sua trajetória profissional depois de formada/o? Porque fez o concurso de Porto Alegre?
3. Como foi a acolhida pela Secretaria do Município de Porto Alegre (SMED)?
4. Como foi a acolhida pela Escola em relação aos gestores, professores e estudantes?
5. Como é a organização de suas aulas em relação ao espaço físico e materiais na escola?
6. Você conhecia a política por Ciclos de Formação? Como você organiza o trabalho pedagógico em relação a esta política?
7. Quais são as maiores dificuldades encontradas cotidianamente no seu trabalho?
8. Das teorias e das práticas vivenciadas durante a graduação, o que serve ou não serve hoje para o seu trabalho pedagógico na escola?
9. Como você avalia o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes de suas turmas na escola?

### Apêndice 3 – Transcrição das Entrevistas

#### Transcrição Entrevista I

Porto Alegre, 5 de setembro de 2011.

Entrevista Professora Aleída

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Duração da entrevista: aproximadamente 35 minutos.

Andressa: Inicialmente, gostaria de saber o porquê escolheste ser professora de educação física?

Aleída: Quando eu decidi vim pra educação física, desde o início eu sabia que queria trabalhar com criança e também, logo depois que eu entrei, também, eu decidi que queria trabalhar dando aula na graduação, então, foram dois focos bem diferentes, um no início da aprendizagem e outro mais avançado, então, como eu queria trabalhar com crianças, desde o início eu achei que eu deveria estar na escola e também, como me envolvi... me inseri em algumas pesquisas, ao longo também na graduação e depois na especialização, no mestrado, eu sempre achei importante não tá só na pesquisa, não tá só estudando a criança, e sim, tá trabalhando com a criança, eu acho importante essa parte da prática, principalmente agora, assim, que eu tô dando aula na graduação eu acho que isso contribui bastante com o meu trabalho na graduação. Então, como eu sempre quis trabalhar com criança eu acabei meio que naturalmente me voltando pra educação física na escola. Meu pai era professor também de escola, acho que isso contribui bastante, e, acho que também, no meu caso contribui, também, o fato de ser, ãh... trabalhar na prefeitura por concurso público, né... então de ter estabilidade. Não é por isso que eu tô lá, mas isso acaba também influenciando às vezes na decisão. Então, é por isso que eu tô trabalhando na área da educação física na escola. Por querer trabalhar com criança, por achar que é importante o meu trabalho também com a graduação e um pouco, também, por essa parte econômica.

A : Como foi a sua experiência durante o ensino básico com a educação física? Isso influenciou, de certa forma, para que tu escolheste a educação física como profissão?

A1 : Quando eu tava no colégio?

A : Isso.

A1 : Olha, eu acho que influenciou pouco. Por que, no colégio que eu estudava, não se dava muita abertura pra querer ser professor. Eu estudava no Farroupilha, que é um colégio particular, de uma classe bem alta, assim... então lá nunca se abriu muito essa possibilidade de a pessoa pensar em ser professor. Então, não sei se contribuiu muito. Contribuiu pela parte esportiva, porque eu tava sempre muito envolvida na equipe de handebol, por exemplo, eu dançava também na escola, então eu acho, assim, que na parte de tomar gosto por esportes, por essa... por esse estilo de vida eu acho que contribuiu, mas eu já gostava, mas pra mim entrar no curso de educação física na graduação eu acredito que não tenha contribuído muito. Tanto é que eu saí de lá e fui fazer Direito na PUCRS, daí eu fiz um semestre de Direito na PUCRS e eu acho que o que mais contribuiu pra mim mudar essa direção foi quando, ao mesmo tempo, eu comecei a namorar o Daniel e os pais dele eram formados em educação

física, né. Então, eu comparava... e ele tava começando a educação física nessa época, então eu comparava muito, assim, as minhas aulas e as dele. Eu adorava as coisas que ele me contava e pensava... comparava com as minhas que eram extremamente chatas e comecei a ver que de repente... e vendo os pais dele, que são pessoas bem sucedidas na profissão... comecei a ver que de repente eu poderia, assim, investir na educação física. Primeiro eu comecei a pensar em fazer educação física como um segundo curso, só pra minha realização pessoal e, não, profissional, mas depois, então, eu comecei a ver que talvez eu pudesse mudar de área e, realmente, tentar a minha realização profissional na área da educação física. Foi aí, então, que eu decidi vir pra educação física.

A : Como foi a sua trajetória profissional depois de formada? Porque fez o concurso de Porto Alegre?

Al : Durante a graduação eu dei aula na Creche da UFRGS, então eu acho que isso também me preparou, um pouco, nesse contato com crianças, né. A experiência do Quero-quero, desde que eu me formei eu tô trabalhando no quero-quero e ali tem crianças de 5 até adolescentes de 16, atualmente... 16 anos. Então, acho que essas experiências contribuíram pra que quando eu chegasse na escola. Primeiro pra que visse que eu tinha condições de trabalhar numa escola e pra que, quando eu chegasse lá, tivesse um pouco mais de facilidade de que alguém que entra sem nunca ter trabalhado, né... como uma primeira experiência. Acho que o meu pós em motricidade infantil contribuiu bastante, também.

A : Onde é que tu fizeste o teu pós?

Al : Aqui na UFRGS, aqui na ESEF.

A : Foi a primeira escola pública que trabalhaste?

Al : Depois que eu me formei, foi minha primeira escola que eu trabalhei. Eu só tinha estagiado antes, então, antes de eu trabalhar lá, eu tava como coordenadora no quero-quero e, algumas vezes, dando aula no quero-quero, em alguns semestres... ãh, eu tinha... eu trabalhava pro “segundo tempo”, fazendo as formações, capacitando os coordenadores. Eu dei aula de natação, antes, pra crianças e bebês. Isso tudo depois de formada, né. E acho que foi isso que eu fiz antes de entrar na escola, se não me falha a memória.

A : Então é a primeira escola pública que tu trabalhas?

Al : Foi a primeira escola. Primeira escola que eu trabalhei, pública ou particular. Antes eu tinha feito estágio.

A : Qual foi a data do teu ingresso na rede municipal de Porto Alegre? Como foi a acolhida pela Secretaria do Município de Porto Alegre (SMED)?

Al : Foi em julho de 2010. Teve o curso que a SMED faz para os professores que entram, que aconteceu seis meses depois de eu entrar no sistema, né. Muitas coisas do que a gente viu, eu já tinha passado... por aquelas experiências Então, eu já tinha aprendido no dia a dia. Só que esse curso da SMED eu não pude fazer todos os dias dele, então eu vou ter que fazer ele de novo, agora completo, na próxima edição, nas férias de verão. Então, eu não posso te dizer tudo que teve, porque eu não tava... fui só na metade dos dias, mas, enfim, acho que pra quem tá entrando e ainda não tá na escola... eu acho que é um curso bem válido. Mas pra quem já tá na escola eles acabam batendo em cima de coisas ou que a gente já viu, que não é daquela maneira que eles falam, ou que a gente já descobriu como funcionam e eles tão só repetindo naquilo. Então eles dão esse curso, mas eu acho que tinha... eu entendo a dificuldade, porque a cada semana são chamadas pessoas novas, então, o curso teria que ter a cada semana, então eu entendo essa dificuldade, mas acaba se tornando um problema pra quem tá entrando nisso,

né.

A : É um curso de cunho pedagógico ou burocrático?

Al : Tem mais da parte burocrática, que é da SMA, que é bem burocrático... assim... como funciona a prefeitura, os direitos, os deveres... de uma semana... e outro, de uma semana também com a SMED, mais pra parte pedagógica mesmo.

A : Como foi a acolhida pela Escola em relação aos gestores, professores e estudantes?

Al : Foi lá, então... foi a primeira escola que eu trabalhei depois de formada. Antes tinha sido só estágios. A minha acolhida lá, ah... a escola pública, normalmente faltam professores, né. Então eles tão sempre querendo muito que as pessoas vão. Então, não só lá... como, eu já tinha visitado outras escolas... assim que eu soube que eu ia ser chamada, fui visitar algumas escolas que precisavam de professores. Todas essas escolas demonstravam muito interesse... assim... que a gente ficasse já. Já queriam passar os horários e tudo mais. E lá também foi assim. Eles ficaram bem felizes quando eles viram... com a possibilidade de eu ir pra lá. E, então, no início foi bem... foi bem tranquilo... assim... a chegada. Só no dia a dia que eu acho que as pessoas também não têm como nos ficar dando atenção o tempo todo que a gente precisaria, por que a escola é muito dinâmica, acontece muita coisa ao mesmo tempo. Então eles me apresentaram... assim... no primeiro dia, mas depois eu fui por minha conta descobrindo os caminhos das coisas, né. Por que, justamente por falta de ter alguém... assim... me acompanhando, me explicando como funcionam as coisas. Então no primeiro dia que eu cheguei lá, eu tinha uma janela no primeiro horário, aí eu sentei e eu lembro que a vice-diretora chegou pra mim: “tá, tu vai pegar essa turma, nesse período?”. Eu não tava entendendo muito aquilo, sabe? Como assim, mas não é meu horário e... ah ... é pra sempre? E só agora? O que é que tá acontecendo, sabe? Essa era uma prática super comum na escola. Bah, ali pra eles essa substituição, quando vem um professor... mas que ninguém tinha me explicado o que é que tava acontecendo, porque que tava assim, sabe? Então acho que faltou um pouco disso, assim... tanto é que depois que as pessoas que eu vi chegando, eu tentei fazer esse meio de campo, ir apresentar a escola, falar sobre as dificuldades que a gente tem, enfim, sobre alguns aspectos da escola que quando eu cheguei, eu acho que faltou... assim... alguém pra fazer essa introdução. Não por falta de vontade deles, mas por que eles... os diretores e as pessoas que poderiam fazer isso tão sim preocupados, mas sempre ocupados assim, sabe? Então, eu acho que faltou um pouco.

A : Você falou da Direção e do professores. Mas e os estudantes, como foi a acolhida por parte deles?

Al : Muito bem, porque, principalmente, os que eu peguei estavam sem educação física algum tempo já, porque não tinha professor. Então, eles estavam com bastante vontade... assim... me receberam muito bem... ah... eles são muito afetuosos... assim... acho que qualquer pessoa que dê um pouco de atenção ali pra eles, eles recebem muito bem.

A : Porque que você acha que acontece isso?

Al : Porque eu acho que eles são bem carentes de atenção. Acho que a carência, ali, vai muito além do financeiro.

A : Você conhecia a política por ciclos de formação?

Al : Só por leituras e pessoas que me falavam.

A : Como você organiza o trabalho pedagógico em relação a esta política?

Al : Eu pego só... o que eu vejo na prática é que o ciclos não são tão diferentes. Eu posso tá falando besteira, porque eu tô falando do que eu vejo do trabalho dos outros. Como não sou eu que tô trabalhando no lugar deles, né. Mas o que eu vejo, por exemplo, as professoras de sala, não mudam muito o trabalho do que seria um trabalho por anos na escola,

principalmente que agora a escola tá com nove anos, né. Então, eu não vejo tanta diferença no... na prática entre as dos município e por anos regulares nas outras escolas. Eu, como pego só a educação infantil... agora é a primeira vez que eu tô pegando uma turma que não é educação infantil... e as séries iniciais, primeiro e segundo ano... eu estruturo o meu trabalho bastante semelhante com o que eu fazia na creche, por exemplo, porque a creche eu pegava até o jardim B, que é o primeiro ano, atualmente, ou com o trabalho inicial ali do quero-quero. Então, como eu pego eles no início, eu não tenho tanto que me preocupar com a transição de um ciclo pro outro, né. Eu pego eles só no início da escola. Não pego essa transição. Então, eu não trabalho muito... ah... eu converso muito com as professoras de segundo ciclo, mas o meu trabalho é muito mais relacionado com as professoras do primeiro. Muito mais fechado nelas... essas que fazem... essas que pegam as turmas dos terceiros anos de cada ciclo e primeiros anos do ciclo seguinte é que tem que acabar se articulando mais, né. Então, pra mim, não faz muita diferença no trabalho que eu vejo das professoras de sala, também não faz muita diferença.

A : Essa articulação que você falou é sobre o trabalho interdisciplinar?

A1 : Não, eu digo assim, ó, as professoras de uma turma de A30, que é o terceiro ano do primeiro ciclo e uma turma de B10, ao meu ver, deveriam estar bem articuladas, então, a mudança de um ciclo pro outro devia tá bem articulado. Eu não vejo muito isso, porque a gente sempre se reúne entre os ciclos e, não um ciclo com o outro nas reuniões pedagógicas. Então, pra mim, isso não afeta tanto, porque eu só pego o primeiro ciclo e não pego nem o último ano do primeiro ciclo. Só pego as primeiras... primeiros anos e a educação infantil. Então, pra mim, eu acho, não tem tanto efeito, mas essas professoras que pegam as transições, eu acho que deviam tá mais articuladas. Mas posso tá falando... tô falando a impressão que eu tenho, né. Não posso dizer a realidade, porque não sou eu que tô na sala de aula.

A : Como que é a organização de suas aulas em relação ao espaço físico e materiais na escola?

A1 : Em relação ao espaço físico é bem complicado... assim... a gente não tem muitos espaços adequados na escola. Se tem dois professores ainda é tranquilo a gente trabalhar, mas com mais de dois professores ao mesmo tempo já se torna bastante difícil e... ah ... algo que mais me dificulta é... a gente nunca sabe onde a gente vai conseguir trabalhar. Por causa da chuva, por causa dos outros professores. Não existe uma... um esquema de rodízios entre os espaços, tá? Então, a gente já pensou até em fazer, mas a professora que tá a mais tempo lá, é uma professora que pega só o terceiro ciclo e que ela... ah... não aceita muito as mudanças que a gente gostaria de colocar, sabe? Então, é um trabalho que a gente tá tentando fazer aos poucos. A gente primeiro tá tentando ocupar a quadra fechada, porque, antes, ficava só o terceiro ciclo. Então, a gente tá tentando entrar lá primeiro, pra, depois, tentar propor alguma maneira de beneficiar os pequenos, também, com esses espaços que seriam o melhor espaço, porque, senão, os pequenos acabam nunca podendo trabalhar lá. Então, claro que, tendo um espaço melhor contribui pro trabalho também, né. Até em relação à segurança das crianças, então, é... isso é um pouco complicado de se trabalhar lá. Tu nunca sabe... eu sempre vou com uma aula preparada, mas com uma opção de plano B, caso eu não tenha espaço pra trabalhar. Às vezes a gente tem que trabalhar ali naquela área coberta, não sei se tu te lembra ... digamos que fica no meio das salas de aula e, aí, fica passando um monte de gente, né. Então, eu sempre tenho uma carta na manga pra quando acontece esse tipo de situação que não é tão incomum de acontecer. Quando chove, também não tem muito espaço, a gente tem que ficar na sala de aula, ou colocar três turmas ali dentro da quadra coberta, só que quando tem os mais velhos fica muito mais difícil de colocar. Às vezes eles não aceitam, então, se criou uma cultura de que aquele é um espaço de terceiro ciclo. Na verdade, não é, né. Então, se criou essa cultura tanto pra professora, quanto pros alunos. Então, a gente tá tentando quebrar um pouco com isso... ah... outra dificuldade... ah... depois do recreio, principalmente na sexta-

feira, é bem frequente, que os professores de sala de aula liberam os alunos pro pátio. Simplesmente liberam assim, sem nenhum objetivo e os alunos dessas turmas ficam em volta da nossa turma, da nossa aula. Ficam passando no meio, ficam implicando com os nossos alunos, ou ficam ocupando o espaço que era pra gente dar aula e a gente tem que ficar brigando com eles pra eles saírem. Então, isso também dificulta bastante. Eu acho que as pessoas não enxergam o pátio como a sala de aula da educação física e isso é um problema. Isso é uma questão que eu quero levantar, ainda, em alguma reunião na escola. Em relação aos materiais, a escola... ah... na medida do possível, o que a gente pede eles sempre tentam nos colocar a disposição... ah... claro que às vezes demora um pouco, porque tem essas questões burocráticas de licitação, enfim, eu não entendo muito disso, mas, na medida do possível vem. E quando eu entrei lá, me deram um saco com uma bola de vôlei e uma bola de futebol, e achavam que isso seria o suficiente. Aos poucos, eu acho que a gente tá fazendo eles perceberem que não é o suficiente e que a gente precisa. E eles tão... ah... a medida que a gente mostra algum trabalho, eles... ah... se tornam bem abertos pra que a gente consiga mais coisas. Então, os dois meses que eu tava lá, já me pediram pra fazer uma lista de materiais pra comprar mais materiais, então, compraram raquetes, cordas, umas bolas diferentes, me deram bolas de borrachas, porque, eles não tinham nenhum material específico pros pequenos, então as bolas eram muito pesadas e muito duras pras crianças pequenas. Então, começou a vim um material mais adequado. Então, assim... ah... não é uma maravilha em relação a materiais, mas é melhor do que eu achei que poderia ser. Também, essa questão das bolas, eles não tão, apesar deles me darem uma de cada ... futebol e de vôlei no início... quando eu fui pedir outras, nunca me negaram, então, eu consegui outras bolas pra eu trabalhar. Consegui de basquete. Agora, quando eu entrei lá, eu comprei algum material também, porque, algumas coisas eu sabia que ia ser muito difícil de conseguir, enfim, que outros professores não dariam valor, então, só eu pedindo, talvez não fossem compradas. Então, eu comprei umas bolas de vôlei bem leves de EVA, comprei uns cones, comprei umas cordas diferentes, fiz algum investimento inicial e, principalmente, material pra dia de chuva, porque a gente não tem material pra ficar em sala... joguinhos... assim... pra ficar em sala com eles. Então, eu tive esse investimento inicial em material.

A : Esse material você deixa lá na escola?

A1 : Que eu deixo lá na escola, mas é bem respeitado... assim ... os meus colegas sabem que eles podem usar aquele material, mas sabem que quando eu tiver dando aula, eu vou querer usar aquele material. Então, isso não é nenhum problema. O de chuva que eu deixo no carro, porque tem muita pecinha pequena e, daí, fica pra lá e pra cá comigo.

A : Quais são as maiores dificuldades encontradas cotidianamente no seu trabalho?

A1 : Em relação às crianças, eu acho que eles tão... eu acho que é uma realidade muito diferente.. assim.. da nossa. Quando eu entrei lá, eu tive que aprender a usar um filtro diferente do meu filtro do dia a dia... assim... pra palavrões, pra empurrões... se a gente for parar a aula, como eu acho que deveria ser, sabe, a cada momento que eu vejo situações que eu não concordo e que u acho que não são adequados pra uma escola, a gente não vai dar aula. Então, tu acaba permitindo coisas que normalmente tu não permitiria. Claro que eu não vou permitir uma agressão física, uma violência... que vão se machucar... claro que não! Mas o teu filtro acaba sendo diferente. Então, eu acho, inclusive, que a gente acaba até se acostumando e isso é ruim... se acostumando com alguns palavrões, com algumas coisas que eles falam, que no início a gente... ãh... coloca mais um freio maior, né... e depois a gente vai , sem perceber, deixando passar algumas coisas. Mas, com certeza, o filtro que eu utilizo lá é diferente do filtro que eu utilizo em outras situações. Então, se tu... se tu não relativizar isso, tu não dá aula lá. Então, essa é uma dificuldade que eu vejo bastante grande. Outra coisa em relação a outros colegas professores, né... era pra ter regras de toda a escola, mas cada professor acaba usando

as suas regras e aí, então, eu vejo muita diferença de uma turma pra outra quando eu pego de acordo com o professor... que o professor de classe... o professor regente. Então, alguns professores regentes colocam... assim... bastante combinações com suas turmas e conseguem fazer suas turmas ficar organizadas, enquanto tem outros que não tão nem aí o pro trabalho que tão fazendo, né... e levam de qualquer jeito a turma e essas turmas ficam bem mais difíceis de se trabalhar... a gente percebe bastante... a gente que passa... assim... em várias salas, né... percebe muito bem a diferença de um professor pro outro, como a turma acaba adquirindo as características daquele professor, né. Então, acredito que essas sejam as principais dificuldades.

Dividir a turma com outro professor também é uma dificuldade, porque, cada professor acaba trabalhando de um jeito e tem alguns colegas nossas que não tão, também ... além de cada um trabalhar de um jeito, mesmo de uma maneira séria, tem alguns que não levam muito a sério o seu trabalho. Então, os alunos acabam comparando: “ah, com o outro sôr a gente não precisa fazer”. Então, isso dificulta um pouco o trabalho e mesmo quando é com um professor sério também... assim... por mais que a gente tente trabalhar de uma maneira entrosada e por mais que a gente acredite numa mesma... numa mesma... num... necessidade de algumas combinações, enfim... ãh ... no mesmo ideal de educação... acaba se diferenciando na prática, algumas coisas, né... e as crianças percebem isso e, as vezes, eu acho que eles ficam meio perdidos e pra gente é meio ruim também, porque tu acaba fazendo um trabalho que às vezes acaba perdendo a continuidade, né. Então, eu acho bem difícil dividir turma com outro professor e, eu acho que esse semestre eu pego essa turma, que é de outro professor, só um período e pego mais uma de primeiro ciclo que, também, um dia eu pego eles e os outros dois dias é com outro professor, mas no mais, as minhas turmas... as outras que eu pego mais dias eu não divido elas... elas são só minhas.

A : Das teorias e das práticas vivenciadas durante a graduação, o que serve ou não serve hoje para o seu trabalho pedagógico na escola?

A1 : Das teorias?

A : E práticas, também.

A1 : Puxa, não me lembro exatamente o que tive em cada disciplina, então, eu sei que o que aprendi, com certeza contribui pra minha prática lá na escola, mas, com certeza, muita coisa eu tive que ver depois, né. Até porque eu acho que quando a gente faz a graduação a gente não tem uma maturidade que a gente vai ter depois de conseguir aproveitar algumas coisas que o professor tá ensinando, de que tu acha que tu nunca vai precisar daquilo, ou, também, por que a gente não consegue lembrar de tudo. Então, claro que eu tive que ir atrás depois de algumas coisas, mas eu acho que a parte teórica que eu vi... assim... eu sabia onde procurar as coisas que eu precisava e eu acho que essa é uma das funções da graduação, justamente por isso, porque a gente não vai conseguir lembrar do que a gente viu, mas se a gente tiver essa noção de onde eu tenho que procurar cada coisa, eu acho que isso já facilita bastante, né.

Em relação às práticas também. Eu cheguei a comentar contigo em algum momento sobre isso, né. Eu acho que a gente tem... ah... muito, assim, uma posição de achar que “ah, a graduação não nos prepara pra isso”, mas eu acho que isso não é uma culpa da ESEF, não é uma culpa da educação física, não é uma culpa de nenhum curso de nenhuma faculdade... eu acho que a gente só se prepara pra prática, na prática. Eu acho que só quando a gente está lá dentro é que a gente começa a vivenciar essas situações e começa a descobrir como... ãh... como resolver essas situações e de que maneira se preparar, então, claro que... assim... eu não me sentia completamente pronta quando eu fui pra escola, mas, justamente por que eu acho que a gente ta sempre aprendendo na prática. Então, não é uma... acho que não é uma deficiência do nosso curso ou do nossa... da... não é da educação física, nem é da ESEF... eu acho que qualquer curso... meu primeiro conselho no primeiro dia de cada disciplina que eu

dou pras pessoas é que ela vão pra prática, porque é lá que elas vão ta aprendendo... e se eu passar um semestre inteiro falando sobre histórias que aconteceram comigo, tu vai te lembrar de alguma coisa daqui algum tempo, mas as que aconteceram contigo mesmo, essas é que vão te marcar e que vão contribuir pra tua formação. Então, por isso que eu acho super importante até pra que os alunos consigam aproveitar melhor a disciplina, justamente pra conseguir ter uma maturidade um pouco melhor, pra conseguir compreender e ver a importância daquele conteúdo que ta sendo trabalhado. Então, quando tu ta na prática, tu começa a fazer essas relações entre o que o professor ta falando e o que tu ta vivenciando. Eu acho que isso faz bastante diferença, tanto durante a graduação, pra ti aproveitar melhor as disciplinas e pra ti começar conseguir dialogar mais com o professor, quanto depois e eu acho que isso vai fazer uma diferença enorme. Então, eu acho que... ah... talvez, o que pudesse melhorar pra... e, assim, tô falando baseado na minha experiência que não existe mais porque eu era da licenciatura plena, então eu tive que fazer um estágio só em uma escola, de um semestre e fiz só com a educação infantil, então, é claro que ficou faltando esses outros... essas outras idades, esses outros níveis, né... mas, então eu acho que talvez, então, o que pudesse ter mudado lá na minha formação é isso, era colocar mais estágios, mas, pelo que eu vejo isso já tem sido mudado, né... então, eu acho que a gente ta indo pra um caminho mais... que vai facilitar mais pras pessoas... essa inserção.

A : Então, só para finalizar, se você quiser acrescentar alguma coisa ou ressaltar algum aspecto ou algo que eu não tenha perguntado...

Al : Agora eu não me lembro, depois vou me lembrar de várias (risadas)... mas agora não. Não tem alguma coisa que eu tenha te falado lá e que tu lembre?

A : Acho que o que eu vi lá nós conseguimos colocar na entrevista. Professora, muito obrigada pela entrevista.

Porém, depois de termos terminado a entrevista, a professora Rosa começou a falar sobre as abordagens da EF. Então perguntei a ela se não se importaria de gravarmos estas considerações e ela aceitou.

Al : Então, sobre a mudança, né, da divisão que eu tinha do papel da educação física antes e depois que entrei pra escola, isso mudou um pouco quando eu entrei, justamente porque eu trabalhava numa linha da abordagem desenvolvimentista que me servia pros locais que eu trabalhava antes e que eu acredito nessa abordagem, tá? E quando eu cheguei lá, eu não deixei de trabalhar com ela, mas eu passei a dar importância pra coisas que outras abordagens trabalham muito mais que a desenvolvimentista, então, essa parte de relacionamento, de respeito entre eles... ah... principalmente dos relacionamentos e algumas brincadeiras mais tradicionais deles que eu tô tendo que buscar também pra trabalhar na aula... então... ah... hoje em dia eu acho que eu não trabalho... ah... só dentro da desenvolvimentista... eu acho que a gente não trabalha só dentro de uma nunca, mas tu acaba trabalhando mais dentro de uma. Então, eu acho que eu me distanciei um pouco da desenvolvimentista, apesar de não achar que eu tô inserida em alguma outra, eu acho que eu tô seguindo uma abordagem desenvolvimentista com um... características que eu tô aproveitando de outras abordagens nessa... nessa minha trajetória. Então, eu acho que eu tive que repensar o papel da educação física que eu via dentro da escola depois que eu fui pra lá. Pensava que era um papel de realmente ensinar um movimento e quando eu fui pra lá eu tive que trabalhar com... ensinar outras coisas além do movimento, então, mudou, assim, um pouco a visão que eu tinha pra aquele ambiente. Não quer dizer que eu vou chegar em um outro contexto e que eu vou fazer o mesmo tipo de trabalho, esperar a mesma coisa, né. Então... ah... eu acho que apesar... apesar disso, eu continuo acreditando na abordagem desenvolvimentista, mas eu sempre

estive ciente, na verdade, de que... ãh... são necessárias outras aprendizagens também, né... mas, eu acho que isso ficou ainda mais evidente lá.

A : Que outras abordagens são essas na qual falou?

Al : Então, tem as críticas, né... crítica-superadora, emancipatória, construtivista, da psicomotricidade... então, tem uma série de abordagens que estão aí hoje em dia na educação física, né. Cada... e eu acho que isso dificulta um pouco o nosso trabalho, porque cada pessoa trabalha dentro de uma abordagem e muitas vezes nem sabe que abordagem tá trabalhando, nem sabe que existem diferentes abordagens. Então, eu acho que a gente não é muito consciente disso e eu acho que a gente precisa saber no que acredita, né. Por mais que tu não concorde totalmente com aquilo, tu precisa saber te encaixar, pelo menos, ou tu precisa compreender porque que cada professor de educação física trabalha de um jeito e trabalha um conteúdo diferente... e isso tá bastante relacionada no que ele acredita que seja o papel da educação física na escola, né. Então, eu acho que a gente acaba não fazendo isso de uma maneira inconsciente... tu sabe que tu não acredita em alguma coisa, tu sabe que não concorda com um trabalho de um colega teu, mas não sabe o porquê. Eu acho que isso falta, então. Isso é uma parte teórica que eu acho que falta. Faltou na minha graduação, pelo menos... de compreender que a educação física não é uma coisa só, não é um conteúdo só... são diferentes visões sobre a mesma educação física e que elas podem, sim, conviver juntas porque cada professor vem e te diz que a educação física é de um jeito e, não, que ela pode ser daquele jeito.

## **Transcrição Entrevista II**

Porto Alegre, 20 de setembro de 2011.

Entrevista Professor Ernesto

Local da entrevista: Residência de Andressa Pires Bopsin

Duração da entrevista: aproximadamente 45 minutos.

Andressa: Inicialmente, gostaria de saber o porquê escolheste ser professor de educação física?

Ernesto: Bom, eu sempre tive um envolvimento grande com a educação física na época da escola, né. Eu participei durante bom tempo da equipe de vôlei do colégio, né... eu gostava bastante de esportes, meu pai era professor... é professor de educação física, então eu também me envolvia muito com as coisas, né... que ele trazia assim de... em casa mesmo... de comentar... de ver ele trabalhando também de... e eu... foi uma das coisas que me interessou na época do vestibular eu fiquei até bem em dúvida, mas enfim, acabei optando pela educação física, né... e acho que a escolha, assim, por querer ser professor acho que foi uma construção que se deu ao longo do tempo, né. Não foi uma coisa assim que “ah, agora eu quero ser professor”, não, acho que foi uma construção que eu acho que vem desde essa minha experiência, ãh, essa minha experiência escolar, né... com os esportes e principalmente com o vôlei, ãh... mas depois que eu entrei no curso, acho que isso foi uma construção que se deu ao longo do tempo.

A : Como foi a sua trajetória profissional depois de formada/o? Porque fez o concurso de Porto Alegre?

E: Bom, na verdade, então, ãh... depois que eu entrei na educação física, entrei em 2004, né... na educação física da UFRGS e, desde então, quando eu pensava, assim, em alguma área de atuação, eu pensava principalmente na escola, né... ãh... até porque era a experiência que eu conhecia de educação física, era onde eu tinha... até tido um pouco da experiência do meu pai que é professor de escola, como eu tinha falado e ao longo do tempo eu fui tendo outras experiências que não na escola, né... tive experiência com escolinha de futebol, tive experiência com natação, com hidroginástica pra idosos, né... e chegou num momento do curso que eu me vi perdido, porque eu vi que a educação, ãh... eu não consegui ver o curso, assim, voltado para essa área, assim, mais pedagógica, assim, né... eu via muito ele voltado pra essa questão mais da atividade física, do treinamento, que era uma coisa que nunca me... nunca me motivou pra trabalhar... nunca gostei muito dessa parte mais voltada pra atividade física, né, dentro do campo da educação física e aí, na verdade eu comecei a ter... a me aprofundar mais nessa discussão e aí realmente eu acho que foi onde eu quis de fato ser professor de escola e de escola pública mesmo, né... foi quando eu comecei a participar, ãh, do Diretório Acadêmico, né, do Movimento Estudantil de educação física que eu comecei a ter o contato com outras perspectivas... perspectivas mais críticas da educação física, né... que entediavam um papel da educação física na escola pública, né... um papel de, ãh, não só de ensinar os esportes, mas de outras manifestações da cultura corporal, né.. e saber e entender o porquê que aquele conteúdo tá dentro da escola e que como a gente pode trabalhar de forma crítica com os alunos, né. Então eu acho que essa construção se deu, ãh, bastante por isso, né... e teve, também, o meu envolvimento com o grupo de pesquisa que eu acho também que foi bastante importante, pude me aproximar de outros tipos de leituras, também construí projetos de pesquisa, né, que falavam também bastante sobre prática pedagógica do professor em escola, né... enfim, depois que eu me formei, ãh, eu fiz concurso da Prefeitura, né, no início de 2009 e fui chamado na metade de 2010, que foi quando eu entrei. Então, na verdade, assim, a minha experiência profissional, mesmo, pós-formado, a única experiência que eu tive, é, de fato, assim, formalmente, né, tendo todos direitos trabalhistas adquiridos, mesmo, foi, ãh, depois que eu passei no Concurso da Prefeitura.

A : Como foi a acolhida pela Secretaria do Município de Porto Alegre (SMED)?

E : Bom, na verdade, quando tu é chamado tem todo um processo que tem que ser feito, né, tu tem que fazer exame médico, ãh, exame psicológico, né, e tudo mais, e quando eu já tava pra ser chamado, por que eu tava acompanhando há algum tempo o Diário Oficial pra saber, né, ãh, eu fiquei em trigésimo terceiro e quando já tava ali beirando o trigésimo eu já ficava meio de olho, assim, já organizando alguns papéis, porque sabia que já podia ser chamado em breve e também já fiquei mapeando, mais ou menos, as escolas da rede que eu conhecia, que eu tinha o contato de alguém que já tinha trabalhado lá ou que era próximo da minha casa, né, ou que ficaria, de alguma forma, viável pra eu poder ir de ônibus, né, pra escola e, bom, enfim, depois de eu ter feito esse processo, chegando no finalmente, na SMED, lá... lá na Secretaria mesmo, me disseram que eu ia pra uma escola no bairro Belém Velho, né, uma escola nova, ãh, a EMEF Rincão e, enfim, eu não... que eu não teria opção, ou era lá ou era lá, né... era uma vaga que tinha e que eu deviria ir pra lá. Enfim, eu acabei indo pra essa escola e na verdade, em relação a SMED foi isso, né... foi mais esse processo burocrático, assim.

A : Tem algum curso de caráter burocrático e/ou pedagógico que a SMED oferece?

E : É, na verdade tu entra e já chega dando aula, assim... foi o que aconteceu comigo. Eu me lembro que eu, ãh, eu fiz todo esse processo burocrático, né, e aí eu tinha cinco dias úteis pra me apresentar. Eu me apresentei numa quinta-feira na escola e na verdade eu fui designado pra aquela escola porque um professor tinha pedido uma transferência pra uma outra escola, então, pra ele poder sair, precisaria alguém chegar e nesse alguém fui eu. Quando eu cheguei lá, o professor já tava saindo e até foi engraçado, porque nesse dia... foi numa quinta-feira...

eu ia acompanhar ele... ele ficaria até na sexta e a partir da sexta ele iria pra outra escola. Então na quinta-feira eu cheguei na escola, me apresentei pra coordenação, pra Direção... eles falaram rapidamente comigo, porque tava no meio do dia letivo, ãh, aí eu conversei... fui apresentado pelo professor de educação física, ele ficou comigo ali... eu entrei junto com ele nas turmas, ele me mostrou as turmas, né... me contou um pouco do o que que ele fazia, como é que era o trabalho, como era a organização da escola, dos materiais, do espaço físico... e aí, no outro dia, ãh, cheguei achando que iria só acompanhar ele novamente, né, e aí quando eu cheguei no outro dia, na sexta-feira, que era o outro dia, que seria o último dia dele, ãh, e chegou alguém... não me lembro se foi alguém da Direção ou alguém da Coordenação Pedagógica e falou assim: “oh, tu já vai ficar no lugar dele porque ele vai ter que finalizar os cadernos de chamada pra poder... pra poder se liberar pra outra escola”. Então cheguei meio, assim, de pára-quebras mesmo, né... eu entrei na escola e no segundo dia eu já tava com as turmas, ali... claro que eu improvisei... nem tinha pensando em nada, achei que iria só acompanhar o professor, mas acabei me organizando ali rapidamente pra poder fazer uma atividade com os alunos. E aí foi isso... depois se deu algumas reuniões com a Direção e aí, depois disso, eu tive a sorte de pegar bem no processo ali de recesso escolar, então, eu acabei podendo ter um tempo pra me organizar, já tendo conhecido um pouco a escola, né. Mas, realmente, se eu não tivesse tido esse tempo que acabou pegando bem no recesso escolar do meio do ano, eu já teria pego as turmas e já estaria tocando o meu trabalho direto, assim, sem poder conhecer mais, sem poder saber um pouco mais da estrutura, enfim, foi mais ou menos assim. Até acho que é um problema, que na verdade... vendo hoje, já, né, depois de um ano na escola eu vejo que é um problema que é bem mais fundo, né, porque é na verdade... na escola que eu tô, sempre tem, pelo menos, um professor de alguma área faltando. Então, né, é um problema sério, é um problema complicado, porque, ãh, é um problema que acaba atingindo os alunos, acaba atingindo os professores, que às vezes têm que se deslocar dos seus horários, ãh, por exemplo, de planejamento pra cobrir um professor que não tem, é um professor que fica doente, né... então... e aí, o jeito que a direção tem é isso, quando chega um professor novo não tem como ter esse tempo de acolhida, né, porque é uma necessidade de recurso humano... a pessoa chega e já tem que ir pra sala de aula pra cobrir aquele buraco que já estava se estendendo ali há bastante tempo, né. Então acho que foi por isso que aconteceu. Acho que a estrutura como é hoje da escola, não só da minha escola, mas como da escola pública como um todo, né. O jeito que ela está estruturada e dentro dessa estrutura não tem como ter essa acolhida, porque senão as escolas... já tem recursos humanos escassos, né, ta sempre faltando professor, ta sempre nesse problema, então, é, acaba sendo mais uma necessidade, assim.

A : Como foi a acolhida pela Escola em relação aos gestores, professores e estudantes?

E : Ah, com os estudantes foi bem legal, assim, eu me senti bem acolhido por eles... eles... acho que a gurizada nova, assim, né, adolescente, criança, tem essa coisa de querer saber “ah, quem é esse aí, quem é esse...”... essa curiosidade de querer sempre que chega alguém novo... querer saber quem é, né, e pra mim foi bem tranquilo, assim, eles me acolheram super bem. Claro que tem casos e casos, né... mas, enfim, acho que tem que saber... eu sempre procurei tratar eles com respeito, né, mas sem perder a minha autoridade como professor e acho que é por isso que eu consegui me dar bem com eles, ãh, logo de cara, assim, digamos assim, né... acho que eu soube chegar, ãh, estando aberto ao diálogo com eles, podendo conversar com eles, podendo trocar coisas, mas deixando bem claro que eu não poderia me eximir da minha posição de professor com autoridade ali naquele espaço, né... então, eu sempre procuro ter uma relação muito boa com eles e eu acho que eu consegui me dar bem, né... eu gosto, assim, de trabalhar com esse público, adolescentes, principalmente, que é a faixa etária que eu trabalho, que é o terceiro ciclo da Prefeitura e em relação aos alunos foi muito boa essa

acolhida.

A : Qual é a idade dos alunos do terceiro ciclo, na qual você trabalha?

E : O terceiro ciclo da Prefeitura seriam os três últimos anos do Ensino Fundamental. Que é essa divisão por ciclos da Prefeitura. Então, eu pego ali alunos que seria, teoricamente, né, essa faixa seria entre os 13, 16... 12, 16, digamos assim, mas tu pega alunos de tudo que é idade, na verdade, né, eu pego alunos que têm 18 anos e pego alunos que têm 11 anos, assim, né, na C10 e na C30, digamos... é o máximo, assim... eu acho que é a maior diferença de faixa é isso... seria dos 11 e aos 18, assim... então, que, na verdade, muitos dos alunos vêm de escolas Estaduais, muito alunos, né... tem casos de repetência e tem aqueles alunos que tão dentro da faixa etária adequada pro ano ciclo, né... então, acaba ficando essa mistura, assim de alunos em algumas turmas... alunos bem novos com alunos bem velhos.

A : Como é a organização de suas aulas em relação ao espaço físico e materiais na escola?

E : Olha, em relação a espaço físico eu acho que é uma das coisas mais complicadas, assim, que tem, né... não pelo espaço físico em si, porque a escola tem uma área bem ampla, né, e dá pra trabalhar bastante ali, né... tem árvores, então dá pra trabalhar várias coisas ali naquele espaço... tem uma espaço mais aberto que também dá pra fazer outras atividades... tem uma cancha, né, uma quadra poliesportiva, assim, né, que dá pra trabalhar os esportes coletivos, né, o handebol, o basquete, o futsal e o vôlei... mas na verdade o único complicador nesse caso é quando chove, né, porque não tem um espaço coberto adequado pra trabalhar, né... tem o espaço.. a quadra não é coberta, então, quando chove, ãh, tem apenas um espaço que a gente chama de área coberta, mas que é um espaço de circulação entre um lado das salas e os outros lados, onde tem, né... então, na verdade é um espaço que as pessoas circulam muito pra ir de um lado da escola pro outro e também fica bem na frente dos banheiros, ãh, fica bem na frente dos bebedouros, fica numa parte onde tem telhas e tem lâmpada, então, na verdade, é complicado de trabalhar alguma coisa ali. Mesmo quando chove é um espaço que é bem pequeno... é um espaço que não consigo concentrar a turma ali, toda... é um espaço que fica passando muita gente durante a aula e, então, às vezes eu acabo... quando chove, assim, bastante eu... quando chove, enfim, eu não posso usar a quadra, eu acabo tendo ou que fazer uma coisa em sala de aula, né, ou trabalhar com um, ãh, trabalhar alguma coisa escrita... algum trabalho na informática ou eu tenho que utilizar os jogos, né, os jogos carta, xadrez, damas, né... acabo tendo que utilizar esse tipo de coisas, assim, em sala de aula. Em relação ao material... é, tem um material relativamente bom, assim, né. Claro que não é aquela coisa... claro que não dá pra fazer tudo aquilo, por exemplo, como a gente aprende na faculdade, quando a gente tem, né, os espaços bem mais amplos... a gente tem uma... vasto material pra trabalhar... por exemplo, eu tenho três bolas de basquete, né, então eu tenho que, numa turma de trinta, eu tenho que saber como é que eu vou poder trabalhar com essa turma só com essas três bolas de basquete. Por exemplo, bola de vôlei é uma coisa que acaba... que o uso... o tempo de uso dela é muito curto, né... que os alunos, afim, chutam, jogam na parede, batem, né... então, a quadra é de cimento, então a bola bate no chão e vai, ãh, se desgastando muito rápido, tanto que agora, assim, a gente tem uma bola de vôlei na escola, então, se eu quero trabalhar vôlei, eu tenho que pensar uma coisa que todos possam fazer com uma bola, né... ãh, enfim, outros tipos de materiais, assim, ãh... bom, até tem um material... a gente tá conseguindo organizar, ãh, pra pedir nos orçamentos que a escola recebe, né, bimestralmente, mas, ãh, é sempre aquela coisa, né, tem uma limitação muito clara, assim, né, ãh, de material, mas eu diria que em relação a algumas outras escolas, assim, que eu pude conhecer, algumas outras realidades é um material que dá pra se trabalhar.

A : Você conhecia a política por Ciclos de Formação? Como você organiza o trabalho pedagógico em relação a esta política?

E : Bom, a Política de Ciclos eu já conhecia, ah, bom, de ter estudado pra passar no Concurso, enfim, de ter lido bastante sobre o que era a política de ciclos... já conhecia pelo fato de meu pai também trabalhar numa escola do Município, então eu já sabia, mais ou menos, como é que era a estruturação de Ciclos... qual é a proposta pedagógica, né... é uma proposta que visa superar a seriação, né, ou seja, que na verdade o conhecimento não se dá de ano após ano, que na verdade o aluno tem um ciclo, ah, e que naquele ciclo... naquele período do ciclo que seria de três anos que o aluno tem aqueles três anos pra poder aprender os conhecimentos, de poder se estruturar ali, durante aquele período. É uma proposta bem interessante, bem avançada, mas que na minha opinião, inexistente hoje na rede, né... na verdade é só um nome do ciclos, mas, que na minha opinião, vendo como ta estruturado a escola, ah, a gente tem uma seriação que ta maquiada pelo ciclo... né, então, os professores, ah... eu vejo que os professores não... muito pouco são incorporados a ideia de ciclos, né... então, na verdade, quando vai se debater muitos... às vezes os casos dos alunos, não se pensa nessa história, ah... não se pensa nessa questão da estrutura por ciclos, como sendo um processo, né... se pensa só naquele período, então, ah, ou o aluno chegou no final do ano ou vai passar ou vai rodar, ah, enfim, então, na verdade, apesar de eu considerar um proposta avançada, eu vejo que o, ah, a proposta de fato, em si, já não funciona como é a ideia original dela, assim... então, na verdade, é uma proposta seriada que está maquiada de ciclo, assim, né... e isso acaba interferindo bastante na organização do meu trabalho e, na verdade, assim, até como... eu vejo, assim, como uma... um dos maiores problemas, assim, né, principalmente da formação em educação física, né... eu não aprendi como se estrutura da educação física... eu nunca aprendi qual é a estruturação do ensino da educação física nos diferentes níveis de ensino, né... tu vai lá, tu faz uma cadeira de futebol, tu faz uma cadeira de futsal, faz uma cadeira de vôlei, tu faz uma cadeira de recreação que, na verdade, acaba sendo muito generalista em cima daquele assunto... tu não tem um debate amplo, por exemplo, do que é o esporte, do que é lazer, do que são os jogos e como isso vai se inserir no contexto do currículo escolar... então, acaba que o professor.. é... organiza... acaba sendo assim, os professores organizam do jeito que eles querem, assim, né... é uma coisa, assim, bem complicada... eu tentei organizar o meu trabalho, ah, tentando trabalhar as coisas, assim, conjuntas, mas dando enfoques diferentes... eu não limitei, assim, “ah, nesse ano vai ser isso, naquele ano vai ser...”... não, eu tentei trabalhar... claro que algumas coisas eu separei, até pra poder, é, me organizar, assim, né... ter uma sistematização, mas, ah... eu acho que essa organização do trabalho da educação física que é complicado, porque não tem... diferente de outras disciplinas que os professores sabem, né... acho que mais claramente, ah, os conteúdos em que... que determinada faixa etária é aquele conteúdo... na educação física não tem muito isso, né. Claro que tem umas brincadeiras... uns jogos que são mais propícios pra uma idade, né, ah... tu sabe que algumas brincadeiras... tu sabe que não vai dar certo com alunos de 15 anos, mas que com alunos de 10, 9, né, eles tão mais, ah... eles tão mais abertos a receber aquele tipo de brincadeira... tu sabe que algumas habilidades motoras mais fundamentais... tu não vai trabalhar com alunos do terceiro ciclo, tu vai trabalhar com alunos do primeiro, né... essas brincadeiras mais em grupo tu vai trabalhar com os pequenos... mas eu acho que no terceiro ciclo, ah, não tem uma sistematização... eu trabalho bastante com a questão dos esportes coletivos, ah... eu to tentando trabalhar a questão dos jogos populares, né, jogos cooperativos, ah, to tentando iniciar agora um trabalho com a questão das lutas, né, o atletismo, eu tô tentando colocar um pouco, mas, enfim, na verdade a minha organização, ah, não... não existe uma organização sistemática, assim, né... eu tento me organizar ah... eu tentei me organizar mesmo... eu criar um sistema meu de organização, até porque eu sou o único professor do terceiro ciclo inteiro na escola... então, eu acho que isso é uma coisa que, se por um lado é ruim porque eu posso ter... eu tenho nenhum outro professor

pra poder compartilhar alguma ideia em relação a isso, é bom porque eu acabei organizando... eu mesmo me organizando em relação a isso... mas eu acho que é uma coisa complicada porque eu acho que é uma deficiência da formação que não me deu subsídio pra organizar isso dentro da escola, assim, né... acho que é um problema da educação física até hoje, assim... de como organizar esses elementos pra ser trabalhados na escola e de que forma vai ser sistematizado... que tu acaba vendo o professor trabalhar a mesma coisa na quinta série e um outro professor trabalhar a mesma coisa na oitava... então, como é que é esse processo? Como é que se da isso? Então, acaba sendo muito mais da cabeça do professor do que de uma organização sistemática que possa levar o estudante a compreender, de fato, todos esses elementos da cultura corporal... então, acaba ficando uma coisa bem desorganizada, assim.

A : Quais são as maiores dificuldades encontradas cotidianamente no seu trabalho?

E : Ah, com certeza, né... trabalho numa... não é uma região de... não é uma região de extrema pobreza, né... claro que existe pobreza, é uma região mais rural de Porto Alegre, né, e a escola fica num lugar em que antigamente era um campo de futebol, que muitas pessoas iam pra lá jogar e fica numa parte bem rural do bairro, mas no entorno dessa parte rural do bairro, tem várias zonas de ocupação de famílias, né... então são famílias, ãh, claro, de pobres que se ocuparam desses lugares e que agora tão na escola ali... era uma demanda antiga já daquela comunidade ali do Rincão... e, então, claro que tem vários contextos... tem contextos de... bom, de violência familiar, né, tem contextos de alunos com problemas com drogas muito sérios, assim, que acabam interferindo no nosso trabalho cotidianamente, assim, né, e acaba sendo até uma questão, ãh, bem complexa de se trabalhar, porque, às vezes o professor não sabe como lidar com isso, né... essa construção, assim... estar na prática, assim, é uma coisa que só... se o professor não tem esse contato com aquela realidade ele não vai conseguir saber, né... e, também, não é nem... também a gente não pode dizer que é culpa do professor o fato de ele não saber lidar, né, porque na verdade é um contexto muito maior, que tem a ver com um problema social muito grave que existe, né, um problema econômico, cultural, enfim... e que acaba interferindo... então, acontece muito disso de, bom, de ter vários problemas que acabam interferindo na aula, né...os alunos... muitos deles ali, também, não vêm na escola um motivo muito forte pra estar na escola... então, tem muitos alunos que estão ali só pra, sei lá, só por obrigação... muitos alunos vão porque recebem o bolsa-família, por exemplo, então, eles se mantêm na escola pra poder receber o bolsa-família, né... e, são desinteressados, mas estão ali pra se manter, né... então, tem... eu acho que o contexto social é uma coisa que interfere... não tem como não, né? A nossa aula não é uma... a aula na escola não é aquela aula idealizada que a gente tem... que a gente pensa, assim... aquela aula idealizada durante a faculdade “ah, faz essa atividade que vai dar certo, ah faz essa atividade aqui...”, não! O contexto real é muito diferente do contexto ideal, né... e no contexto ideal a gente vai se deparar com várias situações que, bom, vai depender de... essas situações dependem de várias coisas e pra resolver aquele problema ali, também... às vezes a gente vai conseguir, às vezes não... enfim, são várias questões que eu acho que são... que dificultam o trabalho, né... mas, enfim, elas estão ali e a gente tem que saber lidar com elas e tentar solucionar da melhor forma possível.

A : Das teorias e das práticas vivenciadas durante a graduação, o que serve ou não serve hoje para o seu trabalho pedagógico na escola?

E : Olha, eu acho que, na verdade, muito pouco, assim, serve, né. Muito pouco porque, primeiro que os conhecimentos que eu tive nunca foram articulados entre si, né... então, eu nunca consegui, por exemplo, ligar o que eu tive em fisiologia, com o que eu tive em

desenvolvimento motor, com o que eu tive em teorias da educação... como isso se construía numa proposta pedagógica pra educação física, né... isso não existe... então, eu acho que isso é uma coisa complicada... e aí, então, na verdade, essa fragmentação acaba, ãh, indo pro final do curso, assim, e aí lá no estágio... eu fiz um estágio só e também era isso... eu chegava lá, dava algumas aulas, não tinha muito tempo pra se organizar em relação a isso depois, né, desse processo de estágio, né... então, na verdade, se a gente parar pra ver, assim, do que eu vi, mesmo na EsEF... parando pra ver hoje, assim, como professor, muito dessa prática, assim, que eu to tendo agora, eu to tendo que refletir me relação a essa prática que eu to tendo hoje, mesmo, assim... eu to tendo que refletir muito em cima daquilo que eu vivencio no dia-a-dia, né... claro que eu me baseio em teorias, assim, né... eu gosto da proposta crítico-superadora da educação física, que eu acabei lendo pelo contato que eu tive com o Diretório Acadêmico, porque eu não vi essa discussão dessa teoria durante as disciplinas da educação física e nessa perspectiva, assim, da pra entender um pouco mais... de uma forma um pouco mais ampla, assim, entender a partir da realidade e não de uma ideia de educação física, mas sim da realidade e, partindo dessa realidade, tentar, ãh, trabalhar os elementos da cultura corporal de forma crítica... de forma que o estudante possa compreender de fato esses elementos e fazer uma reflexão sobre eles, né. Claro que o fato de eu ter essa teoria não significa que eu consiga coloca-la cem por cento na prática, porque existem todas essas dificuldades, né, mas eu me baseio bastante nessa concepção de educação física e que me... essas concepções de educação física, colocadas, assim, que existem algumas, né, é, não me recordo de ter visto elas durante o curso e também, porque acaba assim, cada professor acaba colocando a sua visão, dentro da sua disciplina específica, né, então, acaba como sendo um quebra-cabeça, né, o professor da uma disciplina lá, o outro dá aqui e outro dá ali e, depois, o estudante tem que parar e juntar esse quebra-cabeça e tentar colocar na prática, né. Então, eu acho que isso é um complicador, assim... acho que se a estrutura fosse diferente, acho que poderia se aproximar um pouco mais da realidade, né... eu acho que é um pouco isso em relação as teorias.

A : Como você avalia o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes de suas turmas na escola?

E : Bom, é... acho que o problema da avaliação é um problema da educação física como um todo, assim, ãh... acho que a avaliação é uma das questões mais sérias que a gente pode ter em relação a isso, porque existem várias concepções de educação física e eu acho que muito pouco delas propõe uma forma de avaliação mais sistemática, né... então, a gente sabe que aqueles que defendem mais a educação voltada mais pra questão da atividade física do desempenho, né, ãh... podem avaliar dessa forma. Eu não vejo isso, eu vejo a educação física de um outro viés, dentro de uma concepção de educação e não de saúde, né... então, vendo a educação física pelo lado da educação, né, eu entendo que os alunos tem que ter compreensão de poder refletir sobre aqueles elementos que a gente está trabalhando, né... Claro que isso não significa que eu consiga fazer da melhor forma possível... eu acho que são tentativas e eu acho que é uma construção que eu to tentando... é... fazer ao longo do tempo, né... então, eu acho que a questão da participação é muito importante, né... mas, ao mesmo tempo que eu sei que a participação é muito importante, né, eu tenho que saber olhar pra alguns casos mais específicos, assim, né. Eu não posso avaliar, por exemplo, uma participação de um aluno que eu vejo que tem facilidade motora e tem interesse, por exemplo, em jogar basquete, do que alguém que nunca pegou uma bola de basquete, né... alguém que nunca teve contato, que nunca teve experiência... nunca teve, ãh, aproximação com aquela atividade... não posso avaliar a própria participação dessas duas pessoas da mesma forma, né... desses estudantes da mesma forma. Então, eu acabo relativizando isso, um pouco, né... não significa que eles não tenham que participar, mas eu acho que eu tenho que dar conta de tentar relativizar alguns

problemas que eu vejo, assim, né... e principalmente tentar entender o contexto que aqueles alunos estão colocados, assim. Tem alunos que eu vejo, que nitidamente participam menos das aulas porque, ãh, eles são oprimidos pelos outros da turma por... sei lá... por ter uma, ãh, por ter algum tipo de dificuldade em relação àquilo, então isso é uma coisa que é bem complicado. Eu tento passar, também, alguma... discutir alguns conceitos, né, e tentar fazer eles refletirem... então, por isso que muito das coisas que eu faço, eu tento pedir pra eles escreverem, porque eu acho importante isso, né... to tentando criar essa cultura de que eles também... que na educação também tem discussão de conceitos, né... também tem discussão, ãh, tem compreensão de coisas... e não só a prática em si, né... eles tem muito aquela coisa de “ah, a educação física é a prática é porque eu vou ficar em aula é porque é teoria”... então, na verdade essa dualidade esta expressa na escola, né, pelas disciplinas, ta expressa na forma como se vê o conteúdo nessa divisão formal das coisa, assim, né, mas eu to tentando superar isso aos poucos, assim, né... de tentar colocar pra ele que a gente pode, também, a parte prática, mas que também trabalhar conceitos, né... e refletir sobre aquilo, né... tentar fazer algumas reflexões, por exemplo, relações de gênero no esporte, relações de coletividade, né... tentar fazer discussões sobre contexto histórico dos esportes e a relação... alguns processos econômicos da sociedade, por exemplo, né... tentar discutir algumas relações de pré-conceito, enfim... discutir até, por exemplo, a própria saúde... o que é saúde, né... essa visão que se tem de saúde, ãh, como sinônimo de realizar atividade física, enfim... então, na verdade eu tento avaliar dessa forma... com participação, com trabalhos escritos, né... eu até to fazendo bastante prova, assim... avaliação escrita, mesmo mas, também, tentando sempre relativizar, né, não só anoto... não só o score do aluno na prova, mas relativizar aquele conhecimento, o que ele tem aprendido, o que ele tem se superado, né... e, até porque a avaliação da Prefeitura não é por nota e sim, por... são três avaliações que tem... é “A”, que significa que o aluno atingiu o objetivo, “AP”, que ele atingiu parcialmente e “NA” que ele não atingiu, né... então, ãh, esse tipo de avaliação permite com que tu possa relativizar um pouco mais a nota do aluno, apesar de ser um conceito que alguns professores não concordem, que às vezes pra algumas situações parece ser muito fechado, né... eu acho que ele permite um pouco dessa amplitude de tentar relativizar o processo do aluno e não só o resultado em si, né... não focar apenas no resultado... permite que o professor possa, né, relativizar o processo do aluno.

A : Então, só para finalizar, se você quiser acrescentar alguma coisa ou ressaltar algum aspecto ou algo que eu não tenha perguntado...

E : Olha, eu posso dizer que ser professor é uma atividade que é bem complexa... o professor ta ali com várias situações, né, ãh, e, mas enfim, eu gosto de... eu me entendo como professor, porque eu entendo que a educação tem um papel muito importante, assim, né... eu não tenho uma visão romântica de educação, como se a educação fosse salvar o mundo, né... eu não vejo isso... eu acho que a educação faz parte de um processo, né... eu acho que pra ter uma transformação do mundo, é preciso ter educação, mas ela, por si só, não vai mudar as coisas, né, ãh... então é por isso que eu sempre tento trabalhar de forma crítica... que os alunos possam refletir... possam criticar pra superar várias coisas, assim, né... e eu acho que esse é o meu papel quanto professor, assim, né... e eu to ali pra, realmente, enfrentar dificuldades... eu to ali pra, realmente, ãh, tentar sempre a cada dia me superar, né, mas eu entendo que eu posso, ali, como professor, problematizar com os meus alunos aquela realidade que eles vivem, né.. e eu como defensor da escola pública, de qualidade, né, acho que tem esse papel de tentar superar, ãh, através dessa problematização com os estudantes, né... essa sociedade que a gente vive hoje, assim... e tentar discutir e tentar superar... de que forma eles podem, ãh, pensar uma outra realidade, assim, né... eu sei que o meu espaço como professor na educação é limitado, né, mas eu... não significa que... mesmo entendendo essa limitação... não é porque existe essa limitação que eu não vou fazer as coisas, né... então, mesmo existindo... mesmo

sabendo da minha limitação ali, naquele processo, ãh, eu vou tentar fazer tudo o que ta ao meu alcance e também sempre tentar buscar lutar por melhores condições de trabalho, por melhores salários, né, por uma educação que seja realmente pública, que atenda os interesses dos estudantes, daquela classe trabalhadora que vive ali naquele lugar, né, e eu acho que isso também é papel do professor, né... o professor tem que se entender parte daquele lugar, né... eu acho que o professor que ta distante, que vai lá e dá a sua aula e volta pra casa e não se entende em quanto parte daquele lugar, enquanto parte de transformação daquela realidade, ali, vai ser um professor que, bom, vai ensinar o seu conteúdo e, de uma certa forma, ta mantendo essa situação que a gente tem hoje, assim... então, eu me vejo enquanto um elemento dentro desse processo de transformação.

## Transcrição Entrevista II

Porto Alegre, 24 de setembro de 2011.

Entrevista Professor Camilo

Local da entrevista: Residência do professor.

Duração da entrevista: aproximadamente 47 minutos.

A : Inicialmente, gostaria de saber o porque que você escolheu ser professor/a de educação física?

C : Eu tive desde... desde pequeno uma influência, ãh, direta, né, dos meus pais que são professores de educação física... na minha prática esportiva... de uma vida cheia de práticas esportivas... diferentes práticas esportivas. Então, fiz ginástica, fiz basquete, futebol, ãh... fiz natação, fiz uma série de atividades que me fizeram tomar gosto pelo esporte, né, e fora isso o exemplo em casa de ver... sempre acompanhei meu pai, treinador de basquete, nos jogos e sempre gostei desse ambiente esportivo de competição e de... de... da própria atividade física... minha mãe também professora e eu acho que foi uma coisa... um caminho meio natural pra mim, assim, e eu sempre gostei muito... nos meus horários de lazer sempre voltei... fiz as minhas coisas voltadas pra atividade física e pro esporte, então, pra mim foi um caminho bem natural, assim, a escolha da educação física.

A : Qual o ano de ingresso na ESEF/UFRGS?

C : Ingressei em 2... sou do primeiro semestre de 2000 e me formei no último... no segundo semestre de 2005, da Licenciatura Plena... graças a Deus (risadas).

A : Porque “Graças a Deus”?

C : ah, porque a gente tinha... eu sou contra essa... acho que foi uma das coisas muito ruim que aconteceu na nossa área... essa separação da Licenciatura e do Bacharelado e, enfim, é uma questão muito ampla, né, mas é uma coisa que eu sou completamente contra e todo mundo, assim, que eu conheço, que tem um pensamento mais ou menos parecido, na área da educação física, com o meu, assim, com o que eu acredito... é... tem essa posição parecida, assim, essa posição de que é contra essa separação... realmente é uma coisa que não tem muito sentido, assim, se tu for pensar.

A : Como foi a sua trajetória profissional depois de formado? Porque fez o concurso de Porto Alegre?

C : Eu tive... eu sempre me vi trabalhando na escola, assim, né... eu gosto muito da parte do esporte, né... do basquete... do esporte coletivo... principalmente do basquete, futebol, futsal e

sempre pensei na questão competitiva também, mas no basquete que é o meu esporte... que eu pratiquei a vida inteira... o basquete não tá muito organizado... ele tá muito... os espaços pra praticar basquete... pra se fazer basquete são muito escassos na cidade, assim... Então, eu sabia que pra mim ter uma condição de treinador, técnico desportivo, vinculado ao basquete, assim, competição mesmo, alto rendimento, eu ia ter que sair de Porto Alegre, eu ia ter que sair daqui, ou ir pro interior, ou ir pra Santa Catarina, ou subir pra São Paulo. Então, é uma coisa que eu nunca abracei com muita... com muita veemência, assim, na minha carreira. Então, eu sempre tive essa parte forte do basquete, muito pela minha carreira de jogador, que eu tive, pela influência que eu tenho muito forte do meu pai... que ele sempre discutiu muitas questões do jogo, né, mas eu nunca abracei isso daí com uma perspectiva de futuro, porque eu sabia que um futuro nisso requer preparação muito grande fora daqui, né... atualmente do jeito que tá, né, infelizmente. Então, eu sempre me vi trabalhando em escola e com esporte escolar e com educação física, né. Então, ao contrário de muita gente que se... que deixa a escola como última... última perspectiva, né, ãh... como a gente comentou a outra vez que tu foi lá na escola, ãh... eu sempre coloquei... via no meu futuro, assim, trabalhando numa escola grande... numa... sempre mirava em alguns colégios que eu acho bacana e que eu sempre via na competições esportivas... colégios particulares bacanas e eu sempre via esse futuro pra mim, né... trabalhar em escola, enfim... e um passo seguinte numa Universidade. Mas, eu me formei em 2006, entrei no mercado e... quer dizer, me formei, o que não quer dizer que entrei no mercado, né... me formei, tava com o diploma na mão e aí eu fiquei uns três meses sem nada, assim... fiz... eu optei por fazer na minha... na minha, ãh... carreira durante a faculdade, assim, na minha formação, eu optei por fazer ela bem diferenciada, por que eu, justamente, sabia que é muito difícil. Quando a gente se forma a gente fica sem pai nem mãe, assim, né, então tem gente que opta por ficar, assim, sei lá, três anos da sua formação ficar no mesmo lugar, né, apostando que vai ser contratado, mas essas mesmas pessoas, daqui a pouco, como a gente conhece... muita gente acontece... que é formado e os caras te dão um tchau e contratam um outro estagiário, não assinam a tua carteira, não te efetivam, então, eu digo “pô, é, já que tem essa possibilidade, eu acho que eu vou ter na manga uma carta... uma ampla gama, assim, de experiências”, né... eu nunca dei bola pra grana, sempre fiz muito estágio voluntário, fiz muito estágio por cem pila, cento e vinte pila por mês, que eu acabava pagando pra pegar dois ou três ônibus, assim, ãh... então, eu trabalhei em escolinhas esportivas... muitas escolinha esportivas... de basquete, trabalhei no Grêmio com a escolinha de futebol, trabalhei com... fiz estágios de seis meses, por mais que eu odeie, botei isso na minha cabeça, por mais que eu odeie essa área de fitness e musculação, era importante, né, ter isso daí no currículo, porque nunca se sabe o dia de amanhã. Daqui a pouco eu vou tá sem muito perspectiva e vai me pintar uma academia, em cada esquina tem uma academia, né, então é um... é importante eu ter no meu currículo também, ãh... eu trabalhei seis meses numa academia, fiz estágio com idosos, fiz estágio com crianças, ãh, com bebês e trabalhei muito com pesquisa e com extensão na faculdade. Então, acho que fiz uma formação bem ampla, assim... eu tenho experiência... saí com experiência, nem que seja pequena, de muitas áreas da educação física, porque a nossa área é muito grande. E daí eu tava... eu saí da faculdade, enfim... não criei laços, assim, nenhum dos estágios... todo mundo me conhecia, mas nenhum a ponto, assim, de eu sair e os caras me contratar, mas saí com uma boa experiência. Então, o que eu consegui no primeiro emprego em abril desse ano que eu me formei, ãh, um colega meu de faculdade, que se formou um ano antes e tava trabalhando nunca Escola Técnica [...] no Humaitá... e aí ele foi convidado pra trabalhar no interior com futsal e ele... é o que ele ama e tal... foi coordenar um projeto esportivo no interior do Estado, em Veranópolis e precisava... precisou colocar alguém no lugar dele... já tinham começado as aulas... que aí não é um processo é... esse é um processo rápido, porque as aulas estão em andamento, né... então, ele, pô, indicou pra Direção uma pessoa e a Direção, junto com outros currículos que

tinham lá, aceitou que eu participasse da seleção e aí participei da seleção e passei... aí fiquei trabalhando esse primeiro ano lá na Escola Técnica[...], com as escolinhas de futsal... equipe de futebol e de futsal e com algumas horas no Ensino Médio, né, de educação física... e, na metade do ano eu comecei a trabalhar com uma escolinha infantil [...] e aí, a partir de... em 2007, as coisas foram acontecendo... em 2007 fui convidado pra trabalhar numa escola particular [...] aí já larguei a escolinha infantil... mantive um pouco mais com a infantil, mas depois larguei... e aí, depois pintou outra escola particular [...] em 2009 e no mesmo ano de 2009, enfim, eu sempre vinha fazendo concurso... fiz de São Leopoldo, fiz de Gravataí, fiz de Canoas... alguns me chamaram, alguns eu não passei, né... eu vinha sempre fazendo esses concursos públicos, porque bem ou mal, escola particular, apesar de eu tá na épocas nas escolas particulares, né, estabilidade nenhuma... então, aí eu... alguns me chamaram... me chamaram em São Leopoldo, mas eu preferi não assumir pela questão do deslocamento ser muito longo e pintou o Concurso de Porto Alegre... fiz uma curso preparatório... sacrifiquei meu janeiro de 2009... sacrifiquei meu janeiro de 2009... fiquei fazendo o curso todas as manhãs que... aquela parte da pedagogia, ãh, as leis, né, parte de leis, parte do Estatuto da Criança e do Adolescente, português, essas coisas assim... e passei no Concurso... fiquei numa colocação bem boa, que me chamaram logo na primeira leva de professores, que foi em julho. Então, desde então eu tô com tudo isso aí acumulado, né... e agora nesse último ano aí também eu tô pegando às noites num outro Colégio Particular [...], as equipes de competição de basquete... então, tô com o horário bem cheio, assim, mas dentro do que eu esperava, assim, né... trabalhando com o que eu esperava. E aí, dando sequência à minha formação, fiz pós-graduação em 2008, em esportes coletivos e acabei o Mestrado agora em agosto de 2008... em agosto de 2010.

A : Por favor, você pode falar qual foi a linha de estudos do Pós-Graduação e do Mestrado?

C : No pós foi... no pós eu fui... eu voltei bem pra minha prática mesmo, né, então, surgiu esse pós aí de esporte na escola e esportes coletivos, voltados pra escola, né, e pra mim me veio a calhar, assim, aí... e por ser na PUCRS eu optei por... eu achei ser legal na PUCRS também pra fugir um pouco do ambiente da ESEF... conhecer outros professores e tal... e foi bem legal pra mim, assim, sabe... não foi nada de extraordinário, mas foi... eu cumpri o que eu queria, que era voltar a estudar... e eu tava desde... dois anos sem estudar... voltei a estudar... fiz um pós em dois ano aí e foi bom... e aí entrei já concomitante com os últimos seis meses do pós, eu entrei... passei no Mestrado e o Mestrado foi pra área que eu já tinha feito meu TCC... na área do basquete, né, da história do esporte, que é uma área que eu gosto bastante também e eu aprofundi o meu estudo do TCC... a história do basquete em Porto Alegre.

A : Como foi a acolhida pela Secretaria do Município de Porto Alegre (SMED)?

C : Da SMED?

A : Sim.

C : Tu diz a acolhida, o que? Os primeiros momentos na SMED, assim?

A : Sim, quando você se apresentou para a SMED após a chamada pelo Diário Oficial.

C : Não, foi muito bacana, muito legal, mas não vi nada, assim, de... nenhum problema. Só o que achei é que, claro, na hora de escolher a escola, né, e como eu já tinha... tenho amigos próximos que trabalham na Rede e outros colegas que foram chamados em outros Concursos, me alertaram pra algumas coisas, né, que a SMED costuma fazer, que é natural, né... eles querem te direcionar a escola que tu vai conforme a carência e conforme os lugares que ninguém te aceita... ninguém quer trabalhar, né... então, lugares mais difíceis de trabalhar. Então, logo que eu cheguei lá os caras me disseram “óh, ãh, presta atenção que tais e tais escolas são muito difíceis... são muito longe e é pra onde normalmente eles querem te direcionar” [...] uns lugares, assim, que tem uma realidade difícil e eles... que muita gente foge, né... então, eles tentam botar a gente... te botar goela abaixo. Então, o que eu fiz? Eu me

antecipei a isso, né, e como eu tenho meu coordenador de uma escola particular [...] trabalha na... ele trabalha na... já trabalha na SMED há seis anos... na SMED, né, lá na Escola Vila também[...], aí ele falou “pô, Cara, eu te aconselho ir pra lá e tal... a realidade é muito difícil, é uma das piores realidades em termos de pobreza, tráfico e violência e tal, da SMED, mas tu tá pertinho da tua... de casa...”, eu tô a dez minutos de carro da minha casa... coisa que não é normal na realidade da periferia da... das escolas de periferia da Prefeitura, que é sempre... sempre bem longe, né... afastado do Centro... e aí, eu tô ali a dez minutos... bem central a escola... e aí eu já fui lá na escola, antes de ele me chamarem na SMED, né... eu vi que eu fiquei bem colocado... eu vi que iam começar a chamar... chamaram uns dois, três primeiros e eu digo “óh, na próxima leva eu tô”... aí eu fui na escola, falei com a Diretora... a Diretora disse “bah, não, estamos precisando de bastante gente”... já acertei os horários com ela e já cheguei com tudo pronto... eu me antecipei à SMED, né. Então eu cheguei na SMED e os caras me ofereceram lá “bah, tem o Chapéu do Sol, tem não sei o que”, longe pra caramba e aí eu digo “não, óh, já tô acertado, a professora Diretora é a fulana, pode ligar pra ela se quiser... já fui lá, já acertei os meus horários e tá tudo certo”... aí peguei ele meio com as calças na mão, né... e aí fechou... fechei lá na escola Vila [...], né, e não me arrependo... tem sido bom... apesar de difícil tem sido bom... tem sido... acho que foi uma escolha acertada.

A : Porque você acha que foi uma escolha acertada?

C : Primeiro pelo, ãh... por ser perto, sabe. Eu era... eu trabalho ainda... tem alguns dias que eu saio do Champagnat, que é ali na PUCRS... então, poxa, ali do Champagnat é alguns minutos de carro. Tem dias que eu saio da escola particular [...] às 15h10 e tenho que começar a dar aulas às 15h30 lá e eu chego... eu consigo. Então eu, durante os dias, assim, de manhã e de tarde eu tenho muito pouco tempo de deslocamento entre uma escola e outra... eu tenho uns horários muito apertados. Se eu tivesse em qualquer outra escola, eu certamente teria que largar horas em algumas das escolas particulares que eu trabalho e que isso implica, enfim, menos dinheiro, né, que é... eu tô numa fase da minha vida que eu preciso construir, né, a minha vida, então eu tô juntando, ãh, juntando dinheiro. Então, pra mim ia ser ruim... então, pra mim isso aí já fechou bem... não precisei abrir mão, assim, de quase nada da minha carga horária... abrir mão de alguma coisa, mas muito pouco, porque eu consegui encaixar essas vinte horas da prefeitura no meu horário. E, em segundo, eu acho que foi... o que me pesou a favor da escola, ela... foi o grupo de trabalho da educação física que era lá... que eu conhecia bastante gente de confiança, assim, enfim... o meu coordenador da outra escola [...] era um, que é um cara que eu tenho maior confiança e é um cara que tem confiança em mim também, o professor FB que agora até saiu... se exonerou da Prefeitura pra assumir na ESEF, [...] também trabalhava lá e tu chegar num lugar pra trabalhar, né, apesar das dificuldades e tu ter em quem mirar, em quem te apoiar, nos momentos... e aí isso também pesa bastante, sabe... eu tive colegas que passaram comigo no Concurso que chegaram sem pai nem mãe no colégio lá e não conheciam ninguém e isso aí, pô, contribui com os caras se frustrarem, assim, sabe... e não tinham base nenhuma no colégio. Eu, bem ou mal, entrei com uma baita de uma base... entrei com sabendo quem eram os guris... as crianças... os alunos problemas, sabendo quais eram as coisas que... por onde eu tinha que ir, por onde eu tinha que... aonde eu tinha que acelerar, onde eu tinha que ser mais rígido, onde eu tinha que afrouxar, é, por que eu tinha esses dois professores que são muito experientes, ãh, e já com um tempo de escola... já eram referência na escola. Então, de certa forma eu já entrei lá nesse colégio com um... com uma boa condição, assim, né, pra começar o meu trabalho.

Eu não sei se eu tô divagando muito?

A : Não, não! Está ótimo!

A : Então, aprofundando mais sobre a acolhida na escola. Como foi a acolhida pela Escola em relação aos gestores, professores e estudantes?

C : Não vi... eu já tive... eu acho que eu tenho uma condição diferenciada, porque, muita gente que entrou na... nesse concurso da Prefeitura é uma característica... tem muita gente que sai fresquinho da faculdade, assim, sabe... com as coisas muito presentes na cabeça, ainda... então tem muita gente que entra direto da, da... se forma e entra, ou se forma, fica um ano estudando ou fica um ano, né, fazendo outras coisas e passa no Concurso e entra direto, né... e eu não, eu tive quatro anos de experiência docente em escola, né, em quatro escolas diferentes... em quatro escolas grandes e fora a experiência que eu tive em estágio, então eu entrei com muita... acho que entrei com bastante bagagem em relação ao que, hoje em dia, né... antigamente quem passava nesse Concurso era um pessoal mais experiente... hoje em dia acho que a gurizada tá entrando muito... tem muitos ex-colegas meus e gurizada até que se formou depois de mim e se formou e já entrou na SMED e... eles tão entrando um pouco crus ainda, assim... tá sendo tipo uma primeira experiência docente, assim, e já nessa realidade. Pra mim, como eu já tinha experiência de outras... de chegar em outras escolas desses primeiros dias, dessa acolhida, experiência em salas de professores... dos professores... que é uma experiência, é, que é necessária também, né... tu saber também, né, saber os papos que rola, saber como funciona as reuniões, conselhos de classe, né, então, pra mim isso aí tudo foi mais fácil, além da acolhida ter sido boa pelos professores... encontrei um grupo de trabalho tranquilo, né, mas... na nossa área. O que eu vejo, é que é um quadro... um quadro docente muito envelhecido lá no colégio... é um quadro docente, assim, é, eu vejo... me chamou a atenção isso, sabe, é, pessoas meio frustradas, pessoas meio cansadas, pessoas meio desmotivadas, né... e eu acho que a educação física lá no colégio é a parte em relação as outras... eu acho que a educação física lá no Fátima, ela tem uma característica que as outras matérias que.. que o resto do quadro docente não tem, que é ter muitas gente bastante capacitada... depois que eu entrei ali tinha eu com Mestrado, o professor P Mestrado, o FB que tava no Doutorado ou tava acabando o Doutorado, ãh, tinha uma outra professora também com... uma outra professora também com Mestrado, dando aula na ULBRA, professora A... poxa, de um quadro de oito pessoas nós tínhamos cinco pessoas com Mestrado ou Doutorado, sendo que três professores de faculdade, o P, a A e o FB. É um quadro, pô, diferenciadíssimo, acho, em relação a outras escolas, né... a gente tá falando de teoria, né, nós não estamos falando de prática, né... não que quem não tenha nenhuma qualificação, nenhuma... nenhum diploma não faça excelente trabalho... fazem muitos bons trabalhos, mas eu acho que isso em relação, eu tô comparando com o pessoal lá da escola... a gente vê gente que só trabalhou nesse ensino... passou no Concurso lá em 1970 e, desde então, só tá lá na escola e fazendo as progressões por tempo de serviço e pessoas muito acomodadas, sabe, na profissão e com essa acomodação desmotivadas... muita gente reclamando da vida... que é uma coisa que a gente briga e eu brinco com o Penna, né, e agora com a Luciana que entrou lá, ãh, que, ah, a realidade é ruim, mas, poxa vida, a Prefeitura de Porto Alegre é ainda um lugar que paga bem, sabe, paga bem ou paga melhor que os outros lugares, ainda te dá uma condição diferenciada em relação às outras escolas particulares que eu tenho, por exemplo, que eu trabalho. Das vinte horas que eu recebo, eu trabalho quinze, e eu tenho 5 horas ali pra preparar o meu trabalho ou 5 horas que eles estão pagando o meu envolvimento com a escola fora de sala de aula que, por exemplo, nos outros colégios particulares, o tempo que eu fico passando nota, ãh, arrumando... corrigindo trabalho, conselho de classe, isso tudo não é... é a parte, sabe? Não é pago, sabe? Então é uma... são horários... a Prefeitura tem ainda muitos benefícios que as pessoas, eu acho, que por muito tempo de serviço, por não ter tido experiência em outros lugares... ter tido sempre essa experiência, essa estabilidade na vida, as pessoas ficam muito rabugentas, sabe? Então, isso me chamou muito a atenção no quadro docente lá da escola, assim... as professoras muito desiludidas e não é um pessoal muito motivado, sabe? Então, mas em termos de acolhida, fui bem acolhido, não tive.. não tive problema nenhum quanto a isso. E os alunos, pô, muito bem, muito bem. Fora o choque inicial, assim, da realidade

violenta, da pobreza e tal, coisa que eu já fui preparado, mas que tu só... tu viu lá, né, nas tuas observações... tu só vê mesmo na... tu só vê como é que tu vai reagir no momento em que tu vê na pele, né, e, enfim... o retorno afetivo é muito grande por parte das crianças.

A : Você conhecia a política por Ciclos de Formação? Como você organiza o trabalho pedagógico em relação a esta política?

C : Eu conhecia porque estudei para o Concurso, né.

A : Mas como você organiza o trabalho pedagógico em relação a esta política?

C : Bom, eu sempre traço paralelos com a, com a idade parecida que eu trabalho nos outros colégios né... então, eu trouxe muito dessa bagagem de outros colégios particulares e tentei adaptar à realidade que a gente encontra lá na Vila, né... ãh, eu estudei, pra passar no Concurso, eu estudei essa questão do, da escola por ciclos, né, ãh, mas tem umas coisas que tu vai pegando na prática, sabe? Eu vou... os ciclos ou séries pra mim... eu to indo mais pela idade, porque junto com isso caiu, entrou aquela lei dos nove anos do Ensino Fundamental que também meio que balançou... então o primeiro ano virou... fazendo seis anos... coisa que é o nível B... então eu vou mais pelo idade das crianças mesmo, sabe... e, tem essas particularidades, a questão por ciclos, mas o que diferenciou bem pra mim, o que atrapalhou, ou o que ajudou não foi a questão por ciclos, foi realmente a questão cultural mesmo da, que envolve o trabalho lá na Vila, né... então, o que eu tive que me preparar não foi nem pra essa questão do ciclo, foi pra questão pedagógica, como tu falou de, da questão cultural deles lá. Então, muitas vezes o trabalho que eu faço na... a maioria dos trabalhos que eu faço no primeiro ano, no segundo ano, na escola seriada, na escola particular, por exemplo, lá no ciclo eu tenho que adaptar muito, porque são atividades que não dão certo... são atividades que exigem um material que na Prefeitura a gente não tem... são atividades muito regradas que exigem bastante da parte cognitiva das crianças que lá na Prefeitura me chama muito atenção... o nível cognitivo das crianças é muito baixo... tem alunos de 12, 13, 14, 15 anos sendo alfabetizados... tem alunos de 8, 9 anos em turmas com alunos um pouco mais velhos e fazendo trabalhos de colagem... trabalhos, assim, que são de nível A, nível B... de 4, 5 anos no colégio privado... então isso aí que me chamou atenção... então eu tive que adaptar bastante as minhas atividades, né, pegando algumas ideias do colégio e adaptava pra Prefeitura, né... simplificando ao máximo as regras, tentando botar um mínimo de material possível pra não se perder, pra não se desgastar... porque se perde muitas coisas... o nível de cuidado deles com materiais é muito pouco... então eu fui fazendo algumas adaptações no meu trabalho.

A : Como é a organização de suas aulas em relação ao espaço físico e materiais na escola?

C : A nossa escola tem bastante espaço, sabe, mas é o problema... nós temos um problema que são muitas turmas... são muitas turmas... normalmente são 3 ou 4 turmas fazendo educação física ao mesmo tempo na escola... então nós temos uma área coberta... nós temos uma cancha coberta que dá pra dividir em duas metades e fazer duas turmas ao mesmo tempo; nós temos um redondo, assim, uma área coberta que é ruim porque, lembra? É passagem pro refeitório, passagem pros blocos onde ficam as salas de aula, então, quem dá aula ali fica prejudicado porque chega a ser interrompida a aula... ãh, nós temos um outro espaço que é muito esburacado, tem muito caco de vidro, mas tem uma canchinha de futebol aberto que a gente procura evitar também justamente por esse perigo e nós temos uma cancha aberta e uma pracinha no lado dessa cancha que é um outro espaço bom de usar... então, o espaço físico é esse, a gente tem que ir revezando, a gente faz escalas... normalmente lá no colégio... ah, tem duas mini canchas de vôlei também no lado da cancha coberta... e é uma cultura que a gente entrou lá, é uma professora que tá há 30 anos no colégio que é a dona da cancha e é a dona das quadras de vôlei quando ela tá trabalhando, então, que é o terceiro... professora que só dá aula pro terceiro ciclo... então, os grandes do colégio, desde que eu entrei lá tem essa... e já

tem de tempos, né... tem essa vantagem, tem sempre a cancha, tem sempre as quadras de vôlei... claro que quando chove a gente conversa e tenta dividir os espaços... mas, então, a gente tem que se virar, eu que trabalho com os pequenos, com... na cancha aquela aberta, na pracinha e nesse espaço coberto redondo que é muito ruim de trabalhar. Quanto ao material, nós temos bastante materiais, só que pela realidade lá ser todo chão de pedra, brita, muita areia, as bolas de futebol... uma bola de futebol nova... uma bola de futsal nova dura duas semanas, assim, em bom estado, depois ela já começa a abrir a costura, já começa a sair aquela câmara de borracha, começa a aparecer, a ficar exposta, começa a ficar oval... então, o material, apesar de ter bastante material e sempre que a gente solicita, sei lá, em um mês chega o material da SMED, ãh, a gente tem que cuidar o máximo porque ele se gasta muito... as crianças... é fica no alto do morro na Vila lá, então, muitas vezes um balão a bola se perde pra dentro da Vila e tu não busca mais, então... e as crianças não têm essa cultura de cuidar das coisas... têm uma vida muito desorganizada, enfim... então, o material eu procuro usar o mínimo possível quando eu to na minha parte dirigida da aula e quando eu to... e quando eu dou os momentos livres, porque eu trabalho com Educação Infantil e os momentos livres são necessários, ainda mais porque é um período inadequado de aula, né... quando eu entrei eram uma hora e vinte de aula em cada módulo, em cada bloco, ãh, de um período era de uma hora e vinte, sendo que na Educação Infantil se... o que se vê na literatura é que entre 30 e 45 minutos o tempo ideal de aula de educação física pra essa faixa etária, Educação Infantil, que é até 5, 6 anos... que é um tempo que eles se prendem na atividade, que eles mantêm um interesse na atividade e, poxa vida, lá era 3 vezes mais, quase 3 vezes mais do que o exigido, então... uma hora e vinte, puxa, tu manter atenção de uma turma de 20 alunos de 5, 6 anos, de 7, 8 anos, ãh, que já vem de uma realidade de muita desorganização, tu manter atividades regradas, puxa vida, né, uma mesma atividade todo mundo é um desafio desumano, assim... então, eu sempre... sempre trabalhei... esse ano baixaram pra um módulo só de uma hora... ãh, eu sempre deixo uns 15, 20 minutos pra eles brincarem, explorarem o material à vontade... aí eu forneço um pouco mais de material, mas sempre conversando com eles pra, enfim, tomar cuidado e tal... e aí a gente vai brigando contra uma cultura de desorganização que tem lá... então, é remar contra a maré, né... assim como eu tento, como os outros professores tentam, tem outros professores que também, por outras questões, por não serem, de certa forma preparados pra trabalhar em escola e admitem isso, não gostam de trabalhar em escola, mas surgiu o Concurso, resolveram fazer, passaram, tem estabilidade, tem uma graninha lá em todo final do mês, com uma estabilidade, ãh, os professores acabam largando o trabalho e fazendo um trabalho com menos qualidade, né, e isso fica ruim, porque, não sei se eu não to atropelando o papo, mas daqui a pouco vai, é, a gente conversou lá na Vila, uma das coisas que dificulta o trabalho é que muitas vezes, e o que não acontece na escola particular, na segunda-feira eu pego uma turma, a quarta-feira quem pega essa turma é a Andressa, então, dois professores pra mesma turma, então, dois estilos diferentes, muitas vezes duas propostas diferentes de trabalho com a mesma turma, então um período eles têm comigo e um outro período eles têm com a outra professora ou com o outro professor... então, isso é muito difícil, porque se tu não tem... não trabalha em consonância com o teu parceiro e que a gente... é difícil de encontrar porque os horários não batem, putz, aí às vezes eu tento fazer uma atividade, tento puxar, eles fazer tais coisas porque o outro professor deixa tudo ou ao contrário, eu deixo algumas coisas que ele não deixa... então, até isso dificulta pras crianças também esse... ter uma referência, né, então, isso acontece... em escola privada eu sou professor de tal turma, eu sou professor de tal turma, né... lá na Vila algumas, algumas turmas eu divido com colegas, né, o que eu acho que é... que dificulta também bastante o teu trabalho... ter a qualidade que tu espera.

A : Bom, você falou um pouco das dificuldades cotidianas do trabalho. Você quer aprofundar um pouco mais sobre essas dificuldades?

C : É essa cultura, né... eles vêm de uma cultura de desorganização total, né... então, eles não têm... são poucas as crianças que têm a referência de família bem estruturada em casa... a figura paterna, figura masculina é muito ausente lá na Vila, ou ta preso, ou ta morando com outra família, ou morreu, ou é doente, é aidético... nós temos um índice de quase 30% de crianças aidéticas lá na Vila, que é altíssimo, né, 3 em cada 10, se tu for pensar, né, então, ãh, tem uma realidade... ele vêm de uma cultura bem desorganizada de casa e eles chegam ao colégio e acham que o colégio é uma extensão de sua casa, então, é muito bagunçado, é muito desorganizado e a gente tem que tentar... o meu trabalho, o minha prática pedagógica lá no colégio, ela se volta muito mais pra questões sócio-afetivas do que propriamente da educação física, né... então, não sei se tu vai me perguntar daqui a pouco mais sobre abordagens pedagógicas que eu uso, ou abordagens teóricas que a gente usa “ah, tu trabalha mais na perspectiva tal”, né... não, eu, lá eu abordo mesmo... o meu conteúdo da educação física é um detalhe, né... o que eu foco... se eu vou trabalhar hoje jogos cooperativos com eles, umas atividades cooperativas com bola, por exemplo, ãh, isso aí é um detalhe na minha aula... o que eu vou focar mesmo é que eles saiam em ordem da sala de aula, que eles fiquem em silêncio na rodinha quando eu receber eles pra gente fazer a chamada e conversar sobre como vai ser a aula, eu vou focar numa não dispersão deles no trajeto até o pátio, que isso aí, tu vê, são coisas muitas pequenas, né, são objetivos muito simples, né, que numa escola... numa outra qualquer escola que eu trabalho, são coisas que eu nem coloco como objetivo, porque isso aí já ta inerente ao meu trabalho... é, as crianças já sabem que é óbvio... que quando a gente ta indo pro ginásio, a gente tem que ir em ordem, a gente tem que ir em fila... que se eu peço silêncio, eles sabem que eles têm que fazer silêncio... eles sabem que quando eles têm que chegar no ginásio, eles têm que sair, correr e formar direto uma rodinha e ficar em silêncio pra gente conversar sobre a aula. Lá na Vila tudo tem que ser construído, então, ãh... esses objetivos foi um pouco frustrante no começo lá na Vila que, enfim, eu não conseguia reunir a turma pra dar... pra fazer com eles... então, eu abria a porta da sala de aula, saía um pra cada lado, correr pelo colégio, chutar as portas das outras salas, subir nas grades, ãh... ir pra pracinha, então eu ficava dando aula pra 5, 6 alunos e os outros 15 ficavam dispersos, né, que é uma loucura, se tu for pensar... e aí, aos poucos, eu fui colocando objetivos... daqui a pouco, com muita conversa, com muitas trocas com eles de... fazendo aulas só na sala de aula, sendo xingado de tudo que é coisa, né, por causa disso, mas ele entendendo que... tentando fazer eles entender que se a coisa não fluir de um jeito vai ter que... vai acontecer de outro e um jeito que eles não vão gostar, enfim... eu comecei a botar objetivos de chegar com toda a turma, reunir toda turma dentro já do ambiente da educação física ali no espaço que eu vou utilizar... e fazer uma rodinha, fazer um alongamento, né, e, a partir desse alongamento eles jogarem a bola que eles quiserem jogar, fazer o que eles quiserem fazer... tu vê como eu comecei por baixo, assim, com objetivos muito simples, né... então o que eles tem de educação física, poxa, ãh, muito pouco em termos de teoria, de conteúdo, mas um conteúdo sócio-afetivo violento, né, assim, em muita coisa, né... eu to trabalhando com eles coisas que os pais não trabalham com eles... ele comem a hora que querem, não comem muitas vezes, dormem a hora que querem, dormem no mesmo lugar que o pai, que a mãe, que a vó, que o cachorro, dorme todo mundo amontoado num mesmo lugar... então, eles não tem a organização... então, eu foco nessa parte sócio-efetiva... separação de briga, ãh, reclamação, ãh, xingamento, guri batendo em guria, guria batendo em guri, ãh, esse é o foco do meu trabalho... no momento que... eu vou começar a dar mais bola pra educação física no momento em que eu conseguir trazer as turmas na minha mão, assim, nesse sentido de questões básicas de cidadania, né, de convivência diária... então, poxa vida... e agora falando da educação física, né, o que eu trabalho? Não vão achar que daqui a pouco, também que eu não faço nada, né, que eu só fico

lá dando regras de convivência... não é isso... mas eu uso como pano de fundo da educação física pra trabalhar essas questões... então, eu normalmente sempre trabalho atividades onde têm, ãh, poucas regras envolvidas, né, mas que eles tenham bastante a questão lúdica envolvida... então, poxa, pega-pega que eu faço em outras escolas, com bastante regras, botando coletes de diferentes cores, cada um pega... que é pego por um colete de uma cor tem que fazer uma atividade diferente... lá eu tenho que fazer diferente... lá tem que botar... “olha, alguns pegam e outros fogem”, “quem for pego faz tal coisa”, coisas bem pontuais, né... bastante coisa cooperativas, deles darem as mãos, deles fazerem coisas juntos, né... esporte... trabalho muito pouco questões de técnicas, assim, de, ah, fila, ãh... procuro... não... procuro sempre fazer em forma de jogo... em forma de atividade... até pré desportiva, mas em forma de jogo, assim... não costumo colocar eles em fila pra fazer as coisas... não costumo... se faço filas, faço filas pequenas, onde eles tenham pouco tempo de espera, pra justamente não dar chance pra xingamento, pra porrada, pra briga, porque é o que vira, né... então, ãh, é bem simples o trabalho, assim... é bem simples nesse sentido de conteúdo... mas, cada vez que eu planejo, que eu penso no que eu vou dar, eu já sei que é um desafio... “bah, hoje eu vou tentar”... às vezes eu digo, “bah, hoje eu vou tentar aquela que eu sei que é certo, que vai dar certo”... tem dias que eu não to... se tu não ta muito com a cabeça pra... porque casa vez que tu vai propor uma coisa nova pra eles, tu sabe que tu vai ter muito desgaste pro teu dia... tu vai ter sempre, assim, eu, bah, “hoje eu vou a brincadeira do”... ou “ah, vou ensinar pra eles a brincadeira do caçador”... eles nem imaginam o que é... é uma brincadeira super básica, que se faz em outras escolas... aquele de atirar a bola no colega e tentar eliminar as pessoas do outro time com a mão, né... “ah, vou ensinar o caçador pra eles”, mas eu já tenho que ta preparado psicologicamente pra ser muito difícil o dia... e pra ter que parar muitas vezes, explicar muitas vezes, chamar muitas vezes atenção de quem não ta entendendo e de quem não tá prestando atenção... então, tem certos dias na nossa rotina que, pô, tu acordou de mal humor, tu passou uma noite ruim... ou tu chega lá, vindo da parte da tarde de um dia difícil na outra escola... então, tem dias que tu não ta a fim de comprar essa briga... então, são dias que... esses são dias que eu escolho atividades onde eu sei que já é batata... dá certo, sabe? Como foi no primeiro dia em que tu foi lá observar. Eu digo, “bah, óh, a Andressa vai observar, o que eu vou fazer?”... vou fazer... não vou inventar, né... vou fazer o que dá certo... aí fiz aquelas atividades de corridinha e tal e deu certo... no outros dias que tu foi, poxa, tentei umas coisas que não deu certo e que virou bagunça... mas aí é aquela coisa, tentativa e erro... tu não pode te frustrar com a aula, porque a probabilidade de muitas vezes é eu propor alguma coisa de diferente e que a coisa seja difícil de ser assimilada.

A : Como você avalia o processo de ensino-aprendizagem dos estudantes de suas turmas na escola?

C : A avaliação lá se é... a avaliação lá se dá num momento anterior ao conselho de classe... tu recebe uma folha com alguns objetivos que tu traçou e a gente traça... os professores de primeiro ciclo, por exemplo, se juntam e elaboram objetivos, assim, que acham que seriam pertinentes... que as crianças... que a gente avaliasse as crianças, né... então, tudo muito básico, assim, né... então, muito haver com a organização deles... então, eu preencho uma... na minha avaliação eu preencho alguns quesitos, é, ãh, atingiu... “A” de atingiu, “AP” de atingiu parcialmente ou “NA” de não atingiu, né... então, atingiu parcialmente ou não atingiu, ãh, organização prontidão para a aula... por exemplo, um professor apitou para começar e ele reage bem ou não... ãh, ele reage pra esperar ou ele fica avacalhando, respeito os meus colegas em aula, ãh... respeitou os colegas em aula, respeitou o professor, entendeu as combinações feitas em aula, respeitou as combinações, ãh, entendeu os objetivos das aulas, participou de maneira, ãh, interessada na aula, não participou, dispersou demais... então, é

nesse sentido, sabe... a gente... lá na escola particular, por exemplo, a gente trabalha com a perspectiva, ãh, de... a gente usa a metodologia de jogos... de jogo... sempre através do jogo, mas pra atingir o objetivo dentro da perspectiva desenvolvimentista, assim... então, no final de cada trimestre, a gente tem... ta observando lá, pó, ãh, se no primeiro ano, ãh, os alunos saem conseguindo, ãh, fazer com naturalidade o movimento de corrida lateral, por exemplo... corrida de costas, ou saltando com um pé só... então, a gente vai nessa questões do desenvolvimento motor... lá na Vila a gente deixa isso meio de lado, a gente foca mais na questões organizacionais e sócio-afetivas deles nas aulas de educação física... então, é a partir disso que eu avalio... né... eu nunca vou avaliar mal na minha vida, por exemplo, uma criança com dificuldade locomotora, com... tem muitas, muitas crianças com paralisia infantil, tem muitas crianças cadeirantes nas aulas, tem muitas crianças com Síndrome de Down... então, a gente avalia em relação a como é que se portou na aula dentro do que a gente propôs, assim, sabe... mas nunca em relação a habilidades ou competências que ela venha ter adquirido nas aulas, porque justamente a gente não foca na produção deles, a gente não foca... a educação física é um pano de fundo pra questões muito maiores, muito mais básicas... a gente ensina eles a comerem no refeitório, ele pegam as comidas com as mãos... tu acompanhou lá, né? É uma lambança... tem que ensinar eles a cortar com garfo e faca, tem que ensinar eles a não botar a boca no prato e virar a sopa pra dentro da boca, tem que ensinar ele a lavarem as mãos depois de comer... coisas, assim, que são muito básicas pra gente ficar pensando em avaliar eles a questão de competência nas questões do movimento, né... então, a avaliação é por aí.

A : Das teorias e das práticas vivenciadas durante a graduação, o que serve ou não serve hoje para o seu trabalho pedagógico na escola?

C : Bah, tchê, sabe que a ESEF não te prepara pra realidade que... a ESEF e nenhuma faculdade, né, preparam pra realidade que a gente ta enfrentando lá.. ãh... enfim, eu tive que... quando eu fui pra lá eu tive que desconstruir totalmente a minha idéia de uma aula ideal, né... isso aí eu falei muito pra ti aquele dia e até te avisei com antecedência no telefone pra tu não ser pega de surpresa, né... ãh, uma das coisas que eu tive que trabalhar na minha cabeça foi uma desconstrução de um modelo ideal de aula... de que, ah, chegar, alongar, aquecer, fazer a parte principal, fazer uma parte final, fazer uma volta a calma e entregar a turma na sala de aula, sabe? Isso aí lá na Vila tudo se mistura, né... então, tem que desconstruir esse ideal de aula... então, poxa, tu me pergunta o que eu aprendi na faculdade e o que eu não... o que eu uso lá, ãh, puxa, muito da minha bagagem... essa bagagem de jogos, de brincadeiras lúdicas, isso daí tudo a faculdade me deu bastante base, né, mas, agora, aquelas questões de teorias de treinamento, metodologias de treinamento, a própria parte de avaliação, ãh, coisas, assim, que eu lá se passam muito longe da realidade que a gente passa lá na Vila, sabe? Então, ãh, os próprios estágios, o estágio que eu fiz foi numa Escola Estadual e... na escola Paulo da Gama, até com o Molina, foi com o Molina... e foi bem bacana o estágio, sabe? Mas foi um estágio, enfim, que eu consegui ter a turma na mão, sabe... como estagiário não tive problemas em dar conta da turma, sendo que nessa realidade da Prefeitura... nessa realidade que eu vivo... e falo porque eu sei que tem muitos colégios na Prefeitura que são maravilhosos, tem uma realidade totalmente diferente, ãh... mas a realidade que a gente vive lá é muito complicado tu chegar novo, assim, e já conseguir sair dando aula, então, ãh, o próprio estágio docente que eu fiz pro final da... do meu trabalho me ajudou nessa questão... questões pontuais de atividades e tal, de manejo de turma, mas não me preparou pra essa realidade mais violenta da... pouca gente brigava em aula, pouca gente se xingava, existia um respeito com o professor que lá a gente ta construindo, lá eu sou muito xingado, lá o meu ouvido é um filtro, né... eu tenho lá que separa briga, né, lá eu tenho que me meter no meio de soco e pontapé, coisa que eu não tinha vivido até chegar lá, entendeu? Vivi o que a faculdade me

ajudou bastante foram arbitragens em jogos da Escola Cidadã, sabe, que tinha até pouco tempo atrás e que pegavam os alunos da faculdade pra fazer as arbitragens, então eu ia pro Parque Marinha, pro Araribóia, pra não sei aonde, às vezes até na ESEF vinha os colégios Municipais e Estaduais, então, aí sim a gente tinha uma realidade parecida, então, pô, isso me ajudou, mas eu acho que especificamente pra essa realidade que a gente vive lá tu aprende bastante na prática, né... tu trás alguns elementos que tu recebeu na faculdade... a faculdade serve como exatamente como uma base mesmo, porque tu vai aprender na prática lá... porque lá tu aprende muito na prática... tem professores lá que tem muito pouco de didática, ãh, mas que tem muita cancha, que tem muita... saber lidar com os alunos... então, que conseguem muitas vezes fazer muito mais coisas do que eu, que me considero um cara com condições, assim... uma condição diferenciada em relação a média, assim, a experiência em manejo e tal, mas porque as pessoas tem esse... mais tempo de cancha... tem mais tempo... tem uma coisas que são... saber lidar com certas situações... então, ainda me sinto muito afetado quando tem crianças brigando, quando rola chute na cabeça... eu fico muito mal... vou pra casa mal... e tem professores que, eu não sei se é o certo, é deixar as coisas da Vila lá na Vila, sabe? Pô, eu quando... tem criança que me xinga, que me ameaça, diz que vai furar os pneus do meu carro e eu saio chateado... não com medo que façam as coisas, mas saio chateado, digo “puta merda, esse aluno aí vai me querer mal, vai me...” e não é... eles têm muito pouca memória, sabe? Na aula seguinte eles já tão te abraçando... e eu to pegando isso aos poucos, ao passo que tem gente que às vezes tem menos condições, assim, de dar aula e dá aula muito melhores porque, justamente, estão mais acostumados... então, eu acho que a faculdade me deu muita base, mas não me preparou, ãh, pro que eu vi lá naquela Vila... meu deu alguns elementos pra eu enfrentar pra o que eu to vendô lá, mas o principal, assim, eu acho que, bah, lá é só vivenciando no dia-a-dia... tanto que tem gente... teve dois professores que entraram junto comigo lá no colégio de outras áreas, um da música e uma das séries iniciais... professora... pedagogia, assim... e desistiram, largaram... do Concurso esse que a gente entrou, da turma que foi chamada junto comigo só eu fiquei, os outros arrepriaram... não aguentaram o tranco... e é uma coisa muito forte, né... não dá pra culpar... pra dizer “bah, que fraco”, não, putz, é... não é pouca coisa e ta melhor... dizem que em relação ao que era, o colégio ta bem melhor... diz que antigamente tinha muita invasão, muita invasão... antigamente tinha muito problema, assim, de a polícia subir o morro e a bandidagem se refugiar na escola ou usar a escola de passagem de um lado ao outro pra fugir pelo outro lado da escola, pelo beco... coisa que eu não vi mais desde que eu entrei, sabe? Então, é isso. Não sei se responde ao que tu queria saber... a nossa faculdade... é porque é uma questão muito difícil de responder, assim, sem parar e pensar um tempo, né... mas, é, claro que... puxa vida... a minha formação eu acho que foi muito boa... a faculdade... nossa formação, eu acho que é diferenciada na ESEF em relação a outras faculdades, mas, é que a realidade que tu enfrenta lá é muito diferenciado e eu não sei nem... tu me diz, “bah, tu diz que a ESEF te preparou pouco pra essa realidade”, eu digo “sim”, mas, ao mesmo tempo como é que ela poderia te preparar? Putz, não sei como poderia ser diferente, né... daqui a pouco fazendo estágios em programas sociais, em... mas não sei, é uma coisa... essas questões de currículo são muito complicadas, né.

A : Então, só para finalizar, se você quiser acrescentar alguma coisa ou ressaltar algum aspecto ou algo que eu não tenha perguntado...

C : Acho que eu falei até demais, né... eu vou me emocionando, vou falando, vou falando, mas... não... foi bem bacana... espero ter te dado bastante elementos aí, pra tu tocar esse teu trabalho que é, pô, é bem importante, bem legal e espero que os outros professores estejam... que estão recém ingressos na SMED, que eles estejam se sentido bem em relação ao trabalho que estão fazendo, como eu to me sentindo, né, apesar de toda dificuldade que a gente tem,

né, é... hoje em dia, dos quatro empregos que eu tenho, são três em escolas particulares e mais a Prefeitura o único que eu não largo, o último, minha última opção de largar é, justamente, a Prefeitura e é o lugar mais difícil... o lugar que mais me dá... me trás complicações, que eu mais me estressa em trabalhar... mas tem um retorno afetivo muito grande e tem todas as questões que eu falei aí que acabam fazendo valer a pena o trabalho na SMED.

A : Ok, então. Muito obrigada pela contribuição.

C : Valeu, eu que te agradeço.